

Magazine mensal illustrado
Livraria FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SEIÇÕES

N.º 65 — Novembro 1910

Assignatura } Semestre.. 1\$200
 } Anno 2\$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Annuario Cominercial

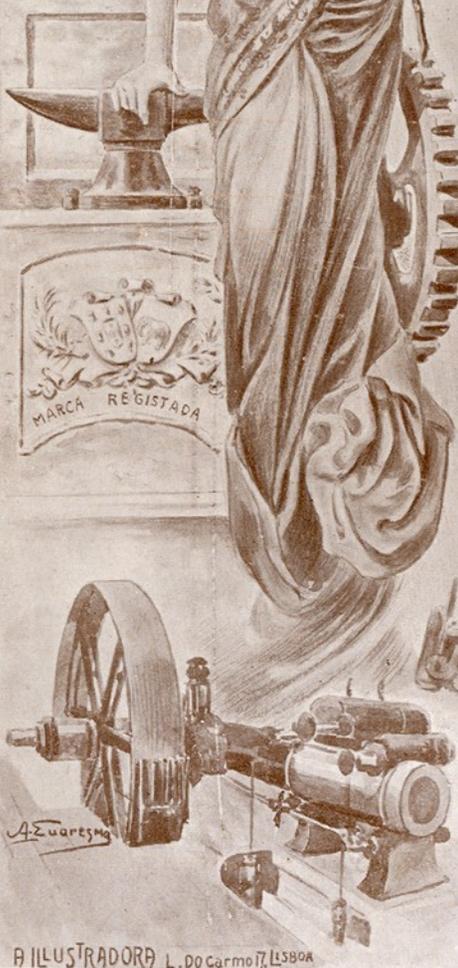
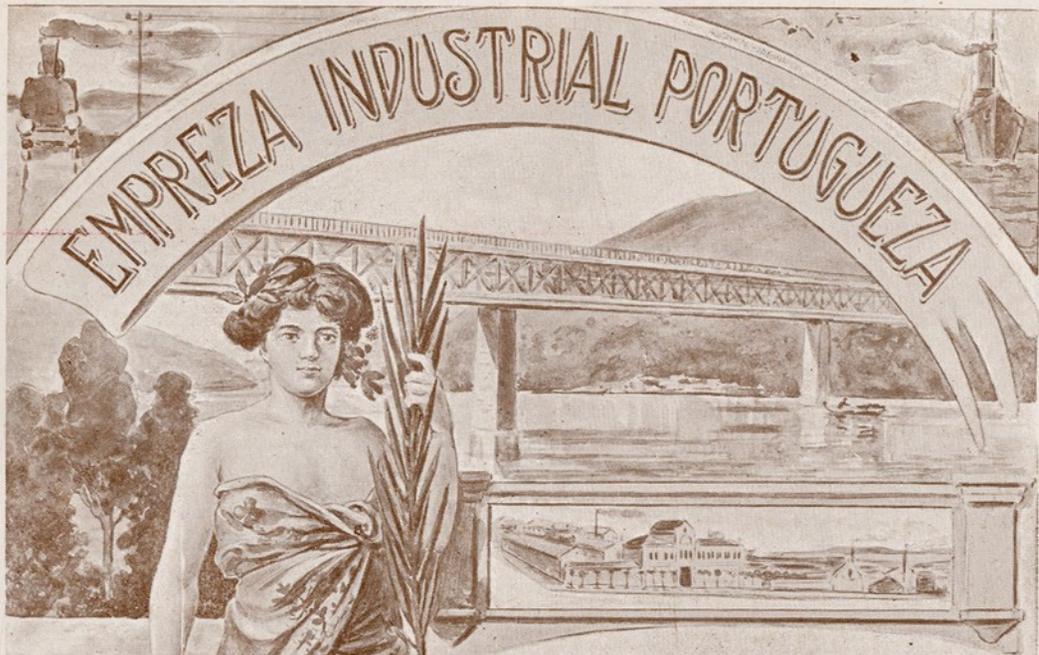
IMPRESA
- ABIL 1940



Theophilus Braga

F. 17741110 91

EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA



MARCA REGISTRADA

A. Suarez

A ILUSTRADORA L. DO Carmo LISBOA

A MAIOR E MAIS IMPORTANTE FABRICA PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construção de pontes,
vigamentos e estruturas metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES
Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos
SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRITORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE

N.º 256—BELEM

Telegrammas

Santamaro

LISBOA

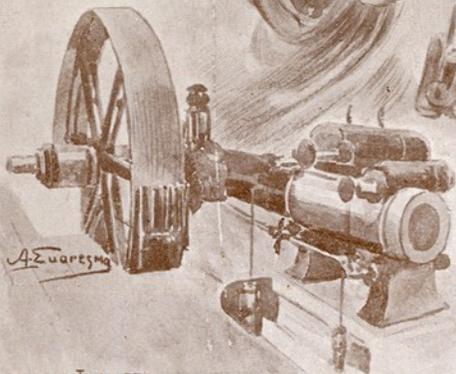
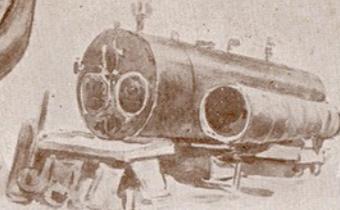
Deposito d'Exposição Permanente

AVENIDA DE D. CARLOS

E

RUA VASCO DA GAMA

LISBOA



Summario

<u>MAGAZINE</u>	PAG.
A LEITURA D'UMA SENTENÇA Quadro de Wulffart (<i>Frontispicio</i>)	322
O PASTOR DA SERRA DA ESTRELLA (4 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por ALVARES D'ALMEIDA	323
JORNADEANDO (<i>Versos</i>) por D. BRANCA DE GONTA COLAÇO	329
O CASO DO MERGULHADOR (2 <i>illustrações</i>) versão do inglês por MANUEL DE MACEDO	330
LÁ NÃO SEI ONDE... (<i>Versos</i>) por ALEXANDRE FONTES	335
RUINAS (<i>Versos</i>) por MARIO MONTEIRO (1 <i>illustração</i>)	336
OS ESTUDANTES DE PARIS (7 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por A. RIBEIRO	337
HABITAÇÃO MODERNA (2 <i>vinhetas</i>) por J. LINO DE CARVALHO	345
MORTOS QUE VIVEM (6 <i>illustrações</i>) por ARTHUR BELMONTE	347
QUADRAS (<i>Versos</i>) por LUIZ SOARES	354
O CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA (1 <i>vinheta</i>) por CARNEIRO DE MOURA	355
A COMEDIA E O DRAMA ACTUAES NA ITALIA (8 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por EDUARDO DE NORONHA	357
ANTE A FIGURA DA REPUBLICA (<i>Versos</i>) por J. REGALLA	368
A REVOLUÇÃO EM LISBOA (28 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por LUZ B. LINO	369
A ULTIMA CARTA (<i>Versos</i>) por D. MARIA DE CASTRO	381
ACERBUM COR (<i>Versos</i>) por ALBERTO CORRÊA	382
O SERVIÇO TELEGRAPHO-POSTAL PORTUGUEZ ATRAVÉS OS TEMPOS (1 <i>illustração e 1 vinheta</i>) por HENRIQUE DE OLIVEIRA	384
ECCOS E REFLEXOS (4 <i>illustrações e 1 vinheta</i>)	392
<u>A MUSICA DOS SERÕES</u>	
A PORTUGUEZA, musica de ALFREDO KEIL e letra de H. LOPES DE MENDONÇA	4 pag.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — <i>Notas sobre Anthero de Quental</i> , 1 vol. br.	700
Conan Doyle — <i>Aventuras do Brigadeiro Gérard</i> , 2 vol. ilustrados, cada	200
José de Figueiredo — <i>O pintor Nuno Gonçalves</i> , 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1\$500
Antonio Sergio — <i>Rimas</i> , 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — <i>Peregrinação</i> , edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — <i>Obras</i> , 2 vol. br.	1\$200
André Brun — <i>Dez contos em papel</i> , 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — <i>Diccionario Pratico Illustrado</i> , 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3\$000

CASTELLO DE MOURA



Afamadas aguas minero-medicinaes e indiscutivelmente as melhores de meza.

Refrigera os sãos
e cura os doentes

Grand Prix, Rio de Janeiro 1908 — Medalhas de Ouro, Madrid 1907, Porto 1904 — Medalha de Prata, S. Luiz 1904.

TELEPHONE 880

Deposito geral: Rua Arco do Bandeira, 24

Expediente

Aos nossos assignantes dos “**Serões**” que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envió pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine “**Serões**”.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quartéis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas differentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3\$000 réis

Colladas em panno, envernizada, com reguas de madeira **5\$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de novembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer encomenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.^A

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de novembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer lugar nos espectáculos realizados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de novembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de novembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar do

ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de novembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de novembro 1910

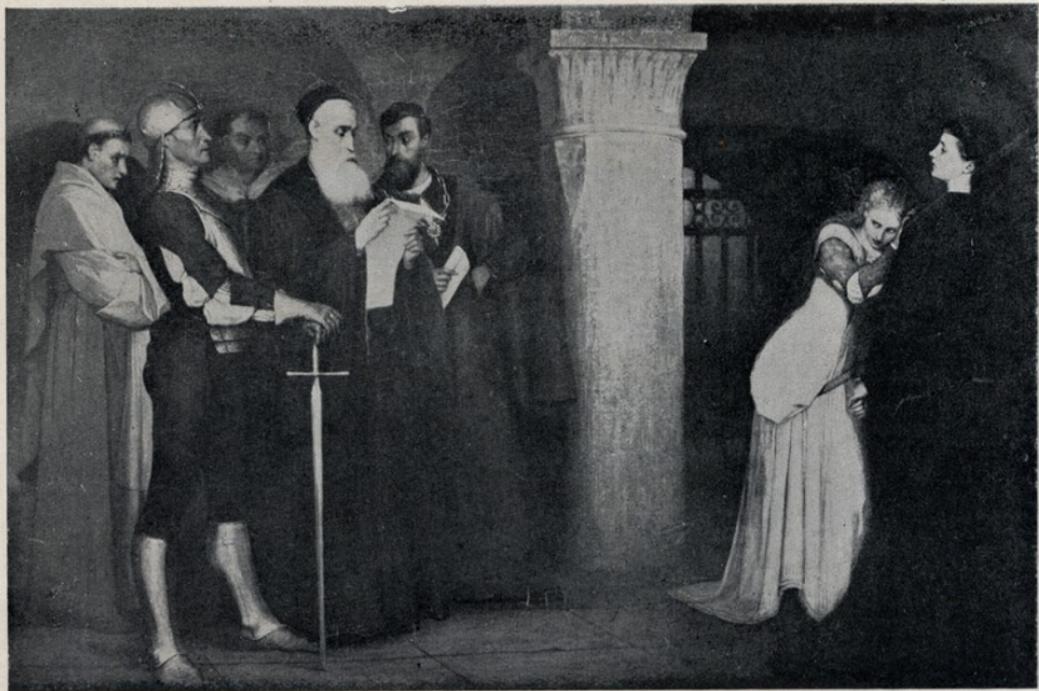
SERÕES

N.º 65 - NOVEMBRO



LIVRARIA FERREIRA-EDITORIA

132, RUA DO OURO, 132 LISBOA



A leitura d'uma sentença

Quadro de Wulfart



ALMOÇO DE PASTORES

O pastor da Serra da Estrella

Ao almirante Augusto de Castilho



pastor da Estrella, olhado exteriormente, pertence mais á serra do que á humanidade das eras actuaes.

A sua historia e a historia geologica da montanha, se não se desenrolam chronologicamente, têm comtudo uma estranha similhaça de factos.

Os geleiros do periodo glaciario, movimentando os blocos graniticos, abriram-lhes estrias, aprofundaram-lhes sulcos, poliram-os, deixando-os perfeitos e lisos como se fossem trabalhados com instrumentos da mechanica.

Nos encontros bellicos e nos fortes abalos das differentes civilisações, o pastor sofreu brunaduras, vincos, mas como as pedras da montanha parece não ter experimentado transformações internas.

Quando o encontramos immovel, sentado na roca d'onde vigia o numeroso rebanho, julgamo-lo um filho d'essas figuras graniticas, com fórma humana, que surgem na lombada da serra como atalaias petrificadas dos seus ascendentes.

Os filhos pequenos, já ensinados na arte de entender e curar o gado, mais nos parecem reduções de velhos pastores gastos

pelo attrito do tempo, do que serranos em crescimento nascidos de uma ligação amorosa e sensual.

As lanças dos soldados de Sergio Galba e Julio Cesar abriram-lhe as primeiras feridas que a civilização romana lhe cicatrizou em troca da paz. Successivamente godos e arabes lhe deram novos impulsos e novos elementos ethnicos, modificando-o sem todavia extinguir o seu modo de ser fundamental.

Hoje, como nos dias brilhantes do imperio kordovez, é-lhe indifferente a luz civilisadora, e apenas adora a sua montanha que o abriga nas anfractuosidades das rochas, alimentando-lhe as ovelhas de *servum* e a lareira de zimbro.

Um pegureiro celta fossilizado, vestido de *sagos*, que hoje resurgisse no meio do rebanho, esfregaria tranquillamente os olhos como o pastor acordado da sésta dormida emquanto o gado arroteia do calor, e não estranharia os seus continuadores do seculo xx.

Sómente á ceia notaria a differença no sabor do pão, outr'ora feito de glandes moidas e hoje de centeio escuro. Se fizesse perguntas para ter a explicação d'esta differença, os pegureiros de hoje julgá-lo-hiam um mudo articulando sons incompreensíveis, mas nunca um antepassado resurgido.

Se Julio Cesar apparecesse de novo pelas eminencias dos Cantaros, ao vêr a malta dos pastores comendo arranchados o pão e leite, bradar-lhes-hia colerico:

— Para os valles!

E descendo serenamente as encostas cobertas de nardo, pensaria em retomar a sua cadeira de pretor da Lusitania...

Conservador fanatico dos habitos avoengos, o pastor da Estrella, vestido de pelles e lã, conserva ainda as suas feições primitivas. E' o mesmo rustico de ha muitos seculos, ingenuo, simples, intemerato.

Correndo-lhe nas veias o sangue dos diversos conquistadores que o sugeitaram, o zagal rude e sonhador despreza os perigos reaes e treme perante a lenda de uma superstição infantil.

Na sua alma, os dogmas christãos confundem-se com as revelações dos augures gentilicos.

Os bramidos das aguas das lagôas agitadas pelo vento são gritos dilacerantes das

almas do Averno atormentadas por duendes e trasgos chavelhudos.

Nas noites de lua baça, estival, quando subitamente acordado descobre na serra uma pedra esguia vestida de luar, as subitas impressões visuaes ampliadas e coloridas phantasticamente pela rarefacção do ar, fazem-lhe crêr na visão da moira de Alfatema, a linda filha do emir de Manteigas, colhendo nos sulcos de agua desneveda, por entre o nardo viridente das margens, as rosas amarellas do ranunculo alpestre, deslisando suavemente nas ladeiras de pastos seccos onde corta campanulas roxas que prende nos cabellos como symbols do seu martyrio.

De mistura com as lendas romanas e arabes, elle acredita na lenda christã de Santa Antonina, que nas madrugadas surge da Lagôa da Paixão a abençoar os gados da montanha. Os troncos do zimbro, boiando na lagôa escura, são quilhas desfeitas de naus aventureosas destroçadas no mar longinquo — n'esse mar salgado que não dá ovelhas nem pão.

Talvez por isto, o pastor, ao contrario do algarvio, não gosta do mar.

Para a sua braveza intemerata, a serra é tambem um oceano perigoso onde a audacia se exercita.

A bordo da nau, o mais leve incidente pode metter o nauta no fundo; na serra, o menor descuido despenha o montanhez no abysmo. Cahidos nos dentes dos peixes ou nos gumes dos monolithos, os corpos do marinhheiro e do serrano despedaçam-se por egual.

No mar occultam-se ardilosamente os recifes sob o manto azulado da agua; na serra uma capa de neve alvissima esconde um barathro fatal.

O navegante e o pastor, o primeiro vendo ceu e mar, o segundo olhando ceu e serra, têm vivido para as glorias da patria, dia a dia, momento a momento, contando as horas pelas sombras dos seus corpos, fazendo incidir dois raios visuaes, exactos como os ponteiros de um chronometro, sobre duas estrellas pregadas na immensidade.

O pastor tem o seu ambiente amado, in-substituivel.

Só as ventanias da serra lhe favorecem a gymnastica dos pulmões. Os ares mornos dos valles fundos e os ventos humidos dos mares são-lhe por egual adversos.

Guerreiro indomavel nas crises graves da sua patria, não comprehende a paz armada. O seu temperamento de animal generoso, só experimenta necessidade de defeza quando o atacam. Então, affirma-se como um companheiro de Viriato.

No quartel, as correias comprimem-lhe a respiração, a voz do commando mede-lhe os passos, o timbre do clarim manda-o levantar, vestir, perfilar, comer, trabalhar e dormir.

Quando passados annos o quartel o restitue á serra, o pastor sente-se desfibrado. Daqui o terror da idade do alistamento que bem póde chamar-se o *terror vintenário*.

Passar os vinte annos é mais afflictivo e perigoso que dobrar o *Cabo das tormentas*, mais difficil e arrojado que desbaratar uma legião inimiga.

Como nos tempos de Julio Cesar, o pastor não gosta de abandonar a serra.

Sente tanta repugnancia em se alistar no quartel, como soffria em se alistar nas legiões romanas. Os

seus antepassados suicidavam-se nas fulgurações tragicamente heroicas das fogueiras; hoje, ainda alguns pastores, para fugirem ao ambiente militar, pagam na serra o tributo de sangue, atirando-se sobre os dentes de uma penedia, ou mutilam-se supprimindo um membro requerido pela lei.

Um abandono da serra, em tempos de paz, parece-lhe uma affronta á sua terra e produz-lhe a nostalgia da ausencia da patria. Na tarimba da companhia, durante os primeiros tempos de recruta, não é raro ao toque da alvorada ver-lhe a travesseira molhada de pranto, e é mesmo frequente, nas horas de folga, encontrá-lo a chorar n'um recanto do quartel.

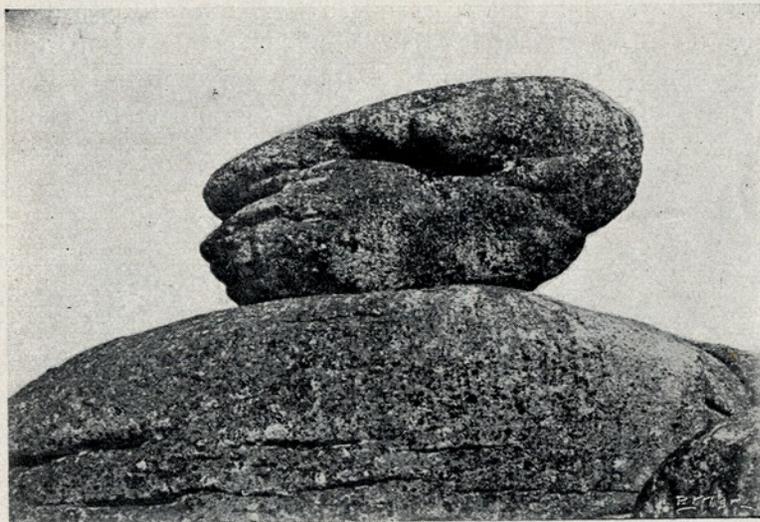
Mas levem-no para os campos da batalha, a galgar serras e valles, a combater os

chamados inimigos da patria, e a bayoneta, veloz e terrivel como o alfange de dois gumes dos seus avós, cortará os corpos adversos com a firmeza empregada em ceifar as espigas do centeio nas encostas da serra.

Habitado a encarar do alto da Estrella o fuzilar dos raios desfazendo-se em fitas vermelhas sobre o cume dos outeiros, o estrondo dos combates não o amedronta, antes lhe acorda os impetos guerreiros em toda a plenitude da sua braveza.

O seu golpe é cego e rapido como o da faisca electrica. E' preciso vencer depressa... Sabem que «em acabando aquillo» voltariam logo á serra, por isso quanto mais depressa melhor, não deve perder-se um cartucho, uma bayonetada.

Contava-me em 1907 um rude expedicionario, que nas guerras africanas só perdia tiros, quando ao chegar ao cume das montanhas, se esforçava por descobrir com a sua pupilla de lynce a lombada azul



CABEÇA DO PRETO

da serra da Estrella — da sua serra...

O pobre soldado, ignorando a forma da terra, confiava nos seus olhos para vêr de Angola as eminencias da Estrella que elle julgava poder ver-se de todas as partes do mundo!

Dizia-me elle ainda com os olhos humidos de saudade mal satisfeita:

— «Oh! meu senhor!... Passarinho da Serra da Estrella, onde se cria, lá se desaja!...»

E no rosto queimado pelos ardores do sertão, reflectia-se-lhe a alma feita de contrastes originados na diversidade dos sangues herdados, passando alternativamente da bravura ao sonho, do extasi á carnificina, da praga á oração.

Este serrano pacifico, regressado ha pouco

da peleja, era o legitimo descendente desses portuguezes antigos que gemiam durante a paz as estrophes de poemas amorosos e rugiam na India amedrontando os leões das florestas industanicas; corações brandos que se desfibravam de saudade quando as ondas mansas do Restello lhes embalavam as naus da viagem, e se diamantisavam triumphaes no fragor horrendo das vagas tormentorias; peitos esforçados que se abriam latejantes, a desfallecer de amôr, quando o abraço da esposa ou o vagido de um filho os separava na praia, e se tornavam escudos vulcanicos contra os raios propheticos do Gigante Adamastor...

Aquelle pastor ainda hontem aggressivo como um leão, agora manso como um dos seus borregos, despertou na minha alma todas as reminiscencias historicas de um povo cavalleiroso e pacifico.

Elle voltou pobre e simples como partira, sabendo bem que a victoria a nenhum



LAGOA DA PAIXÃO

outro dos combatentes aproveitaria menos.

Na verdade, admittindo a hypothese de uma guerra formidavel com todas as rupturas commerciaes e moraes, de todos os portuguezes seria o pastor o que menos soffreria.

Quando o hedjeb Al-Mansor, flagellava as beiras, só o pastor vivia sem fome, abastecido de gado e pão.

A ovelha e a serra são as suas unicas fontes de riqueza.

A ovelha dá-lhe o garruço para o inverno, os safões, as jaquetas de pelle, a lã para a manta — o leite ambulante suspenso do hombro — e o leite para os queijos saborosissimos, curados á sombra, sobre ramarias de giestas seccas ou sobre a palha fresca da ultima colheita.

Nas encostas e valles mais abrigados, cria-se o centeio que as mulheres, depois de cosido, depositam nos ermos das serra, em cavidades abertas nas rochas, chamadas *Arcas de pão*, onde os pastores vão buscar-o, conhecendo cada um o seu pelos signaes que os dedos da esposa deixaram na massa.

Na *Arca do pão* nenhum estranho toca. Perante ella a probidade é levada até á superstição: a altitude da serra fica tão proxima da mão de Deus que todos sentem por ella, n'um caso de tentação, o respeito formidoloso que os Bethsamitas castigados experimentavam pela

Arca do Senhor.

O *touriste* contenta-se em a olhar, sabendo-a abastecida quando está fechada com lascas, e vasia no caso contrario.

E' nestas cavidades que o pastor guarda o seu principal alimento: pão, leite e, de longe em longe, um cabrito; eis todos os mimos do pastor. Os mesmos viveres de um herminio de ha muitos seculos.

Um amigo meu em viagem de recreio pela serra, vendo approximar-

se-lhe um pastor seguido do cão, estendeu ao pobre homem uma tigella de café com genebra.

O pastor olhou o liquido; o cão farejou. Cão e dono entreolharam-se...

— «Para qual delles seria?»

— Então?... insistiu o meu amigo.

— Nós e os cães, meu senhor — respondeu-lhe o pastor torcendo envergonhado o

chapeu nas mãos — só comêmos pão e leite...

As comidas e bebidas de guerra são-lhe inteiramente desconhecidas. Por enquanto, só um vicio da civilização conseguiu subir as faldas da serra, dobrar os môrros, galgar as ravinas, escalar rochedos, voando nas azas do vento em subtis ondulações até chegar aos cumes da montanha.

Foi o tabaco!

O fumo desta planta é no pastor o fumo do unico sacrificio que elle faz á sociedade do seu tempo, o unico laço que o prende ás elegancias da sua idade!

Não diz a historia por que mão entrou o cigarro na serra.

Seria o contrabandista fugido ao fisco, que pagaria ao pastor o refugio generoso, ensinando-o a fumar?

Na minha opinião o cigarro subiu a serra entalado na orelha do pastor que ao deixar o ambiente da caserna, se esqueceu de o queimar festivamente no acto de receber a guia de marcha.

O peccado entrou no mundo por uma mulher; o cigarro entrou na serra por um recruta. Não consta da historia que Deus fizesse ribombar o seu anathema pelos echos do Espinhaço de Cão, mas talvez rese a lenda que o ceu firme e azul dos seus avós desmaiára ao calor sacrilego do tabaco de fumo.

O primeiro cigarro irritou-lhe os bronchios zangados. Depois os bronchios aquietaram-se, e o tabaco passou a ser um manjar delicioso.

Actualmente, para o pastor, como para todo o fumador apaixonado, o cigarro é um fiel amigo da solidão, um grande anestesico das tristezas. Quando não consola, distrahe; se não cura a dôr illude-a. Para

muitos, é como o biberon na bocca das creanças com dores...

Nas horas de infelicidade, quando todas as affeições se retrahem, lembra a amisade do cigarro. Até os que desde longa data interromperam as suas relações com elle, por motivos de saude, nos momentos de angustia, passeiando febris ao longo do quarto ou



UM ACAMPAMENTO NO COVÃO DO BOI

no retiro dos campos, pensam desoladamente:

— «Se aqui tivesse um cigarro!...»

Para os mais fanaticos devotos, fumar é respirar. Ha uma substancia tão preciosa como o oxigenio: — o tabaco. O ar compõe-se para elles de hydrogenio, oxigenio e... nicotina. Que lhe tirem o pão, mas não lhe tirem o tabaco. Isto quer dizer: «matem-me á fome, mas não me soffoquem».

Para estes, chupar um cigarro é absorver o fél inevitavel da realidade e expelli-lo transformado em nuvensinhas de fumo aromatico. Nos momentos tranquillos da vida, abrem instinctivamente a bocca para encherem de ar os pulmões, e destampam inconscientemente a caixa do tabaco para encherem o peito de fumo.

Ah! o tabaco é um manjar precioso! Um fumador idealista não teria duvida em afirmar que os Anjos são excellentes fumadores, que a via lactea é uma extensa fuma-

ceira, e cada estrella a ponta de um charuto em brasa.

E todavia o amor do tabaco é perigoso e mundano como o amor illicito de uma mulher linda: fazem-se mil protestos de a não tornar a vêr, de não tornar a fumar, mas chega a hora, e quando o protestante mal se descuida, tem o cigarro na bocca e a mulher nos braços.

Como o amor da mulher, a paixão do tabaco começa brincando, atirando um olhar, soprando uma fumaça. O primeiro devaneio e a primeira cigarrilha, fazem chorar os olhos e perder o appetite, produzem tonturas e suffocações.

Em muitos homens, o amor da mulher e do fumo apparecem como dois factos simultaneos. A primeira fumada séria é absorvida quando é preciso narcotisar a primeira pulsação grave do coração. Depois a paixão do fumo cresce na razão directa da paixão da mulher: á cardealgia affectiva corresponde a cardealgia tebaica.

Ai dos que bebem um olhar!... Ai dos que saboreiam uma fumada!...

O pastor saboreou e ficou vencido. Hoje adora o tabaco. Mas as difficuldades de communicações, e sobretudo os da pobreza, raras vezes lhe permitem saboreá-lo, e ilude o vicio fumando ramas seccas previamente molhadas n'um banho de vinagre.

Nos valles e nas aldeias já os cigarros abundam sendo muito apreciados para «chegar á fala» de quem se não conhece. Assim dois camponios que o acaso fez encontrar não sellam boas amizades permutando cartões, mas sim trocando dois cigarros.

— Vá lá um dos meus!... offerece um camponio tirando o maço da cinta.

— Agora um dos meus!... corresponde o outro vendo os cigarros no fim.

(Continúa.)

E ficam assim amigos, «p'rá vida e p'rá morte».

Na serra é que esta permuta se não realisa.

O pastor quando o *touriste* lhe estende um cigarro de puro tabaco, recebe-o tendo nos olhos a alegria sensual, e nos labios o tremor convulso do faminto a quem se offerecem eguarias deliciosas.

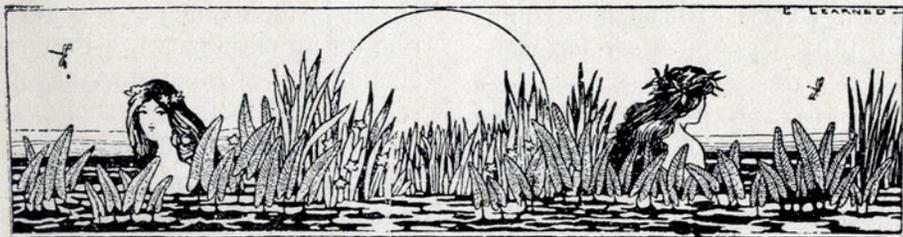
Se o *touriste*, avido de beber um copo de leite refrigerado n'um corrego de agua desgelada, se lastima de não ver ovelhas, o pastor sorri... E mettendo dois dedos na bocca ou torcendo a lingua contra os dentes, solta um assobio cortante como lamina afiada que parece fender os rochedos, tirando de todas as pedras ovelhas, as quaes veem reunir-se pressurosas em volta delle, ás centenas, aos milhares.

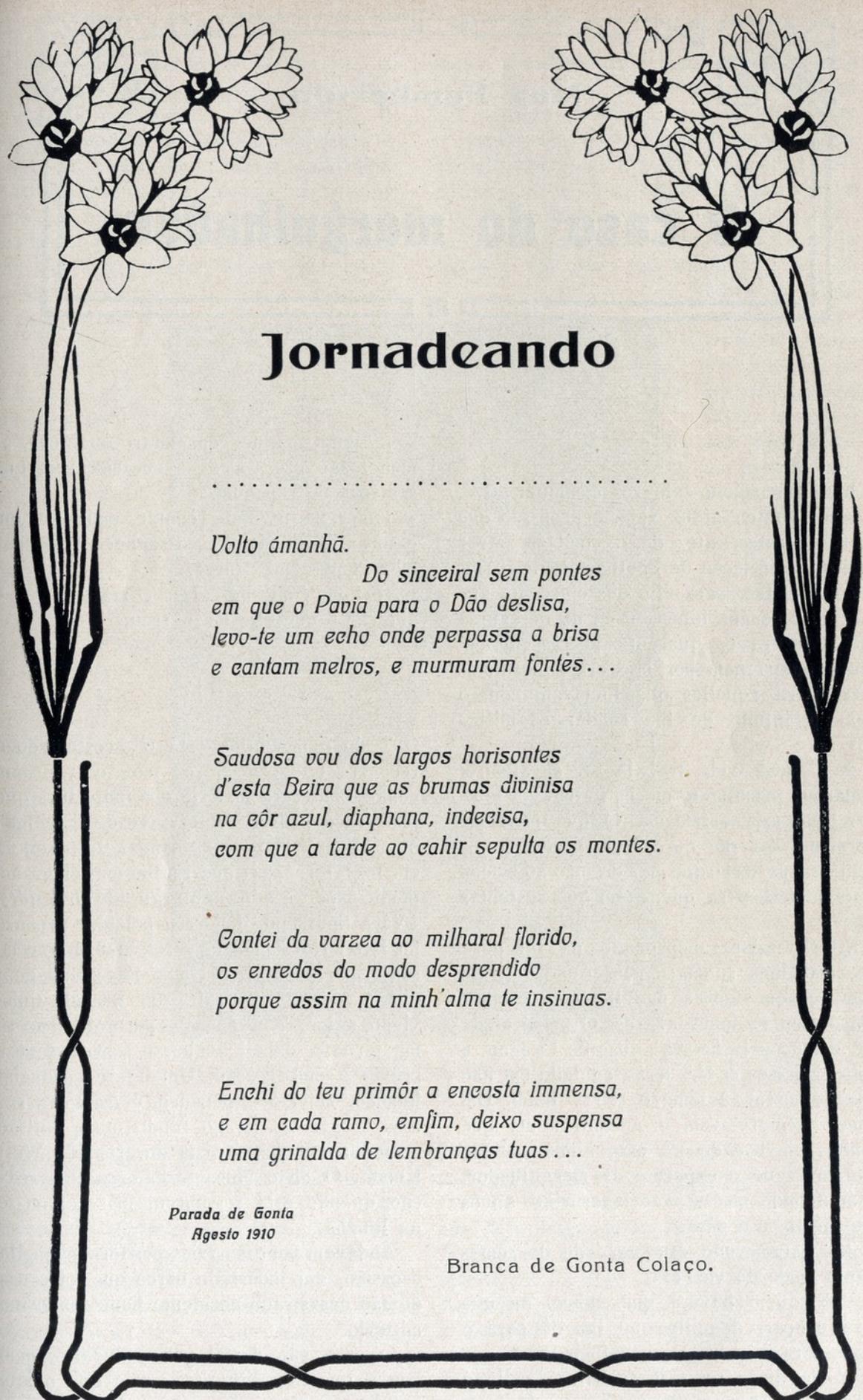
Esta disciplina regulada por um assobio dominador de tantos vultos cobertos de lã, a correrem intemeratos pelas orlas dos abysmos, saltando das eminencias verticaes, subindo escarpas perpendiculares, sumindo-se além, reaparecendo acolá, faz lembrar os tempos de Canthero e Viriato quando os lusitanos vestidos de lã negra deitados sobre o escudo concavo e a lança de cobre estendida sobre a relva, armavam ciladas aos romanos, surgindo encantadamente mal um assobio ou a busina do chefe dava o signal do ataque.

Quando em vez dos atitos bellicos se sente o doce balar do gado, a alma serena e o palato extasia-se ouvindo cantar brandamente o fio do leite cahido do ubere sobre a velha ferrada de lata.

E foi um simples e misero cigarro que operou todos estes movimentos, comprando ao *touriste* uma ferrada de leite saborosissimo.

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.





Jornadeando

.....

Volto ámanhã.

*Do sineiral sem pontes
em que o Pavia para o Dão deslisa,
levo-te um echo onde perpassa a brisa
e cantam melros, e murmuram fontes...*

*Saudosa vou dos largos horisontes
d'esta Beira que as brumas divinisa
na côr azul, diaphana, indecisa,
com que a tarde ao cahir sepulta os montes.*

*Contei da varzea ao milharal florido,
os enredos do modo desprendido
porque assim na minh'alma te insinuas.*

*Enehi do teu primôr a encosta immensa,
e em cada ramo, emfim, deixo suspensa
uma grinalda de lembranças tuas...*

*Parada de Gonta
Agosto 1910*

Branca de Gonta Colaço.

Max Pemberton

O caso do mergulhador

I

Era um sujeito alegre, communicativo, que me contou a sua vida, a profissão que exercia, antes, até, de o comboio haver largado da estação de Southampton.

Attribuí-lhe, para ahi, uns cincoenta annos; elle, porém, informou-me de que ainda não prefizera os quarenta, accrescentando que o tempo nem por isso era muito amovavel para aquelles que luctavam com o mar no intuito de lhe sondar os mysterios.

— E' uma vida trabalhoza, cavalheiro, declarou; comquanto me não atreva a afirmar que seja arriscada. O que mais me atormenta é a dôr de cabeça. Dizem-me os medicos que terei que dar de mão ao officio, triste noticia para quem tem que sustentar filhos.

Estaria agora empregado na tal obra dos trabalhos submarinos, se não fôsse o meu achaque — mas não lhe quero tomar tempo com os meus azares. O peixe ainda não estancou lá nessas aguas do Oceano, e Nelson, James & C.^a terão cuidado em não deixar morrer á fome o Harry Bobb. Um homem sempre vem a encontrar em que ganhe um bocado de pão, ainda quando não envergue o capacete de mergulhador, e, aqui onde me vê, vae fazer vinte annos que lhe tomo o pêso.

— E ainda não está cançado de semelhante modo de vida?

— E quem haverá que cance, ou que deva cançar, daquillo que lhe dá para o pão e para a manteiga, cavalheiro?

Tenho amôr ao meu trabalho — elle é que m'ô não tem a mim.

E' um trabalho como outro qualquer, as mais das vezes, mas ha occasiões em que sae fora do commum.

Poder-lhe-ia, até, contar mais de um caso extraordinario, se o senhor tivesse paciencia para me aturar.

— Pois conte-me algum, repliquei, — e ahi vae o que elle me narrou.

II

Todo o mergulhador está acostumado a receber telegramas, e não o assustam como acontece á maioria dos individuos que têm fraco pensar. Voltava eu de trabalhar numa ponte, lá para as bandas do oeste, cá em Inglaterra, eis que recebo um telegrama participando-me o naufragio do *Ironsides*. «Vá a Southend, dizia a papeleta, e procure no Hotel Novo miss Mac Naghten. Barco ao seu dispôr. Não perca tempo. Játe afundado.»

Eu, desde que saíra de Bristol, tinha vindo a ler os jornaes, e portanto, não se me tornava difficil avaliar o serviço e descrever a embarcação. Um iáte de pequena lotação, movido a petroleo, o *Ironsides*, rezava a gazeta, foi ao fundo numa colisão com outro navio, á vista do areal de West Knock. O dono vinha sósinho na embarcação quando esta sossobrou, mas salvou-se na lancha.

Andavam poucos navios por fora, naquella occasião, e o nome do barco que foi causa de tão desastrado accidente ficou sendo um misterio.

O caso não deu logar a duvidas, nem houve quem o discutisse, visto que o iáte não estava no seguro.

E ahí tem o que eu li nos jornaes, e fiquei inteirado quanto á especie de trabalho que me esperava lá em Southend. O dono, certamente, já haveria entregado o negocio nas mãos de qualquer companhia de salvamento, talvez que nas dos meus patrões, a firma Nelson, James & C.^a, e sendo assim, poder-se-ia proceder ao exame do navio afundado, antes de se tentar a extracção. A mi-

nha propria tarefa não apresentava difficuldades de maior, comtudo; nem me haveria preocupado, se não fôsse a tão curiosa incumbencia de ter de procurar uma senhora. lá em Southend. O jornal dizia que o dono do iáte era o senhor Jay Luxhill, procurador, em Harwich; mas por que será, que ella não veio ter comigo á estação, e que terá essa tal miss Mac Naghten que ver com tudo isto! O caso era esquisito; dava-me que pensar, e não pouco.

Seriam quasi oito horas quando alcancei o Hotel Novo, em Southend. O porteiro disse-me que miss Mac Naghten estava jantando, mas que tinha dado ordem, visto estar á minha espera, de me não deixarem ir embora sem lhe falar. Recado de tanta impaciencia, vindo de uma senhora, a proposito da carcassa afundada de um iáte, interessou-me a valer, e o que depois se deu não me causou menor surpresa.

Ainda bem eu não tinha dado entrada numa saleta do primeiro andar, eis que vejo

surgir a mulher mais linda que me lembre de ter visto em minha vida. Mais alta do que eu, obra de uma a duas polegadas, com o cabello mais preto e a pelle mais alva em que eu jámais puz a vista; e uns olhos meigos em que se lia a bondade da alma, e um verdadeiro thesouro de ternura femenil. Notei, desde logo, que se achava em estado de immensa agitação, pois ainda bem me não

tinha mandado sentar, e já entrava a expôr-me para ali as suas afflicções; a falar, a falar, sem uma pausa, e a passear para cá e para lá, á roda do quarto, tal qual um lindo animal, prisioneiro numa jaula catita.

— E' empregado da firma Nelson, James & C.^a? encetou a sujeita.

— Saberá que sim, minha senhora. Chamo-me Harry Robb, e sou o mergulhador mais antigo, ao serviço da firma.

— Disseram-lhe o motivo porque eu o mandei chamar?

— Envia-ram-me um telegrama partici-

pando que se tinha afundado um iáte, e nada mais, minha senhora. Faço ideia do restante, porque o li nos jornaes. Dizem-me que se submergeu no canal para além de West Knock; presumo que será um caso de salvamento, e que a senhora será parente do senhor Luxhill, dono do barco.

Respondeu-me á pergunta, supposto eu esteja na fé de que ouviria apenas metade de quanto eu tinha dito. O accionado, os modos, o aspecto, eram de pessoa que se en-



A FALAR, A FALAR, SEM UMA PAUSA, E A PASSEAR PARA CÁ' E PARA LA'

contra em estado de intensa afflicção, e percebi que me queria dizer o que quer que fôsse, um tanto custoso de dizer.

— Não sou parente do senhor Luxhill, graças a Deus! exclamou, de chofre. Nem tenho nada que ver com o iáte, senhor Robb. Vejo que é um homem de bem. Pedir-lhe-ei, pois, que guarde segredo, visto tratar-se de um assunto absolutamente confidencial.

Acenei com a cabeça, gravemente, e ella veio sentar-se a meu lado, no sofá, ao pé da janéla. A noite estava quente, apenas, de vez em quando, vindo do rio, uma leve viração. Eu, a ouvir as orquestras, a tocar, nos jardins, abaixo de nós, e a matutar na esquisitice da situação; pois quem poderia imaginar que um estafermo tão maduro, como eu, se acharia jamais sentado a par de uma rapariga tão bonita, e que esta o haveria escolhido para confidente?

— Tenho filhas, minha senhora, declarei; e creia que nem sei o que deixaria de fazer, tratando-se de ser prestavel a uma senhora. Tudo que me dissér, dentro destas quatro paredes, esquecê-lo-ei ao transpôr aquella porta, se assim o deseja; não tenho outros interesses além dos que dizem respeito aos meus patrões. Pode falar comigo com o coração nas mãos.

Desfechou-me um olhar em que se lia femeníl gratidão, e depois, levando a mão á testa, como se na cabeça lhe pesasse o segredo que trazia lá dentro, principiou a contar-me a sua historia.

— Leu a respeito do accidente succedido ao iáte e sabe que se afundou, disse ella. Disseram-lhe quem ia a bôrdo, nessa occasião, senhor Robb?

Os jornaes differem, respondi. Afirmam alguns que o dono, o senhor Luxhill, tinha chegado a bôrdo quando se deu o desastre; outros, que vinha remando para o caes, com o sentido em carregar o que quer que fôsse. Seja como fôr, attribui o percalço a um abalroamento com uma barca que vinha navegando em direcção a Shoebury. Afirmam que era um desses taes barcos de nova invenção, movidos a petroleo; e a mim sempre me quis parecer que não deixariam de ser perigosos nas aguas de qualquer rio, quanto mais no alto mar? O que eu porém não posso perceber, minha senhora, é elle ter-se ido ao fundo daquelle modo, estando ancorado, e o dono a bôrdo.

Que estaria elle a fazer, além em West-Knock? Não é sitio em que um iáte lance ferro, e o mesmo lhe dirá toda a gente.

Quando eu receber a planta, responderei á pergunta, segundo o meu criterio, se é que ella poderá encontrar resposta, e dir-lhe-ei, á justa, como é que o barço se afundou, e o que se deve fazer para o trazer cá para cima. A minha gente vem embarcada, rio-abaixo, deve chegar aqui, ámanhan, de madrugada, e quer-me parecer que devêmos pôr ponto na curiosidade, até então.

Eu disséra-o na melhor intenção, mas não ha peór surdo que aquelle que não quer ouvir. Fui percebendo que miss Mac Naghten não se importava, pouco ou muito, com a fórma porque o iáte se havia submergido, ou como tinha que ser extrahido; e, acredite, cavalheiro, a minha propria curiosidade nem por isso era somenos.

— Queira perdoar-me, senhor Robb, disse ella, estes meus modos um tanto desabridos.

Não quero saber do iáte, não me interessa de modo nenhum. O que me dá cuidado é a sorte do homem em quem puz o meu affecto. Tenho a convicção de que se achava a bôrdo do navio, quando o meteram no fundo.

Para um homem é sempre espectáculo de confranger o estar vendo uma mulher em transes de afflicção, e conscio, ainda por cima, de que lhe não pode valer. Miss Mac Naghten aguentara-se menos mal até ali, agóra, comtudo, desanimou, desatando a chorar, e durante minutos, nem uma só palavra foi trocada entre ambos. A mim, a noticia, foi como se me tivesse apanhado uma faisca electrica.

Intendia-a agora, melhor, e áquella sua denegação impaciente de qualquer parentesco com o senhor Luxhill; o seu estado de agitação, quando deu com os olhos em mim; a inquietação que manifestou, em seguida, deixaram de ser para mim um mysterio.

Lá que ella intentava referir-se a um qualquer acto de malvadez, incidindo com o naufragio do iáte, não me restava a minima duvida; e isto apezar de eu ainda não ter conhecimento de mais de um pormenor do caso.

— Miss Mac Naghten, lhe disse eu, por fim, é terrível isso que afirma.

Ousarei recommendar-lhe o ter paciência? Quem nos diz que não será um fruto da sua imaginação? Eu, no seu logar, arredava do pensamento semelhante ideia, emquanto não tivesse a certeza.

Ergueu o rosto sulcado de lagrimas e tentou recobrar-se.

— Sim, diz bem, é possível que eu esteja commetendo um acto de injustiça, disse ella, de chofre. O senhor Haynes — o Roberto, quero eu dizer — é possível, até, que lá se não achasse. Apartou-se de mim, ha dias, para ir ter com o senhor Luxhill a Solent; ficou de me escrever de Southampton, e até agora ainda não recebi carta. Nem soube coisa nenhuma, apezar de que o iáte já se afundou, ha dois dias.

Procurei o senhor Luxhill mas não se achava no hotel, e deixou dito que o Roberto havia regressado a Londres, hontem. Mas sei que não é verdade — sei-o — sim, proseguiu ella, com crescente animação e a sugestão de um qualquer sentimento ainda mais forte do que a ira. — Elle tencionava vir aqui ter comigo, hontem; e nem palavra! Meu Deus! Nem sei o que deva pensar!

Eu, sem saber o que lhe havia de responder, nem ella, aqui para nós, me tinha convencido, apezar da sinceridade da sua afflicção, de que era veridica a sua historia.

Tinha um palpite de que o moço a quem ella se referia fôra detido em Londres ou em Southampton, e que de um momento para outro não deixaria de expedir um telegrama. Aquella agitação, quanto a mim, era resultante do excesso de anciedade e da affeição, e tinha como certo que, em poucas horas, viria a socegar.

— Quer um conselho, minha senhora, fui-lhe dizendo — meta-se na cama e espere por aquillo que a manhan lhe trazer. Com certeza, se porventura haverá acontecido qualquer coisa a esse cavalheiro, não deixaria já de ter noticias vindas de qualquer parte.

A tripulação poder-lhe-á dizer se elle estava, ou não, a bórdo do iáte. Já indagou?

A pergunta chamou-a á razão, e quando respondeu, foi já com mais serenidade

— A tripulação ainda não appareceu, replicou ella; nem lhe sabemos os nomes, supposto não tardará que os saibâmos. O senhor Luxhill evita-me; consta-me que foi

a Londres. Era procurador do Roberto, não sei se sabe.

Olhei para ella, de fito.

— Haveria, então, entre um e outro negocios de dinheiro, miss Mac Naghten?

— Havia, sim, respondeu ella; os interesses do senhor Haynes estavam todos nas mãos do senhor Luxhill. Sei que tinham tido divergencias a semelhante respeito — assim m'o contou o Roberto, a semana passada. E' por isso que eu estou tão anciosa, senhor Robb. E que espero me queira ajudar, pois sou uma fraca mulher, e vejo-me sósi-nha.

Respondi que viria a saber a verdade, tão depressa a minha boa vontade lh'a pudesse transmittir; e, tão receôso da sua gratidão como da sua magua, saí do hotel, opprimido com o péso daquelle segredo.

III

Levantei-me cedissimo, ao outro dia, e fui achar a minha gente e os barcos no rio, á minha espera. Tinha-os trazido um rebo-cador; porque miss Mac Naghten, pelos modos, era uma senhora com meios, e a firma Nelson, James & C.^a, recebera instrucções para se não poupar a despêsas. A baixa mar era ás onze horas, e ás oito iam navegando em direcção ao areal de West Knock. Com toda a minha longa experiencia, e com tanta coisa esquisita que o mar me havia patenteado, não me recordo de ter emprendido uma tarefa com o coração mais opprimido do que o sentia naquelle lindo dia de junho. A anciosa menina, lá no hotel, a sua magua, a sua historia dir-se-ia irem comigo na barçaça, a segredarem-me que, sepultado nas ondas, jazia um qualquer acto de malvadez, e que me arvoravam em instrumento para o descobrir.

Eu, quando muito, o que podia era voltar a declarar-lhe «elle não se acha no navio»; e na peór das hipoteses, tinha que lhe participar que a sua vida estava malograda, e que a magua era para durar. A's vezes punha-me a desejar que tivesse sido menos franca para comigo, limitando-se a dizer-me «Vá e veja o que encontra no iáte afundado». Com homens mortos tenho eu topado frente a frente, muita vez, nos camarotes de navios submergidos; mas o ir

em procura de um de quem tanto dependia a ventura de alguém; ser mensageiro da alegria de uma mulher ou da magua dessa mesma mulher, era uma tarefa de que eu de bom grado houvera desistido.

A maré descia ainda quando largámos de Southend; a manhan estava magnifica, fresquissima, e o estuario salpicado de velas brancas, dos iâtes, e de cascos negros dos enormes vapores com derrota para Londres ou para os canaes.

Se acaso nos restassem duvidas quanto ao paradeiro do iâte afundado, a barca *Trinity* ter-no-las-ia debelado, pois se achava ancorada para além de West Knock, e a tripulação já andava a sondar o naufragio. Quando surgimos, cederam-nos a tarefa, de bom grado, visto que o barco não jazia no ancoradoiro adstricto a navios de alto

bôrdo, e não precisavamos de boia para indicar o sitio. Conhecendo o Tamisa, como eu o conhecia, afirmei que o *Ironsides* se achava a três braças de profundidade, altura de pouca ou nenhuma importancia para qualquer mergulhador, e sem mais ceremonias tratei de envergar o meu fato e desci por ali abaixo até ao convés do iâte submergido.

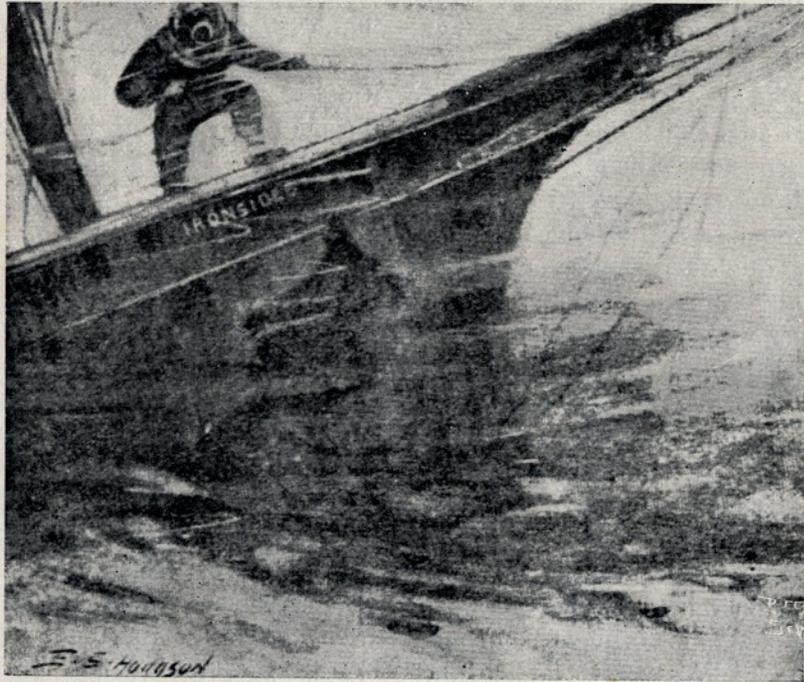
Parece facil tarefa, á primeira vista, isto de um homem enfiar pela agua abaixo, com umas botas que, em terra firme, mal poderia levantar do chão, e a cabeça encaixada num capacete podendo dar-lhe a vida ou a morte, á mercê do salva-vidas, de pé, na barcaça, lá em cima e que, ao mais

leve descuido prega com um homem desta para melhor.

Vistam o fato a um novato e, durante os primeiros cinco minutos, mais facilmente andará de cabeça para baixo do que com os proprios pés; não se sabe haver com a valvula do tubo de respiração; não consegue regular o ar; as botas, por assim dizer, entram a boiar com a acção do fato inchado que nem um balão.

A pouco e pouco, quando principia a servir-se regularmente das valvulas, principia tambem a saber para que servem as solas

de chumbo das botifarras, e quando conseguiu acertar com a maneira de andar lá por baixo com a mesma facilidade com que anda cá por cima, tem dado o primeiro passo para vir a ser mergulhador. Irá aprendendo, em seguida, o modo de ir a brindo



PERCEBI LOGO QUE CASTA DE EMBARCAÇÃO TINHA NA MINHA FRENTE, E POR QUE MOTIVO SE TINHA DADO O DESASTRE

caminho, de se servir dos olhos, e de tomar pelo atalho mais curto para dar conta da tarefa emprendida. A maioria dos da minha profissão não morre de amores por navios afundados. A não ser que delles nos aproximemos com a maxima cautela de que podemos dispôr, os nossos tubos de respiração prender-se-ão no aparelho acima de nós e as nossas linhas de salvação ficarão emaranhadas, antes de uma pessoa ter tempo de dar por isso. Não me ameaçou nenhum destes perigos ao assentar os pés no convés do barco enterrado nas areias dos baixos de West Knock. Ainda bem não havia posto pé na borda falsa de *Ironsides*,

percebi desde logo que casta de embarcação tinha na minha frente, e por que motivo se havia dado o desastre.

Navio de construção ligeira, era claro ter sido planeado quer para mar quer para rio. A tolda estendia-se da pôpa á prôa; e tinha na pôpa a machina movida a petroleo. Quanto ao accidente que o havia metido no fundo, ninguem com olhos de vêr deixaria de verificar, desde logo, como, e por que se dera — houvera colisão, e que terrivel colisão. O casco apresentava um immenso buraco com capacidade para afundar um navio de cem toneladas, e patenteava-se hiante no costado do barco, enterrado no lódo mole do estuario. Futurei que o iáte não tardaria a ficar coberto de todo, antes, até, de que as marés se repetissem muita vez; e mesmo no estado em que se achava, a minha tarefa nem por isso era das mais leves. Era preciso ter uns pés

de acróbata para manter equilibrio naquelle convés em declivio e conservar illésas as mangueiras de respiração, ao penetrar lá em baixo, na camara; e para mais ajuda, a corrente vinha vindo com tanta força, a ponto, quasi, de me arrastar por ali fora, rio acima, a despeito de toda a minha resistencia. Apezar de tudo isto, não desisti de descer lá abaixo. Ali, sósinho, frente a frente com o segredo, reflecti, por instantes, ácerca daquella mulher, á espera, em terra, de noticias, boas ou ruins, que aquelle casco submergido lhe poderia facultar. Seria um mytho, apenas, a sua historia, ou caber-lhe-ia em sorte ouvir o peór? Pé ante pé, á proporção que ia descendo os escassos degraus da escotilha amachucada, assoberbava-me a dupla pergunta; depois como que se perdeu, ante o interesse da scena que se me patenteou. Por mais que eu fosse prevenido, não deixei de me sobresaltar.

(Continúa.)

Versão livre do inglês por MANUEL DE MACEDO.



Lá não sei onde...

A mente segue e segue pelo espaço,
Para lá olhando sempre, e ainda para lá,
E de equal modo, no tempo, não haverá
Possivel meio de lhe achar compasso.

Tal no Amor: um imperecivel laço,
Duas almas prende, se se viram já;
E o Amor nos foge, pois não é de cá,
Mas lá não sei onde, um existir lhe faço.

Tal como o Espaço, ou o Tempo, assim o Amor,
Principio ou fim não tem, é infinito,
Qual o é a Creação, ou o Creador:

Quando uma alma na outra põe o fito,
Não ha nada que a arranque, nem ha dôr,
Que á sua se lhe eguale, entre o finito.

Alexandre Fontes.



RUINAS...

O homem, minha amada,
Não perde nada, gosa:
Mas a mulher é rosa...
Sim, a mulher é flôr!

(Campo de Flôres)

JOÃO DE DEUS.

*Mais lindo que esse rosto
Decerto não havia em todo o mundo
E, para meu desgosto,
O teu formoso olhar,
Tão negro de azeviche e tão profundo,
Fazia-me seismar!*

*Tu eras linda então,
E n'esse teu olhar, cheio de luz
E cheio de paixão,
Possuias a graça
Que dá vida ao amor que nos seduz
E que em seguida passa!*

*Olhavas desdenhosa
Tudo o mais que não fosse o teu aspecto,
A graça vaporosa
Do teu bello perfil
E do porte correcto
De morena gentil!*

Lisboa—Setembro de 1910.

*A vida para ti
Era um jogo de azar!
Andavas sempre a rir dos preconceitos
Como, ás vezes, te vi...
E d'esse teu pensar
Tu colheste os effeitos
Onde a miséria ri!*

*Foi assim que te soube, em certo dia,
Nos braços d'um amante,
D'um seductor qualquer...
E, n'esse mesmo instante,
Fugiu toda a magia
Do teu corpo, mulher!*

*De nada vale agora
A risada que chora,
A tua carne em festa!...
És a vaga impressão
D'essa mulher honesta
Que eu conheci então!*

Mario Monteiro.



O BERET E O MELON

Os estudantes de Paris

Carta de Rola, o estudante, a uma senhora de Portugal



DINHA querida prima: Recebi a carta onde a tua mão ociosa e elegante lavrou uma geira delectavel de ternuras, novidades impressivas da nossa villa, o casamento do Tiburcio, a *soirée* em

casa das Veigas, as tuas melancolias e recados á Estrella do Norte mais airada e casquilha sobre terras de França e que a Estrella do Norte não me quiz trazer. Ao alto vinham as duas flôres de previnca, decoradas e abatidas, abatendo ao peso dos beijos que mandaste para os meus beijos.

Fui descendo na corrente do teu sentimento abandonada e serena onde mal trans-

parecia o conflicto dos teus fartos vinte annos com a espiritualidade d'um amôr em tão voluptuoso céo para tão longes terras. A cada carta tua sou levado a vestir a alma portugueza que a gente cá por fóra por via das muitas contendadas e alçapões do pecado põe de parte como uma pistola antiga de pederneira que solememente chispa fogo uma só vez. N'essa hora vejo-te e aprecio-te ardendo d'esse amôr que suspira, córa, faz teias de nuvem, converte o coração em passa de ferral. E de bom grado aproximaria a manhã diáfana em que o galo alceiro de S. João da nossa villa ha de despedir sobre nós, tu branca e afogueada e um roseiral de beijos e eu sério e em *habit noir* e pateta o epithalamio mudo que recebe dos as-

tros e do abraço dos elementos. Mas d'aqui até então dista o meu diploma de doutor como uma ponte levadiça, suspensa ao alto, invadeavel.

Entretanto vamos realizando confiadamente os nossos symbolos: tu, o da irradiação, amando, deixando ir um atomo de ti em cada sorriso de rapaz, em cada valsa, em cada exame de pen-samentos vo-gando em cada presentimento de dominio. Quanto a mim cultivarei o *eu*. E quando nossos beijos já não repicarem como os bombos estafados de um fim d'arraial teremos ahi o jardim da consolação para o inconsciente.

De janella sempre aberta para as infinitas coisas passaram-te á vista perdidos e sem historia como um vôo de mosca estes versos:

*Les cieus du Portugal, d'ont l'azur eblouit
Comme des yeux d'amants que le desir devasté
Ont-ils sollicité ton cœur fervent et chaste
Et parfumé pour toi ton amoureuse nuit?*

do livro *Sonnets païens*, d'um estudante de Paris — assignalas tu. E fazendo-me a encomenda perguntas se o auctor é portuguez ou um pequenino Child-Harold que tenha bebido um copo de poente em terras de Portugal. Não sabia e puz em tratar de te desalvoroçar a curiosidade o empenho com que os inglezes procuraram na Palestina a figueira amaldiçoada de Judas. Custou, mas ahi te mando o opusculo, esse livrinho no gosto de Carmen Silvia, esbelto e fidalgo, onde o luxo da edição, como os velhos cofres dos museus, não encerra mais que uma poeira vadia. E mando-t'ó, porque perverso, a tua sensibilidade de mulher vibrará menos da posse que do esquivamento

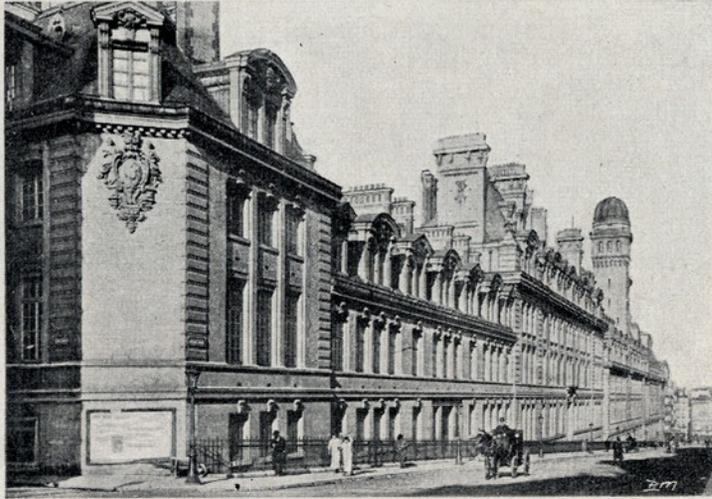
d'uma perversão apercebida. Imagino, porém, que a mamã que te escondeu as *Hortensias bleus* do conde de Mostesquiou não deixará de deitar ao lume os *Sonetos pagãos* onde os pobres cinco sentidos se cansam de dar cambalhotas atraz do Irreal.

Os *Sonetos* são dedicados a Paul Roba, assassinado recentemente na Rue Servandoni, aqui no Bairro, n'um hotel vesgo. Pesa sobre isto o mais negro mysterio que breve vaes ver á certa em romance francez, com scenario de Portugal e punhaes de Paris. Porque Roba é o auctor dos *Sonnets* — esquecia-me de dizer-te — comeram na poetica e ver-

dejante Cintra queijo saloio e embebedaram-se com vinho de Portugal.

D'este facto o saltares tu para a tapada do estudante, a minha vida das relações, o Quartier Latin e os moradores. Por pouco não me exiges uma carta geographica dos logares d'onde Verlaine fundia de absinto excommungados versos e Antonio Nobre passeava a dôce grimpá de pinheiro manso. No final, á porta dos beijos instas ainda para que te *conte coisas*, te diga *se os estudantes de Paris são interessantes como os nossos*.

Puz-me a ajuizar de tam grande curiosidade. Tu, minha Diotima d'olhar álferta, assignas a *Femina*, a *Musica*, o *Je sais tout*, debulhas o malicioso *Cri de Paris* e o estonteante *Akados* quando eu t'os mando. Tu arruinás o pé de meia da mamã a ler revistas de França e a comprar litteratura *boulevardière*. Assim a esse soalheiro do Senhor vão parar as voluptuosidades da linha, as subtilezas do paradoxo, o pó, o *frou-frou* de Paris. Ao mesmo tempo o correio, o nosso solerte Quintino leva-te tam-



A SORBONNE

Fachada da Rua Saint-Jacques

bem sobre a manhã as maravalhas da intelligencia nacional, periodicos, archivos, magazines e rimas de rima.

Sem occupação necessaria, porque as propriedades da casa ouvem os sinos de sete freguezias proximas, tu devoras rapidamente tudo isto entre duas valsas no club e os entretenimentos com Schuman ao piano.

Entre a carregação litteraria que vem do reino e a de fóra do reino o teu tacto fino de discernimento ha de ter notado: todas as revistas, brochuras, infolios nacionaes te falam em estilo facetado de facecia, em rondilha, em prosa succulenta da estudantada. Ella é um veio inexgottavel, uma especie de phenix com a Universidade, os saraus philantropicos e de brodio, as republicas, a móca, a alma esfarrapada desde os galhos do Choupal aos pregos dos tamborettes da Viéga das iscas. As *latadas* na Couraça de Lisboa ouvem-se do Minho ao Guadiana e ahi está um *leitmotiv* substancial muito dilecto aos artistas e muito soprado das musas.

Com este esbanjamento contrasta a usura que vae cá de fóra. Na mondada vida do *faubourg*, no traduzido regulamento das fórmulas pelo lapis e pela penna é raro en-

contrar um górrro, uma pégada, uma treta de estudante. Dir-se-hia que esta mocidade não tem sangue fresco nem alegria para desbaratar a cada topada, ou que a litteratura e o jornal desprezam esse mundo bizarro na época em que o animal dá mais fortes estrebuxões, ouvindo os passos medidos do ser racional, menos impulso que idéa ou abstracção.

Mas tu não apontas a lacuna, vaes de encontro ao facto, consciencia positiva e directa que não gosta de delirar nas curvas do raciocinio. E queres saber os signaes de casta do estudante de Paris, exigindo-me, como corolario, duas pilherias d'um Assis de França que façam carreira, d'aquellas que edificam o apreciavel renome d'um homem com graça.

De boa fé vou responder-te, embora desça na tua estima e contribua talvez para que

teu seio novamente bata por outro as pulsações das desordens sentimentaes. E' o despir do meu prestigio d'estudante, mas deixal-o, em troca ficar-me-hão as arrás do receio que correr atraz d'um bem fugitivo é tão voluptuoso como matar a sede n'um bem conquistado.

Escuta: os estudantes de Paris não são



SERPA PIMENTEL E A. RODRIGUES

(*Nas horas vagas*)

poeticos nem interessantes como os nossos; não são mesmo nada interessantes nem poeticos. Pena é dizel-o, mas em Paris não ha estudantes na accepção que ahi se tem do estudante. Pergunta aos viajantes se encaras com scepticismo o silencio dos periodicos. Em Paris ha rapazes e rapazinhas e raparigas que estudam, mas em nada se parecem com os nossos estroinas de andaina preta que atiram cebolas dos camarotes para a scena e em parabolos peripateticos no Jardim Botanico cantam alto a unção espirital que escorre dos olhos das meninas de Santa Cruz.

N'isto a vantagem é nossa, se eu não estou atenazado n'um equívoco ou n'uma concepção unilateral.

Ha ahi um rifão caseiro como o sal da cosinha e profundo como as cisternas no pateo dos conventos: *Coimbra ou tarimba*. Ahi se esquadria na mesma craveira de valores o militar e o estudante. Porque caminham juntos para o mesmo fito? não; porque a vida das relações d'um vale a vida das relações d'outro. O militar nem mata nem existe para matar como o estu-

Portugal, tendes esta noção do estudante: um moço de capa e batina com fama de poeta e que vos namora. Não entraes no seu dominio intimo, isto é, na sua pasta, sendo para vós secundario que lá dentro viagem as Taboas d'Euclides ou a *Summa Theologica* de S. Thomaz. O facto capital é este: namora-vos. Depois o estudante portuguez traz consigo uma cauda cometaria de virtudes: verseja, sabe ser chistoso o que é uma arte difficil e toca geralmente guitarra. N'outros tempos deixava na sua passagem universitaria um rasto glorioso de bebedeiras, mas isso cahiu em desuso desde que o philoxera começou a passear pelos vinhedos de Portugal.

E' esta, creio eu, a noção constitucional do estudante, vindo dos longes tempos de D. Diniz até o anno da graça de 1910. Ora tirando-se o scenario a esta figura, a viola, o luar, as tricanas, as botas esmeraldas, a convivencia uniformemente masculinas d'escola, os gatos, os *ursos*, a cabula, o tu egualitario e amovel, a capa e a batina, a moca e a santa mocada, todo este apetrecho lyrico e heroico e cyranesco, que ficava? Um negativo pobre, trivial, um genero de amanuense que não vale um olhar de mulher, a nihilisação em summa do estudante.

Pois ahi tens, prima, o estudante de Paris. Aqui não ha o estudante com cem seculos de formação, essa riqueza virgem dos jazigos estratificados. Desde o dia em que fechou a *Botte de paille* o estudante ago-

nizou em Paris como o *diplodocus* á beira da ultima baforada das lagunas tropicaes. A *Botte de paille* era n'uma rua escusa n'um casarão esquipatico, onde as raparigas de vida airada e os lentes e os estudantes andavam em amistosa promiscuidade. Foi lá



SORBONNE

Curso de psychologia do Dr. Dumas

dante não é o que estuda nem anda para estudar. São dois pontos no espaço a que por myopia cerebral ou muita philosophia maliciosa só se enxerga a fórmula, a capa e a espada.

Parece-me que vós, as carochinhas de

que Abelard e Roscelin professaram e muitos theologos subtis e eruditos. O nosso S. Gil — tu sabes — calejou lá a alma.

Na rua o *guet* e os escolares espadeiravam-se até não ficar osso direito. *Les bons bourgeois* varriam o sarrabulho para o Sena. Veio, afinal, a pôr termo a este estado de coisas, no anno MCCLIII, magister Robertus, *dictus de Sorbona*, que edificou e constituiu o *Collegium Sarbonicum ad usum pauperum magistrorum in facultate theologica studentium*.

A *Botte de paille* fechou ha tanto tempo que, para te dizer o que era, teria que me ir empoeirar ali nos in-folios espanejados de Santa Genoveva.

Não, essa figura generosa, leviana, plumagem e alegria de gaio, não existe aqui. Sabe-se que são estudantes quando se vêem na Sorbonne. Não envidraçam um olho e saem das aulas sem efusão, nem no pateo jogam o *Éche-valdèche* com que eu me regalava em Coimbra, á sahida do curso do dr. Laranjo. O unico vestigio dos tempos *préraphaelistas* do estudante é o *béret* que os chapeleiros baratos do *Boul-Mich* vendem a 3,50 francos. Desgraçadamente está quasi banido, á força de muito ser infamado pelas *mômes* dos estudantes, pequeninas peccadoras zaragateiras do Bar da rua Cujas que o cobrem. De tempos a tempos, nos dias raros de *mônimo*, a Faculdade de Direito desfila com elle fugindo na nuca, envizeirado sobre a orelha. Mas é muito raro. O *mônimo* é a nossa velha bicha e vae por ruas e boulevards cantando na *Aria dos lampeões* uma chufa a Briand, a *Marianne*, ou a um professor que expendeu ideias atritivas. Não te admires, a Faculdade de Direito á a cidadella accesa da revolução branca. Ha lá uma forte maioria orleanista, bonapartista, nacionalista — os *camelots du roy* que estor-

varam as conferencias do abbade de Loisy e fizeram calar a boca a Thalamas, o historiador racional de Jeanne d'Arc.

Um dia escangalharam as estatuas de Kfereem e de Prudhon e em Suresnes tentaram deitar ao rio o busto de Zola.



SORBONNE

Conferencia de Regnier (Litteratura)

Em todos estes factos a policia entrou com o murro, a esquadra, o processo correccional, mas elles lá continuam denodadamente o seu caminho, partindo memorias, apupando a republica, d'olhos fitos em Luiz Filippe e ajoelhando ortodoxamente á missa espiritual de Maurice Barrès. Cultivando o motim em nome da flôr de lis e dos punhos de renda, tornaram-se a coqueluche dos salões de Saint Germain, vindo resuscitar o galanteio prohibido dos Trianons mortos.

Nas outras Faculdades não ha *camelots*, nem republicanos, nem acratas; ha mocinhos que estudam, tão indifferentes á politica, como os hilros de Notre Dame sobre a goela tôrva das chimeras. N'isto mesmo se distinguem os estudantes d'aqui dos d'ahi. No nosso bom paiz tudo é politico, o papá, a mamã, a mana, o menino que anda no lyceu, até os papagaios, que os conheço eu dando vivas a Bernardino Machado e facciosamente assobiando o hymno da Carta. Quando os passarôcos seguem um credo, o estudante deve pleitear uma eleição a so-papo.

São estes sentimentos muito subtis, d'um

povo delicado, altruista, onde o individuo vive para o pendão, o partido, a sua roda, uma vida toda de *dentro para fóra*. N'estes paizes de *struggle-for-life* ha, ao contrario, uma febre de individualisação, a vida de *fóra para dentro*, multiplicando a energia do *eu* e não a dispersando.

Afóra o *camelot du roy*, o estudante de Paris não faz politica, achando n'ella falhas de elegancia e desequilibrio, uma especie de falsa posição, como os *faux-ménages*. Não namora além d'isso como ahi se namora e d'isso se resentiram meus habitos sentimentaes e a lembrança dos meus inefaveis colloquios do trottoir da travessa da Palha para um anjo de donzella que se dependurava d'um celeste sexto andar. Nos negocios com as mulheres vão ao fim, para a *mairie* ou para o quarto alugado, sem as phrases portuguezas, o defluxo e o coração esborrachadinho no almofariz dos ciumes. Tudo isto pouca delicadeza tactil, que nós ahi temos de sobra. louvores ao Senhor.

A Universidade conta tantos estudantes do sexo feminino como do sexo masculino. E' para mim uma dôr d'alma vêr esta promiscuidade sem elegancia. Não ha chapéo de rapaz que se tire ás collegas, nem galanteria que em qualquer circumstancia lhes ceda a vez. Sentam-se nos mesmos bancos baralhadamente, sem privilegios nem resguardos, e cruzando a perna ali ficam quietas e insexuaes, como uma fracção das onze mil virgens. E ninguem lhes dá beliscão, nem ninguem lhes pisca o olho. Ai, nunca me foi dado conhecer as exigencias de nimpha d'uma estudante de Paris!

Por isso, n'este mundo sem riscos eu te aconselharia, se não fosses o anjo custodio da gota do papá, a tomares um logar. Por cá formigam as modestas russas, as fragantes allemãs, *miss* vindas da Escocia e de Chicago, de fórmias que escapam á hypothese mais transcendente da linha. Só cá não ha portuguezas!

Se a minha voz tivesse um raio de persuasão como os sinos de Toledo, eu falaria

aos paes de familia á maneira de S. Paulo aos corynthios: «Mandae as vossas meninas para a Universidade de Paris; aprenderão ahi as leis que regulam o mundo e a sciencia dos elementos que o desorganizam; a philosophia barbara dos algarismos destruir-lhes-ha o gosto do inutil, deixando-lhes a arte do sobrio; na physica da energia terão a panacéa da vida, sabendo calcular sobre o dispendio mechanico dos reflexos. D'ahi virá a ordem no rol da roupa suja, a censura na toilette, e a morte macaca dos sentimentos que ainda fazem gymnastica nas teias do luar. Depois, que lyrismo traduzir em sentimentos d'algibeira a verdade, segundo Malebranche, ou a moral como a concebeu Spinoza, contar aos netos a dymnastia repolhuda dos G. Lamas e discutir tecnicamente com o medico d'aldeia o logar exacto do stigmata de Giotto! E acima de tudo a faculdade de couraçar-se contra o idealismo que escorrega n'um verso de poeta ou n'um chôro melado de guitarra! Pápas de Portugal, o Quartier Latin é uma grande sala de exercicios espirituaes para meninas!»

Aqui ha muita preocupação de trabalho e muitos alheamentos d'espírito para que possa haver logar a *situação perigosa*, as ceias, as mocadas, as quadras da Rosa Hespanhola e a fugida sentimental d'esta para um convento. A juventude esfarrapa-se em mil coisas sem espirito de habito e de sequencia, não havendo pé para esses lédos episodios de Coimbra, que illustram os annos como nunca um domingo de epiphania illustrou as paginas d'um missal gothico.

Henri Bordeau, na *Croisée des chemins*, explicou esta conversão utilitaria da Sorbonne e esta sisudez serodia da juventude. E' que a guerra de 70, desmontando o espirito francez aventureiro legou-lhe o gosto epicurista da vida, e para fórmula de expansão a sciencia audaciosa dos numeros. A legenda heroica desapareceu debaixo da conta de sommar.

Esta vida escolar é incolor, incaracteris-



ESTUDANTE VIEILLE ROCHE

Bairro Latino

tica, sem os individuos e factos impressivos que ahi ficam pela vida fóra como padrões de navegação. No meu calendario das saudades nunca hão de morrer a sr.^a D. Marianna Portocarrero, os seus chás, as suas festas, para onde eu ia solemne e envernizado depois de arruinar a *republica* para todo o mez, e aquella figura á Salvador Rosa do Canavarro, leoninamente heroico a assaltar capoeiras!

Não ha pittoresco na vida universitaria e eu hei de reunir-me á tua costella menos doutor á certa, mas são e escorreito, sem lesão de mocada, o bigode equilibrado e pouco sarro nas tripas. E, cré, que a minha alma illesa do destroçar dominical das Ursulnas te chegará inteira, embora não possa deixar de sentir a voluptuosidade que me roça a pasta, quando transito no boulevard, com Bergsou lá dentro, Hoffding e a louca philosophia dos zeros de mr. Milhaud.

Mas, verdade seja, o meu jazigo de idiosyncrasia portugueza boceja ás vezes n'esta Universidade, onde não ha a restea colorida d'um vitral medievo, onde não ha a Cabra nem o Cabrão, nem os alabardeiros, archeiros, charangueiros, secretario de calção, a invocação á virgem, a sebenta e a Marrafa das sebentas, os ursos, e o Palito metrico acima de tudo como o latim no Vaticano. Póde lá haver outra coisa que não seja o aborrecimento sem a boa sombra protectora da Cardosa e a luxuriante cabelleira da Varina?

Eu sahi de Coimbra n'uma tarde remançosa, quando a aula do Villela evacuava. Lembro-me como se fosse na mesma da hora. A' Porta Ferrea as capas tingiam a fulva transparencia do dia e as flexas da Sé-Nova triumphavam no oiro espacial.

O meu amigo Grillo veiu de dentro, ai-

roso, espenujando o collete impecavel, direito a mim:

— Então fôste chamado, ó Róla?

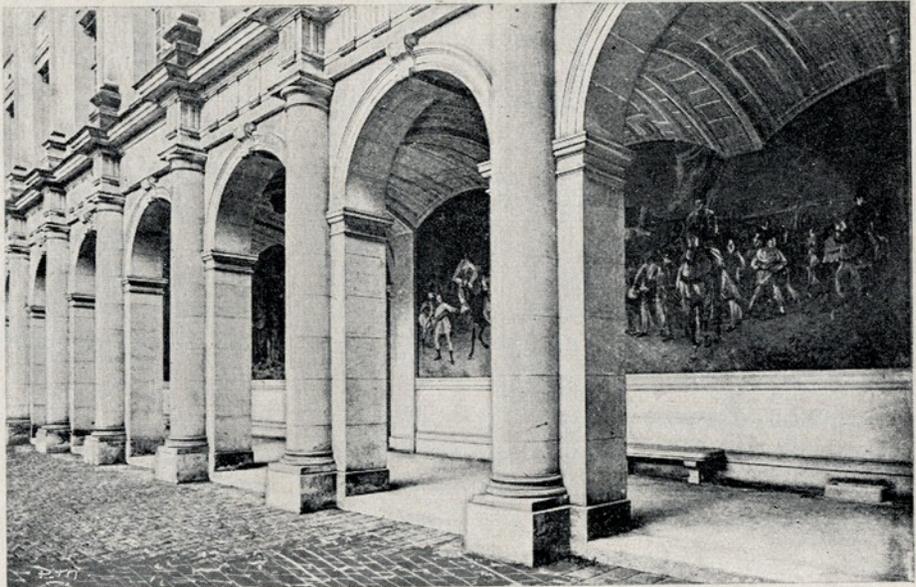
— Não, metti-lhe uma farpa.

Metter uma farpa no lente era no nosso subtil calão universitario eximir-se á hypothese da chamada por um pretexto decente e uma sabia mesura.

— Ah! ah! Olha cá, porque não vieste hontem na serenata ás Garrets?

— Fui para casa do Zé Henriques.

— Não sabes o que perdeste. Fazia um luar de cal e o Girão hontem estava inspirado como um rapsodo. Só se viam senhoras em fralda atraz das cortinas, ah! ah!



A SORBONNE

Galeria de Robert de Sorbon

— Esteve-me a ler o *Horto dos Tamarindos*. Aquillo é que são versos, parece mesmo que teem nervos de prata.

— Dizem para ahi que copia do Jean Moreás. Que dizes tu?

Eu lembrei-me d'este despreoccupado e nobre colloquio, hoje, no pateo da Sorbonne, entre o inclemente quadrante da capella Richelieu e o carro fogoso do sol fugindo acima da Galeria de mestre Roberto n'uma nuvem d'oiro *sicut umbra dies dies nostri*. Vinhamos de ouvir o problema da verdade por Brunschvicg e esperavamos a hora de psychologia experimental do dr. Dumas. Lalemand perseguia-me engatilhando um pensamento comprimido de pragmatismo, a que

eu respondia desapaixonadamente, cheio de nostalgia pela *Cabra Cega* depois do fechar das aulas em Coimbra.

— Devemo-nos então cingir ás concepções dogmaticas da sciencia ?

— A's suas verdades necessarias.

— Necessarias segundo a fantasia dos sabios.

— Ha a experiencia . . .

— Oh! onde é que está uma experiencia que não tendo atraz de si o *a priori*, possa ser a base d'uma lei infalivel ?

— Bem! N'esse caso a sciencia é um circulo vicioso? . . .

— Perfeitamente; não existe uma verdade para a materia e uma verdade para o espirito. Existe apenas uma verdade para a materia e essa é o proprio espirito.

Ahi tens prima, a Sorbonne e a Porta Ferrea, dois paineis que ousam a Rembrandt e a Vateau.

Muito teu,

Rôla.

P. S. — A carta vai longa mas ligeira como o fumo d'um cigarro. Esta virtude ha de a teus olhos absolver-me do defeito de extensão que vincula meus habitos, um re-

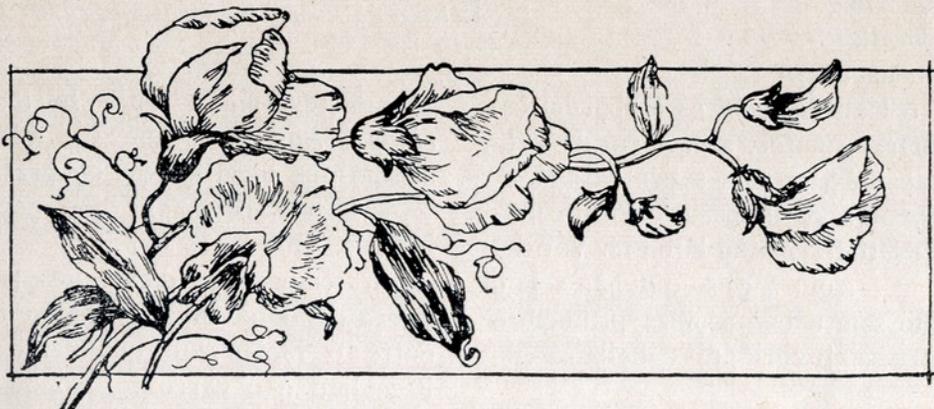
flexo d'essa eternidade que é o solo, o homem, e a alma do nosso Portugal.

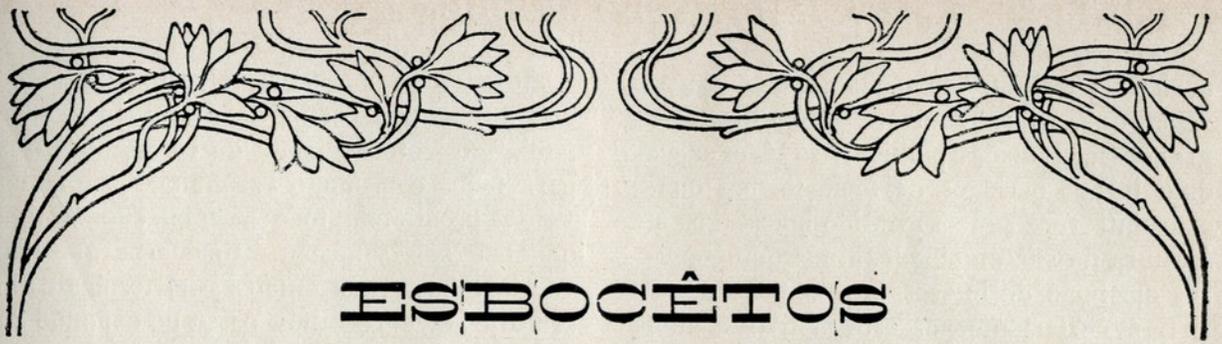
O que ahi fica é a minha consciencia ociosa do domingo. Não ri, contra o teu desejo, por inaptidão para essa arte subtil, e por uma pratica que me resta de bom senso que nunca perde de vista que atraz da gargalhada ha sempre logar para a gargalhada. Não toquei na *Sorbonne por dentro* para não subverter a espuma inconsistente do discurso. E fica para outra vez o *Bal de l'internat*, o *Bal des Quat'z'arts* e — pintados a oiro pelo tintamarresco estudante de Bellas-Artes — os saltos das botinas de Gerôme, o artista de todas as fórmulas evasivas que podem fluctuar nos sonhos bregueiros d'um velho. Pipas de sabedoria e de graça esbanja-as ahi o H. d'Avelar, essa especie de museu *Grevin* onde ha de tudo desde os chapins de Cleopatra aos acentos impressionistas de Debussy, para que eu sue a mandar-tas.

Ahi vam argalhos; guardo o immorreidoiro — as saudades — que tam densas sam e infinitas que me parece devem fazer uma estrada de Paris a Portugal, por onde poderás vir ter commigo. — R.

(Paris, Primavera de 1910.)

A. RIBEIRO.





ESBOCÊTOS

Habitação moderna



pleno seculo xx, passada a sua primeira década, é com effeito mais do que opportuno, porque é imperioso, o momento de se glorificar o Trabalho.

Soceguem, porém, V. Ex.^{as}, meus amaveis leitores, pois que para tal commettimento, não pretendo por minha parte aqui atacar o Capital, deixando por conseguinte egualmente em completa tranquillidade a aridez das complexas theorias da economia politica.

O meu intento é mais concreto, sendo aliás mais sublime.

Desejo apenas referir-me ás naturaes tendencias pacifistas, que dos varios pontos do globo se congregam para, reivindicando-lhe todos os seus direitos, o proclamarem como principal factor da civilização, que de resto, como se sabe, é já tão promettido como devido.

Um dos mais legitimos d'esses direitos é sem duvida — a habitação — e por isso a architectura é uma das artes que mais commummente interessa a humanidade.

Quem não precisa de casa, pelo menos, para habitar?

A resposta — ninguem — poderá parecer tão superflua, como ociosa a pergunta; no entanto não é bem assim, porque as estatisticas nos informam de que na superficie terrestre setecentos milhões de pessoas mo-

ram em casas mais ou menos commodas, seiscentos milhões vivem em choças ou poios semelhantes, e cento e cincoenta milhões de individuos da raça humana passam a vida ao ar livre.

Este facto, de que aqui nos não occupamos, é naturalmente inadmissivel, e portanto fica apenas consignado a titulo de curiosidade. Elle, porém, muito terminantemente nos affirma que mais de metade da população do mundo não tem propriamente casa de habitação, o que é assaz grave, até para a propria economia do architecto.

*
* * *

Vejâmos pois nós agora como é que habita a restante metade.

Houve tempo em que a Arte tinha sempre a primasia em materia de edificação, a qual effectivamente se impunha pela sua belleza architectonica, principalmente quando ella tomava o caracter monumental; não obstante já então algumas tribus arabes, pensando que a vida é um instante, se limitavam a levantar guarida que lhe bastasse, para que depois seus filhos, a seu talante, erigissem a tenda do seu repouso; e modernamente, se tenham attribuido faltas de habitabilidade a alguns d'esses respeitaveis padrões artisticos.

Todavia, sem seguirmos a trajetoria das civilizações e sem por isso acompanharmos

a historia da arte em todas as suas phases, vêmos que, alternadamente tranquillizadas as grandes convulsões politicas, se têm succedido largos periodos de fomento, nos quaes a architectura se tem mantido honradamente á altura da sua dignidade, ainda que por vezes em lucta de interesses gananciosos.

E é certamente por este motivo, e ainda porque é serena, mas perseverante e nobre, a acção do artista, que o desenvolvimento do bello, embora tenha tido de vencer contrariedades, continuamente se accentua com a maior segurança.

Na effectividade d'esta esmerada prova de educação, já não será provavel retrogradar.

Mas, apesar d'ella, amabilissimos leitores, como se habita ainda na actualidade, diziamos?

Salvo raras excepções, mal, muito mal.

* * *

As leis da hygiene respigam por aqui e por acolá, como factores mais ou menos salientes da construcção dos modernos edificios em geral, quer estes sejam hospitaes, escolas, theatros, academias, ou outros que possâmos considerar publicos ou collectivos, quer apenas se destinem a casas de habitação particular, sem comtudo serem de facto absolutamente acatadas.

Admittâmos mesmo a feliz hypothese de que a louvavel pertinacia da administração publica irá até ao ponto de conseguir casas para todos com muito ar, muita luz e muita agua, prohibindo toda a habitação, antiga que não seja saneada, ou moderna que não seja salubre, para então assim termos dado sem duvida um grande passo no caminho da civilisação.

Seria tudo, benevolos leitores, seria o ideal?

Evidentemente que não. E senão vejâmos.

Onde fica a solidez, a esthetica, o confôrto?

Naturalmente, nos preceitos architecturaes; porque só por sua via poderá operar-se a revolução artistica, que de longe se vem manifestando no conjuncto e nos mais insignificantes detalhes da obra, que devidamente mereça ser considerada — habitação.

E para que assim seja, é urgentemente indispensavel que essa administração promova, de uma forma positiva, a mais vasta generalisação da educação artistica, outorgando definitivamente ao trabalhador d'essa arte, ou digâmos, ao architecto, como de ha muito e com bem fundadas razões legislou para com o medico, o direito que, paraphraseado na celebre doutrina de Monroe, se deverá internacionalisar pela divisa: «A architectura é dos architectos.»

J. LINO DE CARVALHO.





A MORTE DO GENERAL MARCEAU
(Quadro de Boutigny)

Mortos que vivem

Na historia, na lenda e na tradição

Caio Julio Cesar, o dictador — Sophonisba, rainha da Numidia — Carlos, o Temerario —
O aventureiro de Guise — O cardeal Mazarini — O grande Molière — O marechal de
Turenne — O glorioso Marceau — O heroico almirante Nelson



tradicional commemoração dos mortos, que se celebra precisamente no dia em que este fasciculo dos *Serões* vê a luz da publicidade, dá-nos ensejo a occuparmo-nos de alguns dos

mortos que vivem, e continuarão vivendo até á consumação dos seculos, porque pertencem á cathegoria d'aquelles

em quem poder não teve a morte

como esta o não teve tambem sobre o epico lusitano, que tão justamente soube achar no verso a formula exacta para caracterisar a immortalidade dos grandes homens do seu paiz.

Escolheremos para a nossa digressão historico-litteraria, alguns dos muitos que — por seus feitos, por seus actos de civismo, por suas acções heroicas, pelo seu proceder afóra da vulgaridade, pela influencia exercida por sua obra no desenvolvimento do progresso humano, por sua interferencia ex-

cepcional no regimento dos povos, ou por seus talentos e aptidões, a humanidade collocou acima da craveira commum, e que, portanto, apesar de mortos physicamente, vivem na historia, na lenda ou na tradição não já de seus respectivos paizes de origem, mas na de todo o agregado humano, pois que logram uma inextinguivel reputação mundial.

A illustrar o texto vão diversas gravuras reproduzindo os quadros em que varios artistas de nome representaram as mortes de alguns dos heroes da nossa descolorida prosa, amenizando d'este modo a aridez do nosso estylo e augmentando a já numerosa collecção iconographica d'esta revista com estampas celebres e pouco conhecidas.

*

Pela ordem chronologica dos acontecimentos que a historia regista, devemos tratar em primeiro lugar de Caio Julio Cesar, o dictador famoso, nascido e morto em Roma (100-44 antes de Christo). Aos

17 annos, nomeado sacerdote de Jupiter, por Mario, aprendeu na Asia a profissão das armas e voltou a Roma para exercer a advocacia, seguindo para Rhodes a aperfeçoar-se na eloquencia com Apollonio Molon. Eleito, em 74, membro do collegio dos pontifices, não mais se poupou a esforços para se tornar util ao povo conquistando-lhe as sympathias. Foi tribuno militar, questor, edil e era pretor quando rebentou a conspiração de Catilina, em que não tomou parte directa, vendo todavia com prazer esse movimento, que fa-

cilitava o caminho para as transformações que almejava. A sorte designou-o para o governo da Hespanha, cuja provincia administrou excellentemente, tornando-a prospera, embora prosperando tambem á custa d'ella. Voltando a Roma quando Pompeu regressava da Asia, formou com elle e com Crasso o primeiro triumvirato, tendo por si o exercito e as sympathias geraes do povo romano.

Em 60 foi nomeado consul; e viu-se então que pondo de parte o Senado, cuja hostilidade era systematica, usou dos seus direitos fazendo promulgar, com os tribunos e o povo, leis de interesse geral regulando a administração das provincias e punindo a concussão; e leis de circumstancia como a famosa lei agraria e a que ractificava os actos de Pompeu na Asia. Recebendo o encargo de ir governar as Gallias cisalpina e transalpina, partiu a assentar o seu prestigio sobre a gloria militar e as conquistas, conseguindo que a

Gallia se declarasse vencida e que todas as riquezas do paiz fóssem para Roma.

A sua popularidade era cada vez maior. Assustado com ella, o Senado tirou-lhe o commando, e nomeou Pompeu para o lugar de consul. E' então que Cesar marcha sobre Roma, proferindo a phrase que ficou celebre — *quem não é por mim é contra mim*. Pompeu deixou precipitadamente a Italia e partiu para o Oriente, mas Cesar, depois de submeter as legiões pompeanas da Hespanha, seguiu o rival ao Epiro e á Thessalia,



A MORTE DE CESAR
(Gravura de Mocquet)

alcançando sobre elle a famosa victoria de Pharsala.

Quando reentrou em Roma foi recebido com honras de triumphador, recusando-se a receber-as por se tratar de victorias em guerra civil. Em 48 foi proclamado dictador, titulo a que juntou o consulato, a censura, o grande pontificado e sendo declarado inviolavel. Teve honras quasi reaes, estatuas, templos e altares. No meio do apogeu da sua ambição satisfeita soube ser generoso com os inimigos, decretando a amnistia e fazendo restabelecer a estatua derrubada do seu rival Pompeu. Restituiu os direitos politicos aos filhos dos proscriptos, reduziu os direitos do Senado, restringiu a liberdade do divorcio, promulgou energicas medidas em beneficio dos pobres e das classes média e rural. Foi sua a *lex Julia municipalis*, que deu organização uniforme aos municipios.

N'outras muitas reformas de alta transcendencia se occupava o seu espirito superior, mas tendo entendido que o mundo não deveria continuar a ser governado apenas em proveito de umas tantas familias, e sim em proveito geral, formou-se uma conspiração, sob o pretexto de restaurar a liberdade, e d'essa conspiração foi elle victima. A historia repete-se, como se vê, ao contrario do que affirmam os philosophos...

Indo ao Senado no «dia dos idos de março de 44», os conjurados rodearam-no e crivaram-no de punhaladas. Muitos o haviam já ferido quando Bruto, que Cesar enchera de favores, levantou tambem contra elle o punhal homicida. — *Pois tambem tu, amigo?* — disse-lhe Cesar; e cobrindo-se com a toga, como horrorisado com a ignominia, succumbiu aos vinte e um golpes recebidos. A historia da ingratidão humana é infinita e de todos os tempos.

Sophonisba, rainha da Numidia, nasceu em Carthago em 235 antes de Christo, morrendo em 203 da nossa era. O episodio da sua morte é, d'entre os muitos exemplos de amor á patria de que a historia antiga está repleta, um dos mais impressionantes.

Filha de Asdrubal, foi por seu pae educada no odio a Roma, que representava a tyrannia e a oppressão. Primeiro desposada

de Masinissa, desposou por fim Syphax. Na tomada de Cirta cahiu em poder dos romanos. Masinissa, ao tempo alliado de Scipião, achava-se entre os vencedores; vendo-a, de novo se enamorou d'ella e a desposou, realisando o seu antigo sonho. Scipião exigiu de Masinissa que a esposa, na sua qualidade de vencida, figurasse na cerimonia do triumpho jungida ao seu carro de vencedor, atravez de Roma enthusiasmada com a victoria. Masinissa pretendeu reagir mas não sabia como. E' então Sophonisba quem, possuida da mais nobre indignação, propõe o desenlace. Escrava dos inimigos da sua patria, deshonorada ella e o marido, em holocausto á vaidade de Scipião, nunca! Antes a morte. E assim o propõe a Masinissa.

Quando Scipião reclama o cumprimento das clausulas do tratado de alliança (no qual Masinissa — ao tempo despeitado pelo abandono de Sophonisba, que o trocára por Syphax, — se compromettera a entregar a rainha carthagineza como captiva dos romanos), Masinissa observa-lhe que a sua promessa fôra dictada pelo despeito, mas que tendo conhecido a grandeza de alma da que é agora sua mulher, todo esse despeito desapareceu, e tanto que a desposou, sendo uma crueldade exigir que seja elle proprio que a entregue á pretendida ignominia.

Scipião mostra-se inabalavel, reclamando a entrega a bem ou a mal. Masinissa diz-lhe que a entregará, desejando apenas vel-a ainda uma vez. E' então que Sophonisba lembra ao marido a morte de ambos, «esmagando ao morrerem o orgulho de Scipião».

Na tragedia de Voltaire (scena III do acto V), Sophonisba, ferida já no peito, pelo punhal, dirige-se ao esposo declarando «morrer livre, e feliz por morrer junto d'elle». Masinissa, vendo-a expirar, diz para Scipião: — «Ahi vol-a entrego, romanos; é vossa.» E arrancando o punhal do peito da esposa, crava-o no proprio peito, e cae morto amaldiçoando «quantos teem a vileza de estender aos ferros estrangeiros os seus pulsos servís».

Auctores ha que dizem ter Sophonisba morrido envenenada com uma taça de veneno que o marido lhe enviou; a scena de Voltaire póde não ser exacta mas é mais empolgante, sendo, de resto, tão verosimil uma como a outra.

O ultimo duque de Borgonha que a historia cognominou de Carlos, o Temerario, era filho de Philippe, o Bom, e de Izabel de Portugal. Nascera em Dijon em 1433, e morreu assassinado pelo capitão italiano Campo Basso, segundo uns, ou por Alberto Geierstein (segundo o romance de Walter Scott), em frente a Nancy, em 1477. Foi dos principes mais notaveis do seu tempo, de uma coragem inegualavel e de uma largueza de vistas excepcional em negocios da politica do seu tempo.

Quando era apenas conde de Charolais, em 1452-53, reprimiu as revoltas dos Flamengos. Depois irritado pela ingratição de Luiz XI, filiou-se na historica liga do Bem Publico, dando ao Rei a batalha de Monthlery, em 1456, pondo cerco a Paris e obrigando o Rei a assignar os tratados de Saint-Maur e de Conflans, reconquistando as cidades de Somme, de Guines e de Boulogne-sur-Mer. Em 1467-68 recommçou o cerco de Liege, forçando Luiz XI a assistir á execução da cidade cuja rebellião havia fomentado.

Elevado a duque de Borgonha em 1467, entregou-se á reconstitução do reino da Gallia-Belga, comprando por 50:000 florins, ao duque Segismundo de Austria, os territorios que aquella casa possuia na Alsacia, o Brisgau e as cidades chamadas das florestas. Depois deu novamente combate a Luiz XI, sendo derrotado em Beauvais em 1472. No

anno immediato annexou uma parte de Guel-dre e pensou na conquista da Suissa, da Lorena e da Frisia, e entrou em negociações com o imperador Frederico III para casar sua filha com Maximiliano de Austria. O imperador rompeu essas negociações e então Carlos, o Temerario, emprehendeu o cerco de Neuss, enquanto que a Alsacia, auxiliada pela Suissa, se levantava contra Hagenbach, que foi executado em 1474.

Afinal, depois de ter enchido paginas e paginas da historia do seu tempo, invadiu a Lorena com um exercito em 1477, sendo totalmente derrotado em Nancy.

O seu cadaver foi encontrado meio submergido no gelo de um ribeiro das immediações, como se vê na gravura respectiva.



A MORTE DE CARLOS, O TEMERARIO
(Gravura de Mocquet)

tando apenas 19 annos, pois nascera em 1550. Aos 22 annos foi um dos chefes da famosa carnificina da Saint-Barthelemy, de horrivel recordação, o que lhe deu uma triste immortalidade. Ambicioso como poucos, metteu-se-lhe em cabeça explorar o descredito em que havia cahido Henrique III para se apoderar da corôa de França. O plano correu-lhe bem até certa altura, e o duque de Guise viu-se ruidosamente recebido em Paris, em 1587, depois de ter alcançado uma victoria sobre os allemães em Vimory, e

Ficou na historia como aventureiro audacioso e extremamente popular, como seu pae, Henrique de Lorena, terceiro duque de Guise. Notabilisou-se como militar na defeza de Poitiers em 1569, con-

sobre os huguenotes em Anneau, isto a despeito da proibição do rei de França.

Em 1588 o povo de Paris sublevou-se em seu favor, e o duque de Guise pretendeu apoderar-se de Henrique III, chegando a pôr cerco ao Louvre, onde o Rei se encontrava com a côrte. Henrique III conseguiu escapar da cilada, dissimulou habilmente o seu odio ao aventureiro e tendo convocado os Estados Geraes para Blois, convidou o duque de Guise a assistir ás sessões. Cégo pela audacia e forte pela sua ambição, não quiz saber se haveria outro mais audacioso do que elle, e desprezando os avisos que lhe faziam os seus partidarios foi para a reunião. Apesar de prevenido, mostrou não valer o que diz o conhecido rifão, pois *cahiu como um patinho* na cilada que os seus inimigos haviam preparado para o inutilisarem.

No momento em que ia a passar da ante-câmara para o gabinete do Rei, foi assaltado pelos guardas; ainda puxou da espada para se defender, mas succumbiu aos innumerados golpes recebidos. Henrique III, sahindo do seu gabinete, onde aguardava os acontecimentos planeados, pôde ainda presenciar o estertor do seu inimigo, cujo cadaver no dia seguinte mandou queimar.

Como no famoso quadro de Delaroche, tambem na gravura junta, a figura de Henrique III, entremostrando-se com uma expressão de desejo satisfeito, é excellentemente tratada, como, de resto, o são todas as do referido quadro e as da mesma gravura.

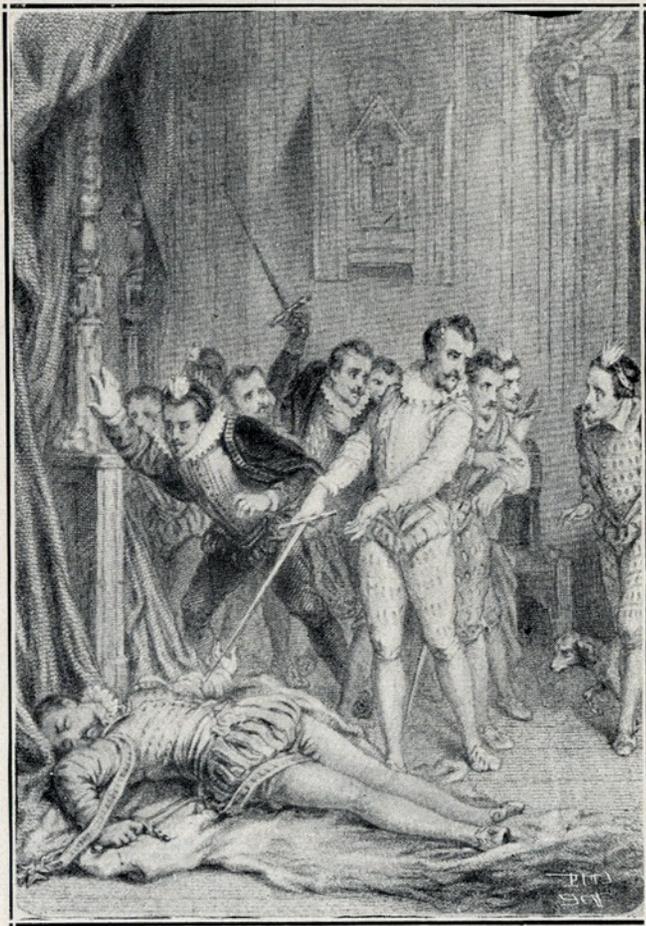
Foi o cardeal Mazarini (Julio de nome), de origem siciliana, um dos mais notaveis estadistas do século XVII, cuja politica logrou dilatar a França até ao Rheno e aos Pyrenéus, salvando-a tambem de uma crise interior devéras inquietante.

Nascido nos Abruzzos, em Pescina, em 1602, veio a fallecer em Paris em 1661.

Seguira primeiro a carreira das armas, e apoz os estudos feitos no collegio dos jesuitas de Roma e nas Universidades de Alcalá e de Madrid, fez a campanha de Valtellina, como capitão de infantaria de um dos regimentos pontificios. Depois abraçou a carreira diplomatica, e graças á sympathia que por elle nutriu Urbano VIII, logrou impedir que os francezes se deffrontassem com os hespanhoes diante de Casal, em 1630. Apesar de não ser padre, foi enviado a Avinhão como vice-legado em 1634, e a Paris, como Nuncio Apostolico, n'esse

mesmo anno. Desempenhou este ultimo cargo até 1636, passando depois ao serviço da França e do cardeal de Richelieu, que o designou como seu successor e lhe obteve o barrete cardinalico, em 1642.

De uma apparencia empolgante, sabia dissimular uma verdadeira constancia de vistas sob a mais surprehendente docilidade de character. Estimadissimo da rainha-regente, Anna d'Austria, cuja affeição dizem varios historiadores que *passou além das marcas*, foi por ella confirmado no cargo



A MORTE DO DUQUE DE GUISE
(Gravura de Delannoy)

de primeiro ministro em 1643, e n'esse cargo, com ligeiros intervallos, se conservou até morrer. Sustentou, graças ás espadas de Turenne e de Condé, a famosa guerra dos trinta annos e dominou a revolta de Beaufort, a chamada *fronda dos principes*, e a de Condé que deixára de submeter-se á auctoridade real. Exilado em 1651 e 1652, regressou a Paris em 1653; e consagrou-se a terminar a guerra com a Hespanha, o que conseguiu pela tomada de Barcelona, com o tratado dos Perinéis em 1659, que cedeu á França o Roussillon, o Artois, uma parte do ducado do Luxemburgo e do Hainant.

Em 1658 formou a liga do Rhodano com a Austria, e dispoz a successão da Hespanha a Luiz XII negociando-lhe o casamento com a infanta Maria Thereza. Fóra da politica, em cuja sciencia tão grande logar occupou, fez uso intelligentissimo da sua fortuna, avaliada em mais de 50 milhões, fundando o collegio das quatro nações no seu palacio, onde está hoje o Instituto de França, e doando a sua esplendida bibliotheca á cidade de Paris.

A gravura de Beyer, reproduz o quadro de Delaroche. No meio de um circulo brilhante de nobres e damas da côrte, uma das sobrinhas de Mazarini procura distrahir-lhe mostrando-lhe as cartas que tinha para elle n'uma meza de jogo collocada proximo do leito. Mazarini, moribundo, já não attende a coisa alguma, apresentando uma notavel expressão de enfado e de desanimo.

Foi tambem no seculo xvii que floresceu em França o grande actor e poeta comico Molière. João Baptista Poquelin, que era o seu verdadeiro nome, nasceu em Paris em 1622, filho de um negociante de tapeçarias. Só tomou o nome de Molière aos 22 annos.

Internado no collegio dos jesuitas de Clermont, só em 1636 fez, tardia mas rapida-

mente, os seus estudos, destinado por seu pae a substituil-o no cargo que desempenhava de particular do paço real. Aos 20 annos estreou-se no theatro da Perolla, do becco do Thorigny, representando depois no Jogo da Péla de Metayer, nos fossos de Nesle. Em 1646 deixa Paris, feito director de uma companhia de actores nomadas, que durante doze annos percorreu a França inteira, dando espectaculos com peças que elle compunha. Representa *O Estouvado* em Lyon, em 1653. *O Despeito Amoroso* em Bezières, em

1656; exhibe-se em Limoges, Toulouse, Nantes, Avinhão, Narbonne, Rouen, Grenoble, etc., e por fim representa em presença do Rei, no palacio do Louvre, em 1658.

Estabelece então residencia em Paris, como director do theatro do Petit-Bourbon, onde as *Preciosas Ridiculas*, o *Sgnarello* e outras peças lhe dão ruidoso successo. Passa depois para o theatro do Palais Royal, e em 1664 representa perante a côrte os trez primeiros actos do *Tartufo*, que seria peça



A MORTE DE MAZARINI
(Gravura de Beyer)

sufficiente a immortalisar-lhe o nome, quando não houvesse o *Avarento*, o *Medico á força*, a *Escola dos Maridos* e tantos outros productos do seu preclaro e inexgotavel engenho.

Morreu aos 51 annos, a 17 de fevereiro de 1673, em pleno theatro, quando desempenhava o principal personagem do seu *Doente Imaginario*, que n'esse dia tinha a quarta representação. Creador da verdadeira comedia de costumes e da comedia de character, a sua moral era a do bom senso e da mais sã razão, sendo portanto a sua obra eminentemente social.

Fecharemos estas notas historico-litterarias alludindo a trez homens de armas, trez verdadeiros heroes: Turenne, Marceau e Nelson.

Henrique de La Tour d'Auvergne, visconde de Turenne, marechal de França, nasceu em Sedan, em 1611, e falleceu no combate contra as forças de Montecuccoli, em Salzbach. Estivera nos cercos de Casal e de Spira, foi ferido em Saverne, defendeu audazmente Maubeuge, contribuiu para a tomada de Brisach, tomou Turim, fez a campanha da Baviera, levantou o cerco de Arras, tomou La Capelle e Montmédy, e com a celebre victoria das Dunas facilitou a famosa tomada de Dunherque. Na campanha destinada a proteger a Alsacia, passou o Rheno em 1674 e ahi acabou de se cobrir de gloria, glorificando o exercito do seu paiz. Na primavera de 1675 ia travar

combate quando foi morto por uma bala perdida, ao tratar de reconhecer, elle proprio, a posição de uma bateria inimiga. A sua morte foi um verdadeiro luto nacional. A' sua memoria foi erguido um monumento no proprio lugar onde cahiu morto, o qual se inaugurou em 1781.

Francisco Severino Marceau, famoso general francez, nasceu em 1769, em Chartres, e veiu a morrer aos 27 annos, em

1796, em Altenkirchen, na Alemanha. Alistado no exercito aos 16 annos, no regimento de Saboya-Carignan, chegou em breve ao posto de sargento. Em 1789 tomou parte no ataque da Bastilha, sendo nomeado capitão da guarda nacional de Chartres. No começo da campanha de 1792 era já tenente coronel do batalhão de Eure-et-Loir. Em 1793 passou á Vendéa e ahi conquistou brilhantemente o posto de general de brigada, sendo nomeado comandante em chefe do exercito de Oeste. Com 24 annos apenas, era preciso que

fossem, na verdade, excepçoes os seus meritos, e isso nos diz a historia que foram.

Foi especialmente no exercito de Sambre-e-Mosa, ás ordens de Jourdan, que se affirmaram as suas altas qualidades, quando, á frente da sua divisão, surpreendeu e tomou Coblentz. Depois de se ter apoderado de Wurtzburgo e de Limburgo, a 19 de setembro de 1795, um caçador tyrolez, emboscado por traz de uma arvore, disparou-lhe um tiro do lado direito, ferindo-o gravemen-



A MORTE DO VISCONDE DE TURENNE

(Gravura de Lefranc)

te. Levado para casa do governador de Altenkirchen (scena que a gravura representa), ahi expirou precisamente na occasião em que chegava, para visital-o, o archiducque Carlos com o seu brilhante estado maior.

As honras militares ao moço general foram prestadas pelos dois exercitos em lucta, durante uma propositada suspensão de hostilidades. As suas cinzas foram recolhidas n'uma urna de bronze, com esta inscripção: *Hic cineres, ubique nomen* (As cinzas estão aqui, o nome em toda a parte). Foram para França em 1889, sendo depositadas no Pantheon.

Horacio Nelson, almirante inglez, o heroe da batalha de Trafalgar, nasceu em Burnham-Thorpe, em 1757, vindo a fallecer n'aquella batalha em 1805. Alistou-se aos 12 annos de edade, attingindo o posto de

tenente em 1778. Em [1794, servindo na esquadra do Mediterraneo, tomou parte nos cercos de Basti e de Calvi, onde perdeu um olho. Em 1797, já contra-almirante, dirigia a expedição contra Teneriffe, quando perdeu um braço, o direito. Nem assim abandonou a carreira militar, e logo depois de curado, fez destruir a esquadra franceza, que levava Bonaparte ao Egypto, em Aboukir, em 1798. Por este feito foi elevado a barão e a par do reino.

Em 1805, a armada do seu commando destruiu e venceu a armada franco-hespanhola, mas ahi foi mortalmente ferido por uma bala. Foi para Inglaterra um luto nacional, porque Nelson fôra um verdadeiro heroe.

O heroico marinheiro exhalou o derradeiro alento na camara do *Victory*, que era o navio chefe da esquadra ingleza.

ARTHUR BELMONTE.



QUADRAS

*Os teus olhos, vou jurar,
Não estão na graça de Deus,
Pois só d'um dia os olhar
Levaram presos os meus.*

*Prende a justiça o ladrão
Por uma coisa de nada;
Tu roubaste um coração
E vives tão descançada!*

*Se tambem mata por fim
O amor que faz soffrer,
Vem despedir-te de mim
Que devo estar a morrer.*

*Chamas-me tonto a brincar,
Mas é verdade, acertaste.
Eu nem já tenho pensar,
Todo o que tinha levaste.*

*De coisas d'astronomia
Não preciso saber mais:
Mal te vejo nasce o dia,
E' noite quando te vaes.*

*Aspiraste com delicia
A brisa que hontem correu;
Ai! quem me dera a caricia
Que o vento nem percebeu!*

LUIZ SOARES.



O respeito devido á mulher

O casamento nos diversos povos e perante a historia

(Continuação)

XXII

Assim, em Roma, a mulher pertence á familia e não á cidade, tem sempre um senhor ou tutor — o pae, quando solteira, o marido quando casada, o mais proximo agnado varão quando viuva. Em Roma, se a mulher obtém alguma parte da herança de seu pae ou de seu esposo, não pode, excepto as vestaes (*in honorem sacerdotis*), alienar ou legar sem consentimento dos tutores, interessados na herança.

Podia tambem o tutor oppôr-se ao casamento ordinario (*caemptio* ou *cohabitatio*). Só o pae, porém, negando o consentimento, podia impedir o matrimonio solenne (*confarreatio*), e este nunca podia dar-se entre um plebeu e uma patricia.

Outra consequencia da falta de personalidade juridica da mulher, em Roma, era a de não poder conferir direitos. O parentesco por ella estabelecido não tinha effeitos civis.

A romana não levava comsigo pelo casamento os deuses do lar paterno. Outra familia, outros deuses.

Era no emtanto muito respeitada a mulher, entre os romanos, qualquer que fôsse o seu estado. O matrimonio era sagrado e monó-

gamo. Ninguem disputava á mulher o seu logar na familia. Este principio, primeiro *accommodaticio*, depois, pelo habito, tornado moral, já o receberam os romanos dos gregos.

Como o pae, a mãe celebrava os ritos sagrados no altar dos Penates. Só a mulher casada tinha, em Roma, o direito de trazer pelas ruas a *stola*, amplo e grave manto que lhe cobria as formas e que dando a conhecer a matrona lhe assegurava o respeito público. Não era já a mulher grega, occultada de todo, mas a mulher moralmente superior, a educadora dos filhos, a sacerdotiza, a companheira trabalhadora do marido.

XXIII

A principio o direito de vida e de morte concedido ao espôso sobre a mulher era só para o matrimonio por *confarreatio*, não tratando a lei do casamento dos plebeus. E' interessante o ceremonial symbolico:

Depois que a noiva provava o *far*, passava sob o jugo do arado, punha o *asse* na balança, sobre os Penates, n'um umbral da casa conjugal, e depois de haver pronunciado a fórmula *Ubi tu Caius et ego Caia*, ficava sob o poder do marido (*in*

manu mariti), e o seu dote como a sua pessoa passavam a ser propriedade do esposo. A lei das *Doze Tábuas* concedeu o mesmo direito ao matrimonio plebeu quando houvesse durado ininterruptamente um anno.

Em caso de divorcio, o marido conservava o dote. Mas nos tempos da austeridade moral romana o divorcio foi desconhecido, e só mais tarde é que se erigiu o templo ao Pudor, cujas portas se fechavam para a mulher binuba.

A esterilidade, porém, fez do divorcio uma necessidade. Era preciso dar cidadãos para defesa da patria e manter a perpetuidade da familia.

XXIV

A civilização romana explica-se pelo *Familismo*, o que quer dizer que as qualidades moraes da mulher na familia foram um factor, aliás importante, d'essa civilização do occidente da Eurasia, nascida na peninsula italica e que caracteriza, com os elementos germanico e christão, a civilização contemporanea.

Muitos foram, como já dissemos, os povos que habitaram a Italia antiga. Esses italiotas, esparsos pelos valles da peninsula italica, grupados em familias patriarchaes e não em grupos cantonaes, explicam a perduração do patrio poder e as conquistas do direito civil, primeiro, e depois do direito público, d'onde irradia a concepção moderna da liberdade da consciencia, depois da revolução de Lutheró.

A difficuldade da conquista na Italia explica o apparecimento do direito familiar e civil. As várias tribus defendidas por valles, não se podendo conquistar, transigiam em contratos bilateraes. Estes fixaram-se em principios. Foi o primeiro direito. Só uma auctoridade existia e perdurava, a do chefe (*caput*). D'elle derivava todo o poder — a capacidade civil. A mulher, a dominada, não tinha forças para se impôr; as imposições eram de tribu para tribu.

As guerras davam-se, é certo, mas restrictas, pela devastação (*populatio*) na conquista do *ager*. O *populus*, nome de que os romanos tanto se orgulhavam, o agente de devastação na conquista do *ager*, foi creando as classes, os clientes e os escravos. Es-

tes foram o nucleo da reacção que começou a caracterisar-se em Servio Tullio. A plebe reivindica direitos; mas a mulher, patricia ou plebéa, fica sempre *in manu mariti*.

XXV

O dualismo romano caracteriza-se nos cidadãos *optimo jure* e *minuto jure*, nas classes pelo *populus* e *plebs*, no parentesco por *agnatio* e *cognatio*, no casamento por *justae nuptiae* e *concubinatus*, na propriedade pelo *dominium ex jure quiritum* e *dominium in bonis*, nas fórmulas do direito pelo *jus civile* e *aequitas*.

Quando as fórmulas austeras do direito civil, originado nos contratos, foram evoluindo pela complexidade das relações sociaes e pelas conquistas da plebe, a equidade substituiu-se ao *strictum jus*.

O Familismo não chega a perder-se nunca, persiste nos agrupamentos — *Clanb*, *Bando*, *Sept* ou *Rancho*.

E' sempre em volta da primitiva idéa do chefe de familia (*Caput*) que se organisa a sociedade romana, *Capacidade* juridica representa os direitos do cidadão; do Capitolio (ainda a *Caput*) irradia a civilização romana para o mundo conhecido.

Os Reis, em Roma, são representantes do patriarchado; e só mais tarde a absorpção da força centralisada, já tentada por Tarquinio Soberbo, é que havia de tornar a realza hereditaria.

A posição subalterna da mulher, em Roma, vem do interesse maximo da conservação da familia, que se julgou só garantida pelo poder do Chefe.

Mas a familia aristocratica ia desaparecendo pelas leis biologicas, e o individualismo da mulher ficava, cada vez mais fixo, nas suas funções indeclinaveis. D'este individualismo havia de sahir a familia organica. Mas no nosso tempo ainda a influencia da politica deixa ao abandóno o lar, como na Grecia, e ainda hoje as tradições do civilismo romano negam á familia o carácter de sociedade organica e fundamental, base dos agrupamentos confederaveis na unidade geral da especie. Os sentimentos de humanidade do nosso tempo indicam já este estado de integração humana.

(Continúa.)

CARNEIRO DE MOURA.



A comedia e o drama actuaes na Italia

I

Giuseppe Giacosa

Marquez de Capranica — Alberti — Ferrari — Colucci — Gualtieri — Bersezio — Righetti — Uda — Leopoldo Marengo — Cossa — Costetti — Gargioli — Trèves — Ancona Bettoli — Giovagnoli — Os dois Praga — «Mulher ideal» — Verga — «Cavallaria rusticana» — «La lupa» — Cavalloti — Pratesi — Torelli — Galati — Giacosa — «Tristes amores» — «Como as folhas...»

E' curioso estudar e analysar as obras de theatro, que desempenharam papel preponderante nos acontecimentos politicos da Italia, na segunda metade do seculo XIX.

Na noite em que se representava o drama do marquez de Capranica (Luigi), *Francesco Ferraro*, rebentou a revolução em Roma, em 1848. Foi esta peça que deu origem ás primeiras manifestações populares; alguns dias depois, o papa fugia para Gaeta. O marquez de Capranica, poeta e romancista, nasceu em Roma, em 1821. Alistado em 1844 na guarda nobre de Pio IX, fez representar, em 1847, *A conjuração de Fiesco*. Tendo sido dissolvida a guarda nobre, o marquez de Capranica vestiu o uniforme de guarda nacional, com o qual serviu durante o cerco de Roma, effectuado pelo general Oudinot. Encarcerado, depois expulso no regresso de Pio IX, foi residir para Veneza, e fixou-se em Milão depois da paz de Villafranca. O mallógro de um dos seus dramas, *Vittoria Accoramboni*, levou-o a

experimentar o romance historico. N'esse genero publicou: *João dos Bandos-negros* (1858); *A conspiração de Brescia* (1858); *Fra Paolo Sarpi* (1859); *Mascaras religiosas* (1860); *Donna Olimpia Panfili* (1861); *A Condessa de Melzo* (1863).

Luigi Alberti, auctor de grande numero de comedias, com graça e movimento, taes como: *Valentino Carrera*, *Pedro ou a Nova familia*, *Uma esposa nova não deve ser contrariada*, *A rapariga asizada* (1871), *A condessa de Santafiore* (1884), nasceu em Florença, em 1822, e morreu n'essa mesma cidade, em 1895. Exerceu grande influencia no theatro do seu tempo.

Paulo Ferrari foi simultaneamente critico e auctor dramatico. Nasceu em Modena em 1822. Publicou: *Goldoni e as suas dezaseis comedias novas*; *Parini e as suas satiras*. Os seus maiores triumphos, obteve-os, contudo, como auctor dramatico. Além da *Poltrota storica*, obra da juventude, fez representar mais as comedias: *Dante em Verona*, *A cura de uma doente nova*, *Os amigos rivaes*, *Causas e effeitos*, *O ridiculo*, *A gente séria*. Estas ultimas outorgaram-lhe foros de ser um dos melhores comediographos contemporaneos. São d'elle tambem os dramas: *O duello* e *O suicidio*.

Raffaele Colucci foi dotado de extrema fecundidade. Nasceu em Napoles em 1825. Collaborou em diversos jornaes e revistas, escreveu grande numero de comedias, de dramas, de bailados, que, na maior parte, triumpharam. Publicou tambem romances e impressões de viagem. Entre os seus dramas, convem citar: *Elisabetta Sirani* (1848);

Luisa San Felice (1861); *Alamanna* (1865); *A filha de Ribera* (1867), etc., e entre as suas comedias: *Leviandade* (1855); *O dia immediato a uma revolução* (1862); *A corrente* (1872).

Luigi Gualtieri tornou-se tão celebre no theatro como no romance. Nasceu em Bolonha em 1825. Estreou-se com *Os mysterios de Italia* (1849), composição de um romantismo descabellado. Depois publicou: *O inominado* (1857); *Amor e Fidelidade*; *La Serpe dos Visconti* (1861); *Memorias de Ugo Bassi*; *Deus e o homem* (1864); *Os Chumbos de Venesa* (1864); *O ultimo papa* (1865); *O Nazareno* (1868); *A amazona* (1869); *A vida romana* (1870). Entre as suas peças de theatro citam-se como as melhores: *Silvio Pellico*, *Os Carbonarios*, *Daniel Mannin*, *A força da consciencia*, *O duello*, *Amos e creados*.

Vittorio Bersezio nasceu em Coni em 1830, tomou parte no movimento liberal de 1847 e fez, em 1848, com os estudantes, a campanha da Lombardia. Redactor litterario da «Gazeta Piemonteza», escreveu em muitos jornaes e revistas; entre outras, no «O espero», onde appareceram os seus *Perfis politicos*. No theatro, fez representar um drama: *Mica d'Andormo*; uma tragedia: *Romulus*; *As paschoas de Verona*, *Os supplicantes*, *A violencia procede sempre mal*, uma das suas melhores comedias; *Monsu Travet*, a mais popular das suas peças. Como romancista, citam-se d'elle: *A familia*, *o amor da patria*, *Palmira*, *Pobre Joanna*. Deve-se-lhe tambem: *O reinado de Victor Manuel II* e *Trinta annos de vida italiana*.

Carlos Righetti, mais conhecido pelo pseudonymo de Cletto Arrighi, nasceu em Milão em 1830. Fez a campanha de 1848 como tenente de dragões, pediu a demissão depois da batalha de Novara e tomou assento no parlamento italiano como deputado por Guastalla. Abandonando a politica pela litteratu-

ra, redigiu a «Chronica parda», publicação satirica. Deve principalmente a sua fama ás scenas da vida lombarda, esboçadas com esfusante vivacidade nos seus romances, novellas e peças: *A Condessa de Guastalla*, *As memorias de um ex-republicano*, *O diabo vermelho*, *Os quatro amores de Claudia*, etc.

Miguel Uda nasceu em Cagliari, Sardenha, em 1830. As suas primeiras peças, *Os amantes da viuva*, comedia bastante espirituosa, *Mascara e rosto*, *Amante e mãe*, *Na mortalha* e *O operario e sua familia*, dramas, foram escriptos para uma companhia ambulante que elle acompanhava. Foi em Milão que Uda fez representar a sua melhor peça, *Os renegados* (1858), comedia brilhante de espirito e de observação, pintura viva da sociedade da época. Depois só publicou romances. Citaremos: *Um pobre diabo*, *De Hero-*



TESTONI

des para Pilatos e *Mestre Cornelio*. Redigiu o folhetim de critica de theatro no «Pungolo» e na «Revista Nuova».

Leopoldo Marengo nasceu em Ceva, em 1831. E' auctor de uma tragedia applaudida, *Isabel Orsini*, e, depois de ter abandonado uma cadeira na universidade de Milão (1864-1871), entregou-se completamente á litteratura. Confirmaram a sua fama tres peças de theatro: *Picarda Donati*, *Saffo* e *Speronella*. Publicou tambem pequenos poemas e algumas comedias: *Un malo esempio in famiglia*, *Leiture ed esempi*, *Lo spiritismo*, *Supplicio di Tantalo*, *Gli amori del nonno*, etc.

Chegamos agora ao mais pujante escriptor dramatico da Italia no seculo XIX, a Pedro Cossa. Nasceu em Roma em 1834 e morreu em Leorne em 1881. Foi um reformador do theatro italiano. Desempenhou durante algum tempo o cargo de professor de litteratura no Instituto tecnico de Roma. Entre as suas obras, notaveis pela largueza da observação, vigor do estylo, sentimento

delicado da cadencia, liberdade de modos shaksperianos, citaremos: *Nero, Cola de Rienzo, Julião o Apóstata, Messalina, Cleopatra, Os Borgia, Cecilia, Os napolitanos em 1799* (1880), etc.

Giuseppe Costetti nasceu em Bolonha, em 1834. Representaram-se um grande numero de peças suas. Citaremos algumas: *O filho de familia* (1863); *Os intolerantes* (1865); *O dever* (1866); *A avareza* (1867); *Os devassos ciumentos* (1870); *As compensações* (1874); *Plebe dourada* (1876). Todas as peças de Costetti estão cheias de rasgos de observação, de bom humor e de fina alegria. Escreveu mais as *Confissões de um auctor dramático* (1873) e reuniu com o titulo de *Figurinhas do theatro* (1878) os artigos de critica mordaz publicados por elle no «Fanfulla» e no «Bersagliere».

Valentim Carrera estreou-se no theatro, em 1859, com uma comedia, *A loteria*, que obteve algum exito, e escreveu depois: *Dom Girella* (1862); *O incubo, O conde Orazio*, dramas fantasticos; *Trabalha tu que Deus te ajudará*, proverbio; *O quaterno de Nanni*, uma das suas peças que tiveram maior somma de representações (1870); *O A B C* (1873); *Scarabocchio* (1876); *Theatro nacional na Italia e em Hespanha* (1883); etc. Escreveu mais, n'outro genero, *Capital e mão de obra* (1872), obra de economia social de um certo valor. Nascera em Turim em 1834.

Valentim teve um irmão, Quintino Carrera, nascido tambem em Turim, em 1842, que escreveu algumas peças escriptas em dialecto piemontez, taes como: *I Pensionarj d' Monsii Neirol; Gl'Impegnus; El lunes; Le Occasioni*.

Conrado Gargioli nasceu em Fivizzano em 1834. Compoz um ensaio dramático, *Mario e os cimbras* (1858), depois um *Estudo sobre as poestas nacionaes* (1859). Nicolini, com o qual se ligara estreitamente,

encarregou-o, perto da morte, de publicar uma edição completa das suas obras. Gargioli consagrou varios annos da sua vida a esta edição, que enriqueceu de prefacios e de commentarios. Além d'estes trabalhos publicou: *Da aurora ao poente*, collecção de poesias lyricas (1873); *Fernando e Gisella*, poema (1875); *Ensaio sobre a vida e as obras de Vincenzo Gioberti* (1876); *Litteratura e arte dramática* (1877); *Introdução ao estudo da litteratura italiana* (1879), etc.

Emilio Trèves, nascido em Trieste, em 1834, mais tarde editor afamado, principiou a sua carreira no theatro. Escreveu um primeiro drama, *Riqueza e miseria*, que foi representado no theatro Philodramatico, de Trieste, obtendo excellente exito. Escreveu depois outro, o *Duque de Enghien*, mas esse foi interdito pela censura austriaca.

Não é como dramaturgo que figura n'este estudo Alexandre d'Ancona, nascido em Pisa, em 1835. Tomou parte activa no movimento que preparou a unidade da Italia, assumiu, em 1859, a direcção do jornal «La Nazione», proveram-no, em 1860, n'uma cadeira de litteratura na universidade de Pisa. Além da publicação de um grande numero de textos, deve-se a Ancona: *As representações dramaticas sacras nos seculos XIV, XV e XVI* (Florença, 1872); *O mestre de Petrarca* (1874); *Os precursores do Dante* (1874); *As origens do theatro em Italia* (1878); *Estudos sobre a litteratura italiana dos primeiros seculos*.

Parmenio Bettoli nasceu em Parma, em 1835. Estreou-se na

sua carreira theatral com um drama, *O Pintor* (1853), depois fez representar um grande numero de comedias, entre as quaes, *Bocacio em Napoles* (1865) e *Um gerente responsavel* (1868), passam pelas melhores. São produções cheias de bom humor e de alegria. Deve-se-lhe tambem um grande numero de romances.



LUCIO D'AMBRA

Raphael Giovagnoli nasceu em Roma, em 1838. Foi presidente da sociedade dos auctores dramaticos e professor de historia na universidade de Roma. Escreveu as comedias: *A viuva de Putiphar* e *Natalina*. Além d'estas producções para o theatro tentou fazer resurgir o romance historico, baseando-o n'um estudo mais profundado dos factos e das personagens postas em scena. O brilhante exito do seu *Spartaco* (1874) pôde fazer acreditar um instante no bom exito da sua tentativa, mas os seus outros romances, tirados da historia romana ou medieval, não passam de reconstituições historicas sem valor e sem vida. D'entre esses citaremos: *Plantilla*, *Saturnino*, *Faustina*, *A guerra social*, *Aquilonia*, *Messalina*; um livro de versos *Pecata juventutis*, e estudos de litteratura e arte.

Emilio Praga nasceu na Lombardia, em 1839, e finou-se em Milão em 1875. Cultivou primeiro a pintura e ao mesmo tempo a poesia, e publicou, em 1862, uma collecção de versos, *Tavolozza*, onde se encontra muita frescura e sentimento. Pouco depois, deu a publico *Penumbra*, em que se revela naturalista (1864); mais publicou poesias sobre lendas da Idade-Média: *Fiabe e leggende* (1867); comedias: *Le madri galanti*, de colaboração com A. Boito; *Il capolavoro d'Orlando*, e uma scena dramatica: *Il fantasma*. Durante os dez ultimos annos da sua vida, foi professor no conservatorio de Milão.

Marco Praga, filho do precedente, nasceu em Milão em 1862. O seu drama *Le Vergini*, tem no assumpto certa analogia com as *Demi-Vierges*, do escriptor francez Marcel Prévost. A sua *Moglie Ideale* é tambem uma sátira amarga da moral burgueza. As suas primeiras obras, compostas no espirito do theatro naturalista francez, patenteiam um talento sombrio e inimigo das fórmulas já feitas. As obras que publicou depois são menos originaes. Citaremos: *L'innamorata*, *Alleluia*, *L'Erede*, *La morale della favola*, *L'atto unico* e *L'ondina*, que obtiveram menos exito.

Que levou Marco Praga, auctor applaudido, laureado, a escrever a *Mulher ideal*? (1) Copiou do natural a protagonista da peça?

E' um caso pathologico que estudou e realizou no tablado? E' um simples producto do meio ou da sua fantasia? Ironia acerba, vingança de alguma infelicidade soffrida, desejo de crear um papel especial para uma artista privilegiada, capricho de um cérebro pujante, seja o que fôr, a peça foi discutida, deu que falar de si, e já não é pequeno merito obter tal resultado.

Eis o seu entrecho.

Julia Campiani, mulher do advogado André Campiani, divide o coração e o corpo, em parcellas perfeitamente iguaes entre o marido e o amante, Gustavo Velati, tambem advogado. O adulterio para essa mulher, que nenhuma paixão defende, que nenhum vicio instiga, é um acto naturalissimo. Ama o marido e acaricia-o, porque é bom e pae do seu filho; dá-se ao amante porque gosta d'elle, porque... porque... nem ella propria o explica. O amante, porém, enfastia-se, quer abandoná-la, pretexta para isso remorsos. Julia não se conforma com essa resolução. Sente-se bem entre os dois homens e quer conservar ambos. E' uma doente? E' uma devassa? Nenhuma das duas coisas. E' uma inconsciente dos deveres que o casamento representa, um character frívolo sem sentimento, nem honra, nem pundonor. E' uma anormal, uma quasi aberração do seu sexo. Deshonra-se a si e deshonra o marido, sem vicio, sem amor na acepção sublime do termo, sem sequer ceder a um aguilhão irreprimivel da carne. Tem um amante e quer que elle não lhe fuja, exactamente como uma criança insiste em prender e atormentar um cãosito que pretende escapar-se-lhe.

A peça é essencialmente realista, crua-mente demolidora, não porque contenha scenas equívocas ou phrases que não se possam ouvir, longe d'isso, mas porque põe a nú a alma de uma criatura que, por honra do seu sexo, não existe completamente assim, tão banalmente perversa, tão inteiriçamente despida de escrúpulos. Mas se a *Mulher ideal* não prima pela defesa de principios, nem de doutrinas medianamente moraes, é, theatralmente falando, bem feita. O final do segundo acto é um primor de observação e de novidade em comedia. Se não perpassam pelos seus tres actos nenhum sentimento consolador, nenhuma idéa levantada; se de principio a fim o realismo ironico, zombeteiro, acerado como um bisturí cheio de pús nos

(1) A *Mulher ideal* foi representada em Lisboa, no theatro D. Amelia, hoje da Republica, pela companhia italiana da actriz Tina di Lorenzo, em 30 de abril de 1909.

fere; se o comediographo se compraz em amesquinhar na mulher o que ella tem de mais nobre, mesmo quando desce muito — o coração —, revela, comtudo, no decorrer da acção, um talento superior, uma graça amarga, mas de bom quilate, um intenso sópro de philosophia e de fundo conhecimento das podridões da humanidade.

Giovanni Verga nasceu em Catanea, em 1840. Foi na Italia um dos primeiros representantes da escola naturalista. O seu estylo possui singulares qualidades de vigor e de sinceridade, sobretudo na parte da sua obra em que descreve os costumes e analysa a alma dos camponeses sicilianos. Mas os seus romances peccam pela intriga, arrastada e confusa. No theatro, menos feliz que no romance, tornou-se celebre a *Cavallaria rusticana*, libretto e drama extrahidos de uma das suas novellas. Os seus principaes romances são: *Storia de uma capinera*; *Eva* (1873); *Medda* (1874); *Tigre reale*; *Primavera*; *Eros* (1875); *Vita dei campi* (1880); *Imalavoglia* (1881); *Il marito d'Elena* (1882); *Novela rusticana*; *Per le vie* (1883); *Drammi intimi* (1884); *Vagalondaggio* (1887); *Mastro don Gesualdo* (1889); *Don Candeloro e campagni* (1894); *I ricordi del Capitano d'Arce* (1895).

O drama, tão conhecido, intitulado *Cavallaria rusticana* é sombrio, pathetico e rapido. A acção passa-se na Sicilia. O camponez Turridu, de volta á sua aldeia encontra a sua namorada, Lola, casada com o carreteiro Alfio. Seduz uma rapariga Santuzza, prometendo-lhe casamento. Mas Lola, garrida e ciumenta, atrae-o e toma para amante o seu antigo noivo. Santuzza esforça-se por desligar Turridu de Lola, e, não podendo conseguí-lo, revela a Alfio a infidelidade da mulher. Os dois homens desafiam-se e, n'um duello á faca, Turridu é morto por Alfio. Sobre este episodio escreveram Targioni

Fozzeli e Menasci um libreto em um acto e dois quadros, e Pietro Mascagni a partitura de um drama lyrico. A musica contém banalidades, mas tambem paginas bem achadas.

E' tambem de Giovanni Verga a peça em dois actos *La lupa* (1). E' uma tragedia a valer, cruel, aspera, terrivel. Gualia Pina, a loba, é amante do marido de sua filha Maria. O viver d'esta familia é um horror de ciumes e de desespero. O genro, n'um momento de ira, incitado pela propria sogra, com quem atraiçoa a mulher, mata aquella n'um accesso de ira.

Felix Carlos Emmanuel Cavallotti nasceu em Milão, em 1842, e foi morto em duello, em Roma, em 1898. Em 1860 fez parte dos *Mil* de Garibaldi. Em 1867 e 1868 publicou diversas poesias patrioticas, mas revolucionarias, *A ode a Prati*, *O dia do Estatuto*, *A ballada de Mentana*, que o obrigaram a um exilio voluntario de dois annos, e que mais tarde lhe valeram até a prisão (1870). Dedicou-se então ao theatro. O seu primeiro drama *I pezzenti*, representado em Milão, em 1871, alcançou um grande exito; poz em scena, em seguida, *Guido* (1872); depois *Agnese* (1872), e por-

fim *Alcibiades* (1874), a sua obra prima e uma das melhores peças do theatro italiano contemporaneo. Em 1871 elegeram-no deputado e tornou-se um dos chefes do partido avançado, o que não o impediu de continuar nos seus triumphos de auctor dramatico. O publico applaudiu-lhe *Manzoni*, comedia historica (1874), *Emmanuel* (1874), *Os mesenios* (1875). Deve-se-lhe além d'isso uma traducção italiana dos *Fragmentos*, de Tyrteu; *O cantico dos canticos* (1882); *A mulher de Menécles* (1882) comedia; *Lua de*



S. LOPEZ

(1) Foi representada, em Lisboa, no theatro D. Amelia, pela companhia siciliana de Mimi Aguglia, em 21 de dezembro de 1909.

Mel (1883); *Vicareto* (1885), comedia; *A rosa branca* (1886), etc. O adversario que teve a infelicidade de o matar, Ferruccio Macola, deputado e director da «Gazetta di Venezia», suicidou-se em 1910, melancolico e desilludido da vida.

Mario Patresco, auctor da comedia *La crisi*, nasceu em Santa Fiora, Toscana, em 1842. Foi um entusiasta da escola de Manzoni, mas não desdenhava de observar de perto a natureza e pintar seres triviaes e vulgares. Os seus melhores romances são: *Jacopo e Marianna*, *Belisario*, *Um vagabundo*, *Um corvo tra i selvaggi*, *In provinci*, *Novelle e bozzeti*, *Le perfide del caso*, *Il peccato del dottoro* e *A dama do minuete*. Escreveu mais: *Figure e poesi d'Italia*.

Achilles Torelli, ainda ha pouco tempo administrador do theatro San Carlo, em Napoles, nasceu n'esta cidade em 1844. Quasi ao sahir da escola, escreveu a sua primeira peça de theatro, *Depois da morte*, comedia representada primeiro em Napoles e mais tarde em Turim, em 1861. Fez representar em seguida *No tempo de Giugillino* (1861); *Antes de nascer* (1862); *O preceptor do rei* (1863), refeita por elle decorri-

dos tempos com o titulo *Uma côrte no seculo XVII*; *A missão da mulher*; *A verdade*; *As pessoas honestas* (1867); *A esposa* (1870); *A rapariga* (1873); *Scrollina* (1870).

Domenico Galati nasceu em Palermo em 1840. A sua primeira obra, uma comedia em verso, *Stefania*, triumphou (1866). Galati fez em seguida representar, em Florença, *Elisabetta* (1869) no Grande Theatro de Varsovia, *Joanna*, drama em cinco actos, traduzido para polaco; outro drama seu, *Paolo*, foi representado em Paris e em Londres por uma companhia italiana (1869). São tambem de Galati: *Desde Sedan* (1874), estudos sympathicos sobre a França, e os *Homens do meu tempo* (1879), collecção de

reminiscencias pessoases ácerca dos contemporaneos com quem conviveu nas suas viagens pela Polonia, Russia e França.

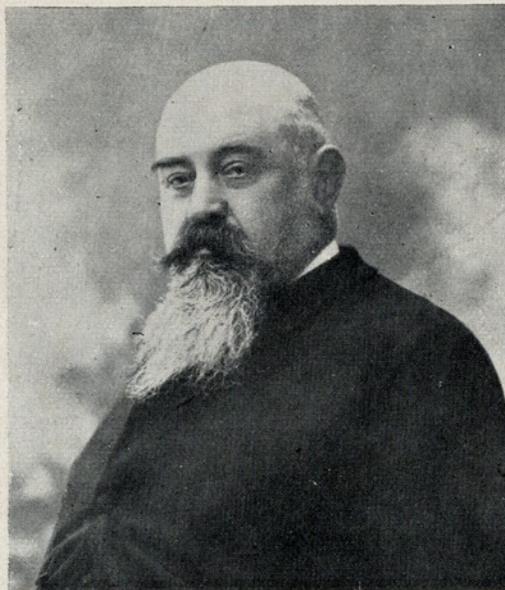
Giuseppe Giacosa, um dos mais notaveis dramaturgos modernos da Italia, nasceu em Colletero-Parella, Piemonte, em 1847. Estudou-se no theatro de Turim com um proverbio: *A cão que lambe cinzas não dês farinha a guardar* (1872). A este trabalho seguiram-se: *Historia velha*, comedia (1872); *A partida de xadrez* (1873); *Negocios de banco* (1875); *Os filhos do marquez*, Arthur, e *Victoria de amor*, comedia; *Teresa*, *O marido amante de sua mulher*; *Os irmãos de armas*; *O conde Rosso* (1880). Duas das suas peças, *Tristes amores* (1887) e *Como*

as folhas (1909) foram traduzidas em francez e representadas a primeira no Vaudeville, de Paris, em 1893, com o titulo *La provinciale*, e a segunda, com o mesmo titulo, no Odéon. Um dos seus dramas tambem foi traduzido para francez, com o titulo de *La dame de Chalcant* e representada em Nova York.

Os *Tristes amores* desenrolam o seguinte entreocho:

Um advogado de uma cidade provincial, Julio Scarli, é casado. Sua mulher

Emma, deu-lhe uma filha, Gemma, creança adoravel. Julio é uma santa e generosa alma. Admitte no seu escriptorio um advogado joven, Fabricio Arcieri, filho do conde Arcieri, jogador, falsificador, um fidalgo que, sumida a sua riqueza, vive de expedientes. Fabricio em recompensa da magnanima e fraternal hospitalidade, seduz-lhe a mulher. Commettido o adulterio, Emma não conta mais um dia de felicidade. Os seus amores são tristes como o crime que ella praticou. O pae de Fabricio falsifica a assignatura de Julio. Para se salvar só encontra um recurso: casar o filho, Fabricio, com a filha de um ricoço. Conhece os amores d'este com Emma. Aparece em casa da desventurada



GIUSEPPE GIACOSA

e consegue que ella lhe prometta, depois de a ter intimidado «com palavras polidas e olhares ultrajantes» a convencer Fabricio a que realize o enlace projectado. Emma promette-lhe tudo. Um acaso, um episodio comico de um duello em perspectiva com o procurador Ranetti, revela ao advogado Julio a falsificação da sua assignatura pelo conde Arcieri. Cheio de generosidade, Julio quer livrar Fabricio, o seu hospede, o seu amigo, mas tambem o seductor de sua mulher, o que o advogado ainda ignora, da vergonha, do escandalo que vae causar o delicto do pae. Fabricio recusa esse acto de suprema longanimidade da parte de um homem a quem offendera tão gravemente. Julio na melhor das intenções appella para a mulher para o auxiliar, para o ajudar a convencer Fabricio. A discussão acalora-se. Uma phrase de Fabricio lança as suspeitas no espirito de Julio. A luz faz-se completamente. O amigo bom, a alma sublime, o chefe que não vê outra coisa senão a familia, mede de repente o abysmo que se lhe abrija aos pés. Fabricio é expulso da casa que maculou. O advogado resolve sahir com a filha para deixar tempo á adúltera para abandonar o lar manchado. Na verdade apenas os dois desaparecem entram Fabricio e Emma para partirem. A esposa criminosa, principal victima do proprio crime, vae para fugir quando se lhe depara a boneca com que a filha costuma brincar. O infantil objecto patenteia-lhe n'um relampago toda a abjecção do seu proceder. O amor de mãe empolga-a. E a revolução que se opera na sua alma é tão funda, apesar de instantanea, que nem sequer permite que o amante lhe aperte a mão. Emma atira-se para cima de um sofá soluçante, a filha, de regresso, enlaça-a n'um amplexo carinhoso. Abraçadas ambas, surge então o marido que diz para a desditosa:

— Ficaremos ligados durante a vida para um unico designio, para a felicidade de Gemma. Para nada mais. O meu tempo era absorvido pelo trabalho. Não pensei que me pudessem enganar. Volto para o meu escriptorio. E' ali o meu posto de honra.

A peça é boa. Surgem aqui e ali laivos de combatividade. A lucta do trabalho honesto e generoso, em contraste com a ociosidade, com as taras hereditarias da nobreza ufana da honra dos braços e sem nenhuns

escrupulos de consciencia, resalta com magistral brilho. Tem scenas soberbas de sentimento e de theatralidade. O final do segundo acto é uma obra de pujante e logico desenho.

Vejamos agora o que é a peça *Como as folhas*:

João Roselle, commerciante, homem de negocios, é mal succedido nos seus empreendimentos. E' um character honesto. Pagou aos credores, e, arruinado, parte com a familia para Genova, para casa de seu primo Maximo. A familia de Roselle compõe-se de sua mulher Julia, com quem casou em segundas nupcias, e de dois filhos do primeiro enlace, Tommy e Nennele. O filho e a mulher não se adaptam ao novo modo de vida. Tommy é incapaz de trabalhar; casa com uma mulher madura e enriquecida pelos numerosos amantes. Julia, mulher frívola e leviana, namora um pintor; Julia gasta, rouba até o dinheiro do governo da casa. Nennele quiz primeiro dar lições, mister para o qual a sua educação anterior não a preparou, mas que no emtanto ella exerce com uma certa coragem; contristada, porém, com a partida do irmão e com o procedimento da madrasta, pensa em se suicidar. E' uma familia inteira a escorregar para a decadencia, para o aniquilamento, por falta de vontade, por não se submeter ás exigencias da pobreza. E' levada... como as folhas, ao sabor do vento. O amor, entretanto, intervem na pessoa do primo Maximo, que ama Nennelle. No momento em que a pobre rapariga se prepara para se suicidar, encontra o pae que trabalha e descobre, na sombra do jardim, o primo Maximo, que está ahí para a dissuadir. Nennele renuncia aos seus sinistros projectos, e o espectador fica crente que o bom primo, que tem força de vontade, conseguirá restituir a esta familia desamparada a calma e a felicidade.

Estas duas comedias foram ambas representadas em Lisboa e a segunda mais de uma vez. *Como as folhas* subiu á scena no theatro D. Amelia em 21 de março de 1907, desempenhada pela companhia de Tina di Lorenzo. O papel da protagonista foi magistralmente interpretado pela formosa artista italiana. A comedia *Os tristes amores* foi representada pela mesma actriz e a sua companhia, em 19 de abril de 1909, e depois, a 3 de maio de 1910, por Ermete Zacconi.

II

Dramaturgos italianos contemporaneos

Cammarano — Gallina — De Sanctis — Rovetta — Traversi — Giacomo — Gabriel d'Annunzio — «Cità Morta» — «Filha de Jorio» — «Gioconda» — «Maternità» — «Infedele» — Bracco — Chiavis — Contri — Valente — Zamboni.

Ao esboçar uma rapida noticia ácerca dos dramaturgos italianos contemporaneos, seria injustiça esquecer Salvator Cammarano, o melhor *libretista* da Italia dapois de Felix Romani. Nasceu em Napoles e finou-se em 1852. Compoz um numero quasi incalculavel de poemas, melodramas e operas. Os seus melhores trabalhos são os librettos de: *Lucia de Lammermoor*, *Maria de Rohan*, *La vestale*, *Sapho* e *Il trovatore*.

Jacinto Gallina nasceu em Veneza em 1852. Um certo numero das suas produções são escriptas em dialecto veneziano.

As principaes são: *A hypocrisia* (1870); *As ambições de um operario*, satira mordaz que o tornou, durante algum tempo, muito impopular em Veneza (1871); *As desavenças de familia*, excellente farça que lhe restituiu o favor do publico, bem como *A familia arruinada*, representada no mesmo anno de 1872, na maior parte dos theatros italianos; *As creadas na fonte* (1873); *O apaixonado da avó*, *A guitarra do papá*, *Todos no campo* (1876); consolidaram

a sua reputação de auctor cheio de graça e de espirito. Depois d'isso fez representar: *O primeiro passo* (1876); *Minha filha* (1876) e *Os olhos do coração* (1878).

Justino De Sanctis nasceu em Chieti, em 1853. Dedicou-se ao theatro desde muito novo e fez representar successivamente: *As aventuras de um corcunda* (1870); *Giuseppe*

Cohen; *A emigração* (1874); *A esposa amante de seu marido* (1877); *Um marido para minha filha* (1877); *O doutor Anacleto*; *Minha prima* (1886); etc. De Sanctis é tambem auctor de algumas bonitas novellas que reuniu com o titulo: *De palo in frasca*.

Gerolamo Rovetta nasceu em Brescia, em 1850. Collaborou no «Arená» e n'outros jornaes. Publicou um escripto satirico que fez barulho: *Os zulos na arte, A litteratura e a politica*. Tornou-se quasi logo conhecido como auctor dramatico e romancista de talento. Entre as suas comedias, citaremos: *A mulher de D. João*, *A colera cega*, *Os homens praticos*, que alcançou um triumpho; *A Condessa Maria*; *A mulher nova* (1899), etc. Entre os seus dramas: *Marco Spada* (1892); e *O começo do seculo* (1897). Entre os seus romances: *Mater dolorosa* (1882), romance social; *Souleau*; *Os tyranetes*; *As lagrimas d'outrem*; *A Baraúda*; *O tenente de lanceiros*; *O idolo*; *O illustre Matteo* (1898).

Camillo Antonio Traversi nasceu em Milão, em 1857. Publicou diversos trabalhos apreciaveis sobre Petrarca, Boccacio, Foscoli e Leopardi e escreveu para o theatro algumas comedias, das quaes as melhores, *Rozeno* e *Parassiti*, são virulentas sátiras contra os costumes burguezes actuaes. Traduziu ou adaptou á scena italiana um grande numero de obras francezas de Sardou, Lavedan, Brieux, Ancy, etc.

Salvatori di Giacomo é, além de dramaturgo, um romancista notavel. Nasceu em Napoles, em 1862. Como a sua compatriota Mathilde Seroa, mas mais exclusivamente, consagrou o seu talento a pintar os costumes da sua cidade natal, e, para maior verdade, é no seu proprio dialecto que faz falar as suas personagens. Os que com mais vontade põem em scena, pertencem á escoria da sociedade; o logar da acção são as



ROVETTA

espeluncas, os hospitaes, as prisões, as viellos em que formiga a populaça. Descreve com realismo pungente e humorismo cruel espectaculos macabros em que se misturam ferocidade e superstição. As suas novellas são: *Minuetto Settecento*; *Nenella*; *Mattinate napoletane*; *Rosa Bellavita*; *Pipa e Boccale* e *Nella Vita*. Poesias dialecticas: *O funneco verde*; *Munasterio*; *Zi Munacella*; *Ariette e Sunnette*; *Canzoni napoletane* e a *San Francisco*. Peças de theatro: *Mala vita*; *A San Francisco* e *Mese Mariano*. Estudos historicos: *Taverne napoletane*; *Celebrita Napoletane*; *La prostituzione a Napoli nei secoli XVII e XVIII*. Artigos de critica artistica: *Domenico Morelli, pintore, e Vincenzo Gemito, scultore*. Tem publicado artigos em varias revistas francezas.

Chegamos agora a Gabriel d'Annuncio. E' uma das individualidades litterarias mais discutidas da Italia. Basta este predicado para ajuizar do seu valor. Poeta, romancista e dramaturgo, nasceu a bordo de um navio, o *Irene*, no mar Adriatico, em 1864. Ainda estudante, publicou, em 1879, um livro de versos intitulado, *Primo verse*, seguido d'outro em 1882, com o nome de *Canto Novo*. A estas primeiras obras succederam-se: em 1883, *Intermezzo di rime*; em 1886, *Isolteo*; em 1888, *Chimera*; em 1892, *Elegia romana*. Pouco a pouco, ou melhor quasi de galgão, foi conquistando um logar culminante na litteratura moderna.

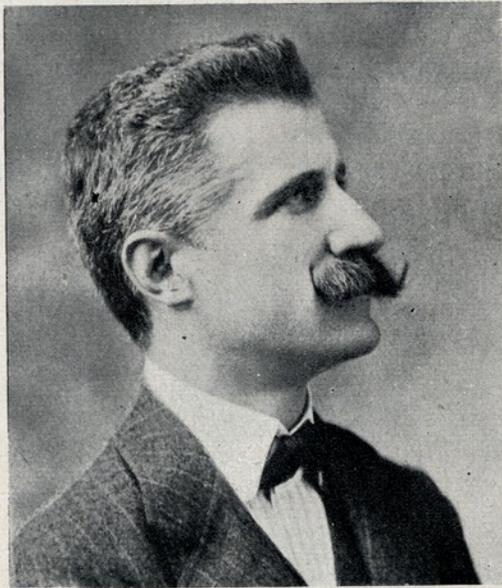
Atirou para os mercados, em 1882, com a *Terra virgine*; em 1884, com *Il libro delle Virgini*; em 1892, com *Giovanni Episcopo*; em 1892, com o *Trionfo della morte*. Foi durante essa primeira phase um artista da palavra escripta, um estudioso profundo dos caracteres. Depois operou-se uma especie de revolução no seu espirito. Associou a epopéa ao lirismo, observa um dos seus cri-

ticos, na sua *Canzoni di Garibaldi*, publicada em 1901. Nos *Laudi del Cielo, del Mare, della Terra e degli Eroi* arroja-se aos mais altos páramos da poesia. Dedicando-se ao romance quiz imprimir-lhe uma fórma sua. Dividiu-o em tres cyclos: o da rosa, do lyrio e da roman. Quiz simbolisar assim a passagem da vida sensual (rosa) á vida sentimental (lyrio) e intellectual (roman). Um dos seus livros que mais bulha fez foi: *Il Fuoco*, publicado em 1900. Censuram-lhe exhibir n'elle o seu «eu» com uma inconsciencia adoravel e cantar em seu proprio louvor uma *lauda* de lirismo pujantissimo. O seu melhor e ultimo livro *La Nave*, obteve um grande exito de livraria. Gabriel d'Annuncio pensou em renovar o theatro italiano, mas a verdade, é que por ora tem ficado áquem da tentativa.

Fez representar uma

serie de fantasias lyricas, e entre essas, *Sogno di un mattino di primavera*, peça criada por Eleonora Duse no theatro Valle em Roma e *Sogno di un tramonto di autunno*, varias tragedias em prosa com largas pretensões psychologicas: *La città morta*, *Gioconda*, *La gloria*, *La fiaccola sotto il mcggio*; mais tarde parabolos que diligenciou tornar simples: *La parabola delle Vergine fatue e delle Vergine prudenti*, *La parabola delle uomo ricco e del povero Lazzaro* e que não obtiveram o exito que o poeta esperava. Alcançou todavia uma victoria ruidosa com *Francesca da Rimini*, reconstituição archeologica muito minuciosa, resplendente quadro de historia, mas, asseguram os seus comentadores, reconstituição em que os caracteres são sacrificados.

A sua mais brilhante corôa é a *La figlia di Jorio*, que tem sido representada em todos os tablados do Universo, como o *Sogno di un mattino di primavera* e *La città morta*, fôram representadas em Paris, em 1897, pela afamada Duse, com quem então mantinha



C. ANTONIO TRAVERSI

estreitas relações. Annuncio foi deputado em 1897 mas renunciou o seu mandato.

A *filha de Jorio*, tragedia pastoril em verso, em tres actos, é um quadro intenso da vida, do espirito supersticioso e das paixões populares dos Abruzzos. Eis a largos traços o seu entrecho:

Jorio é uma feiticeira e tem uma filha, Mila, que, por entre varios episodios, se enamorou do pastor Aligi, mas o pae d'este, Lazaro, que a cobiça e que por toda a parte a persegue vae encontrá-la na gruta do pastor. Pae e filho defrontam-se, e Aligi, fere o pae mortalmente com um machado. Condemnado como parricida, é entregue ao povo para a mão lhe ser decepada, e atirado ao rio. Mila, porém, a quem Aligi salvou um dia a vida, sacrifica-se por elle e declara que foi ella quem despediu o golpe mortal sobre Lazaro. Como a accusam de bruxa, é conduzida á fogueira, salvando assim Aligi.

Esta peça foi representada pela primeira vez em Milão a 2 de março de 1904. Traduzida do francez por S. Herelle, subiu á scena no Nouveau Théâtre de Paris, em 1905. Apesar do meio singular e adusto em

que decorre a acção, apesar, e talvez por isso mesmo, da singularidade e ousadia do seu estylo archaico, domina pela força emotiva e cheia de lirismo que d'ella se desprende. A sua leitura causa já uma impressão extraordinaria, mas vista representar é estupenda e formidavelmente angustiosa a sensação recebida.

Outra peça de Gabriel d'Annuncio, que tambem levantou grande celeuma na critica, foi a tragedia *La Gioconda*, em quatro actos. Desenvolve a seguinte acção: O coração do esculptor florentino Lucio Settala oscilla apaixonado entre o amor de sua mulher Silvia, pura e suave, e o amor da sua arte, encarnado na amante que lhe serve de mo-

delo, a formosa Gioconda. Impotente para sustentar a lucta, dispara em si um tiro de pistola ao pé da estatua que acaba de esculpir, e em que immortalizou a belleza de Gioconda. O ferimento não é de morte e sua mulher, á força de assiduos cuidados, chama-o á vida. Reconhecido, quer fazer-lhe acreditar, e este seria o seu desejo, que lhe é restituído para sempre. Mas é Gioconda que o possui e elle prepara-se para ir ter com ella junto da estatua. Silvia surprehende-lhe o segredo e é ella quem vae á entrevista. As duas mulheres altercam. Gioconda, n'um movimento de raiva quer despedaçar a estatua, e Silvia, que quer salvar

o sonho do marido, estende as mãos para amparar a estatua, mas essas mãos delicadas com que ella se envaidece, ficam horrorosamente mutiladas sob o peso do marmore. Prevê-se que este sacrificio não a salvará e que será definitivamente abandonada; ella propria se resigna, ao pensar que o destino de Settala é, não o de fazer a felicidade d'uma mulher, mas sim de crear obras-primas. O caracter de Silvia é um dos mais commovedores do poeta; e o estylo é cheio de bri-

lho. A *Gioconda* foi dedicada a Eleonora Duse, *Eleonora dalle belle mani*, como Gabriel d'Annuncio escreveu na dedicatoria.

Cosimo Giorgini Contri é um dos dramaturgos e romancistas mais jovens da Italia. Nasceu em Lucca em 1870. E' como romancista, um dos melhores representantes da escola psychologica que tentou aclimar na Italia os processos de Paulo Bourget. Francamente idealista nas primeiras obras, foi-se approximando da realidade e, nos seus ultimos romances, vêem-se alternar paginas d'uma fria e amarga observação com outras d'uma poesia delicada e requintada, taes como: *Felicidade do somno*; *Caminhos da juventude*; *Desejada*; etc. Publicou os se-



GABRIEL D'ANNUNCIO

guintes volumes de versos: *Versos tristes*; *Primavera do desejo e do esquecimento*; etc.; e os seguintes dramas: *A fidelidade*; *O Salvador*; *Caminhos separados*; *Ardor*; *O verdadeiro pae*; etc.

Não nos foi possível obter elementos para a biographia de R. Bracco, pujante e fecundissimo escriptor dramatico italiano. Em Lisboa fôram representadas duas peças suas, *A maternità* que Tina di Lorenzo desempenhou no antigo theatro D. Amelia, hoje da Republica, a 18 de março de 1907, e a sátira esfusiante *Infedele*, cujo entrecho é o seguinte:

Um d'estes «conquistadores» como se encontram muitos, cheios de jactancia e que se convencem que basta olhar para uma mulher para que ella logo se renda, Lino Ricciardi, corteja a condessa Clara San-Giorgi, casada com o conde Silvio San-Giorgi. A condessa, sem deixar de amar, e intensamente, o marido, não desdenha de todo o «flirt». Entre os seus assíduos admiradores, muitos, e por isso mesmo nada perigosos, salienta-se um, menos tolo de intelligencia que os outros, mas mais presumido que nenhum. O novo «Narciso» convence-se que é irresistivel, e n'um dialogo habilmente architectado deixa transparecer a sua presumpção. A condessa acceta o repto. Visitará a casa de Ricciardi, passará com elle algum tempo, irá disposta a deixar-se conquistar, será uma victima prestes a entregar-se inermemente nas mãos do vaidoso carrasco. Prepara uma lição terrivel ao marido, que duvidou d'ella. E vae. Ricciardi arranja tudo para a sua facil e segura victoria. Mas a victima arvorase em algoz, o D. Juan atrevido acanha-se, sente-se sob o peso esmagador da zombaria da sua contendora, e, quando um acaso, que se lhe afigurava fortuito, lhe outorga a superioridade na lucta, a paciente escapa-se-lhe como uma ratinha por entre

as unhas de gato pouco esperto. A intriga desmancha-se no terceiro acto. A condessa, por um artificio habil, desembrulha toda a meada, o «conquistador» chucha no dedo, ao passo que assiste á victoria do marido que frue o que a legalidade e o amor lhe concedem, sem peias de nenhuma especie.

A comedia que apresenta resabios da antiga «maneira» do theatro italiano com o seu «arlequino» e figuras annexas, é ousada pela pouca logica d'algumas situações e não traz para o palco uma verdade absoluta, tão absoluta quanto pôdem ser as verdades do palco. Mas sejam quaes fôr as deficiencias que se lhe encontrem, do que ninguem pôde duvidar, é que só um comediographo,

d'extraordinario valor e conhecendo muito bem a sua profissão, consegue apenas com tres personagens fazer tres actos sem fatigar o espectador e antes pelo contrario conservar-lhe a curiosidade e o espirito sempre em vibração.

No Theatro Nacional representou-se outra obra de R. Bracco intitulada *Perdido nas trevas*, que confirmou o enorme talento do illustre comediographo.

Archita Valente, de quem não pudemos tambem apurar quaes-

quer notas biographicas, é auctor da peça *L'oscuro dominio*, representada em Lisboa por Zacconi em 4 de maio de 1910. É uma peça singular, torturante, quasi macabra, um caso pathologico, um incidente de manicomio, uma d'essas fatalidades da vida, por desgraça, mais repetidas do que seria para desejar, e mais nada.

Eis o seu relato:

N'um hospital de doidos é internada Elena Armandi, acommetida de loucura amorosa. Casada, com uma filha, foge para o amante, Carlo Brandi, e dentro em pouco enlouquece. Não pensa, não vê outra coisa senão o homem amado. O doutor Eurico d'Aluna, director do hospital, espera curá-la



R. BRACCO

por um processo seu, pela «sugestão gradual». Mas a doente interessa-o mais do que é mister, o seu cerebro, cansado por um grande excesso de trabalho intellectual, preoccupa-se tanto com a enferma, que a sua imagem se transforma quasi em obcessão. Dentro do medico desdobram-se duas personalidades: a do apostolo da sciencia que examina a frio os phenomenos que se dão no seu organismo, e a do homem que pretendendo curar por suggestão, acaba por ser suggestionado, pela propria paciente. Lucta, patenteia o seu estado de alma a um collega e tenta a derradeira experiencia. Chama a si a doente, prosegue no tratamento iniciado, mas no momento supremo, quando Elena, acariciando-o com os epithetos mais doces, afagando-o com os impetos mais fogaçosos, lhe despede o golpe de misericordia, o infeliz deixa-se desvairar e corresponde com um beijo ás festas que lhe são feitas pela doida e que são dirigidas a outro. Vem-lhe um momento lucido e comprehende a

infamia da sua fraqueza. No dia immediato, o amante de Elena, julgando-a incuravel, vem buscá-la. O medico recusa a principio, mas, com uns restos de lucidez do dever, consente na sua partida. Convoca os discipulos para uma lição, expõe-lhes o seu caso, attribuindo-o a outro, e no momento em que a campainha sóa annunciando a saída de Elena do estabelecimento, accomette-o a irremessivel, a incuravel loucura.

Afora os escriptores dramaticos italianos citados, devemos ainda mencionar Chiavis, Zamboni, Testoni, S. Lopez, Lucio d'Ambra, e ainda os auctores de peças accentuadamente regionaes como Luigi Capuana, Alfredo Oriani, Ugo Ojetti, V. Ferran, A. di Giovanni, Garafa d'Andria, Carlo Broggi, etc.

O theatro italiano não se encontra hoje no estado de florescencia a que o seu passado lhe dava direito, mas os seus litteratos mais em evidencia esforçam-se com talento e tenacidade para lhe restituir o antigo brilho e valor.

Compilado por

EDUARDO DE NORONHA.

Ante a figura da Republica

Foi n'um café, ali á Praça da Figueira,
que desenhada ví, por mão humilde e obscura,
essa resplandecente e límpida figura
de mulher, com seu ar altivo de guerreira . . .

Na dextra tem a espada, ergue na outra a bandeira
da Liberdade . . . e sobre a fronte, branca e pura,
o gôrro frígido, mal contendo a onda escura
da sua desgrenhada e farta cabelleira.

No chão, calcado aos pés, róla o sceptro real,
e a encaminhar-lhe os mal seguros, frouxos passos,
guía-a o Anjo-progresso, alumíando os espaços . . .

Deusa Libertadora, ó Santa, a Terra ideal
que demandas, é longe . . . antes de lá chegar
quantos calvarios tens ainda de trepar? . . .

J. REGALLA.

A revolução em Lisboa



UANDO, na segunda feira (3 de outubro), ás 11 horas da noite, me disseram que á 1 reventaria a revolta, não acreditei.

E não acreditei, porque já tinha ouvido tanta vez a mesma coisa, que levei esta *nova* á conta de *velha*, e portanto não fiz caso.

Assim, fui deitar-me, não digo socegadamente, mas calculando que a noticia não passaria de *blague* como tantas outras.

E' verdade que a morte do dr. Miguel Bombarda, na manhã d'este dia, tinha posto o povo de Lisboa n'um estado de excitação enorme contra o fanatismo a que elle fizera uma guerra de morte, com a sua propaganda liberal, e toda a gente attribuia a este o assassinio do illustre homem de sciencia, crime praticado com o fim de eliminar para sempre um dos vultos mais importantes do partido republicano.

Esta excitação, porém, mais cresceu, quando pela tarde, em frente do *placard* do *Século*, ali no Rocio, um individuo louvou o acto, dando isto causa a uns sóccos trocados e á intervenção da policia, impotente para apaziguar os animos.

Ora todas estas coisas me bailavam no cerebro e faziam com que eu não pudesse conciliar o somno. Sentindo dar uma hora no meu relógio, puz-me de ouvido á es-

cuta a vêr se acontecia qualquer coisa de anormal.

D'ali a bocado ouvi distinctamente um tiro de peça, depois outro, e outro, que me pareceu vir do lado do mar.

Levantei-me logo e cheguei á janella. Lá ao longe, a quebrar o socego da noite, o rodar aspero que julguei então ser de artilharia, correndo para os lados da Avenida da Liberdade, ao mesmo tempo que me chegavam tambem aos ouvidos quasi nitidamente, o écho d'umas descargas cerradas de fuzilaria e um vozear que me pareceu de *vivas*.

Era um facto. A revolução estava na rua.

Agora o que se passou:

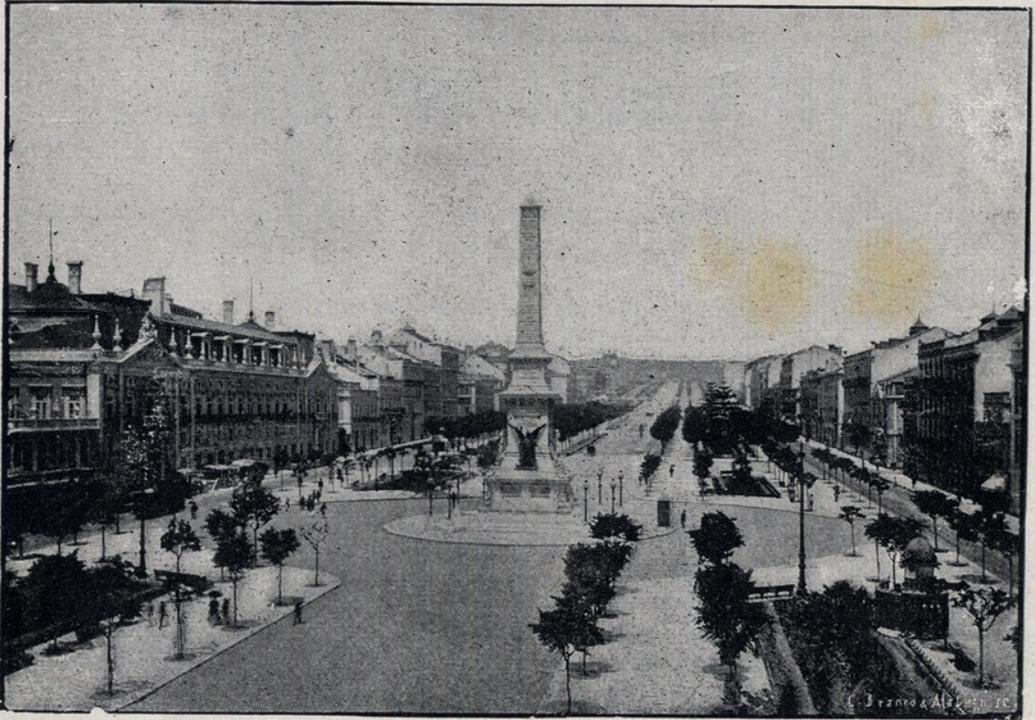
Assim que ouviram o signal combinado os conspiradores, em grande numero, que se tinham reunido no centro republicano de Santa Isabel, sahiram com um official de marinha á frente, e dirigiram-se para o quartel de infantaria 16, onde, mal chegaram, as sentinellas, que tambem entravam na

conjuração, abriram as portas e franquearam aos revoltosos o edificio, impondo aos officiaes a sua adhesão ao movimento.

Os que resistiram foram logo mortos, resultando d'isto um verdadeiro tiroteio dentro do quartel. O resto do regimento, quasi todo, veiu então para a rua, bem como grande numero de populares a quem os soldados armaram explicando, aos que não



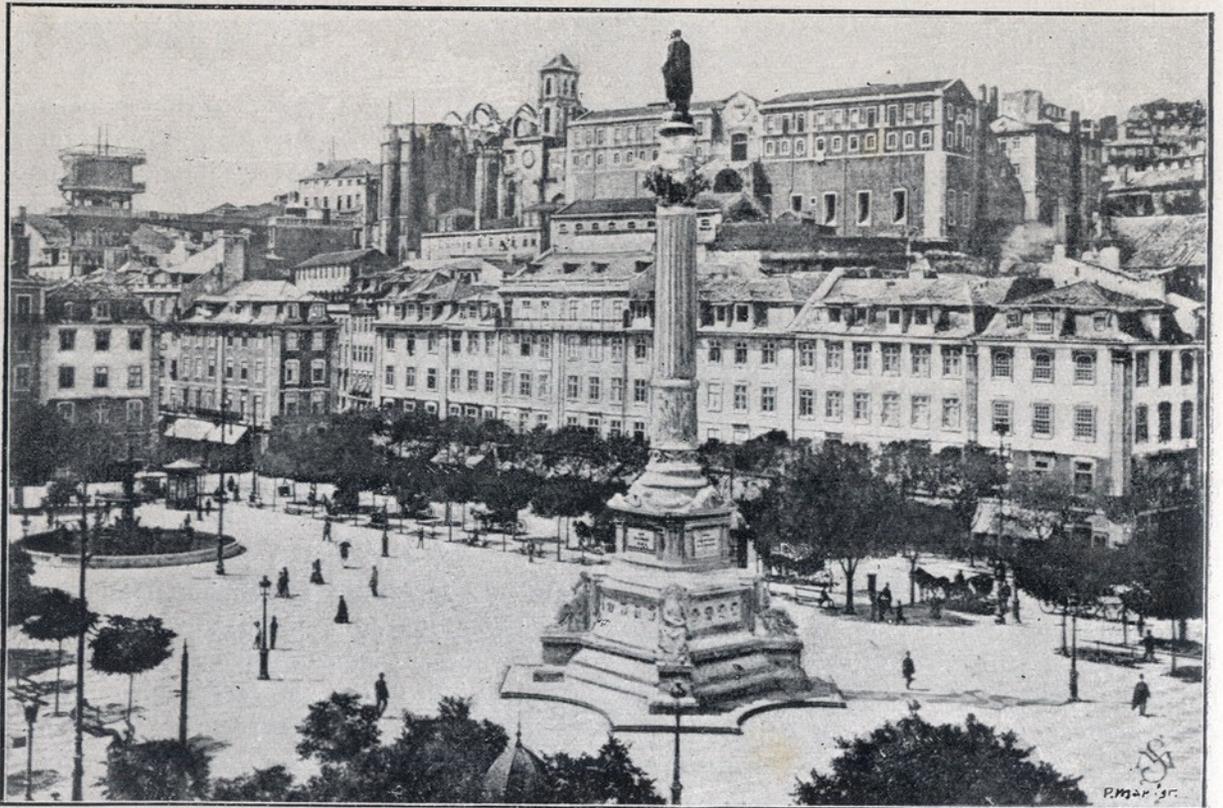
MACHADO DOS SANTOS



AVENIDA DA LIBERDADE — AO FUNDO NO SEU LIMITE NORTE ENCONTRAVAM-SE
AS FORÇAS REVOLUCIONARIAS

sabiam, o manejo das armas. Dirigiram-se em seguida para artilharia 1, cujo quartel fica, como se sabe, para os lados de Campolide.

Assim que toda esta multidão se aproximou do quartel, logo os soldados se puzeram em pé de guerra, e atrelando o gado



PRAÇA D. PEDRO, ONDE AS FORÇAS FIEIS À MONARCHIA AGUARDAVAM AS ORDENS SUPERIORES

às peças, sahiram tambem, fazendo causa commum com os revoltosos, soltando estrondosos vivas á Republica e á Patria.

Depois, dividiram-se em fracções, destacando forças a tomar os pontos estrategicos da cidade, e o grosso das tropas dirigiu-se ao palacio das Necessidades.

Emquanto isto se passava em Campolide, os marinheiros, no seu quartel de Alcantara, revoltavam-se tambem e faziam frente ao 4.º esquadrão da municipal, já na rua a essa hora, e á 6.ª companhia de infantaria da mesma guarda, aquartelada nas proximidades, estabelecendo-se vivissimo tiroteio.

Forças da guarda municipal, parte dos regimentos de caçadores 2 e 5, infantaria 2 e 5, marcham, umas para o Rocio e ruas da Baixa, outras para defender o palacio das Necessidades, bem como cavallaria e infantaria da mesma guarda que tomaram differentes posições a proteger os edificios publicos, ministerios, correios, casas bancarias, etc., tudo em pequenas forças, muito dispersas e divididas.

Ahi pelas três da madrugada, o tiroteio, que fôra sempre vivo em toda a cidade, atroando os ares os tiros da artilharia, o rebenotar de granadas e de bombas, recrudesce, augmenta espantosamente, ouvindo-se de todos os lados, e rompendo de todos os cantos de Lisboa. Aqui e ali, em bairros differentes e afastados, travam-se rijos combates em plena rua, frente a frente, varrendo a artilharia os corpos do exercito que não tinham adherido ao movimento, principalmente as pequenas fracções da municipal que se encontravam dispersas.

Na Rotunda da Avenida apparece uma força de cavallaria da guarda que manda

retirar o povo ali apinhado, mas de subito sahem-lhe á frente as forças de artilharia 1 e infantaria 16, que formaram, dando uma descarga cerrada e prolongada sobre aquella, que retira em desordem e deixa no campo alguns cavallos mortos e feridos.

Então, as forças do exercito, auxiliadas por muitos populares, dispuzeram as peças de artilharia na Rotunda, apontadas para as embocaduras das avenidas novas e para o lado do Rato. Os fios conductores dos carros electricos fôram cortados. A infantaria entrincheirou-se nas trazeiras da feira de Agosto, de onde, quando atacados, faziam fogo vivo e nutrido.

Commandava as tropas o energico commissario naval Machado dos Santos montado n'um cavallo e ladeado por dois sargentos de artilharia. No improvisado acampamento revolucionario eram enormes a animação e a alegria, cheias de confiança e de fé. Por sobre todos passava um quente sopro de revolta e de heroismo. Ao acaso, abraçados em meio do mais vivo entusiasmo, viam-se soldados e paizanos armados, e muitos rapazes novos, alegres, cantando e dando vivas. Todos á uma, populares, estudantes e soldados, ajudavam a transportar a metralha e as balas.

Todos os individuos que por ali passavam eram convidados a pegar em armas, adherindo muitos d'elles. Adheriram varios soldados da guarda municipal. Dois policias entregaram os fardamentos e revólvers aos militares.

A força cercou, em seguida, o posto da 5.ª squadra, da rua Rosa Araujo, desarmando os policias e mandando-os em paz.

Depois, o combate tornou-se mais renhido.

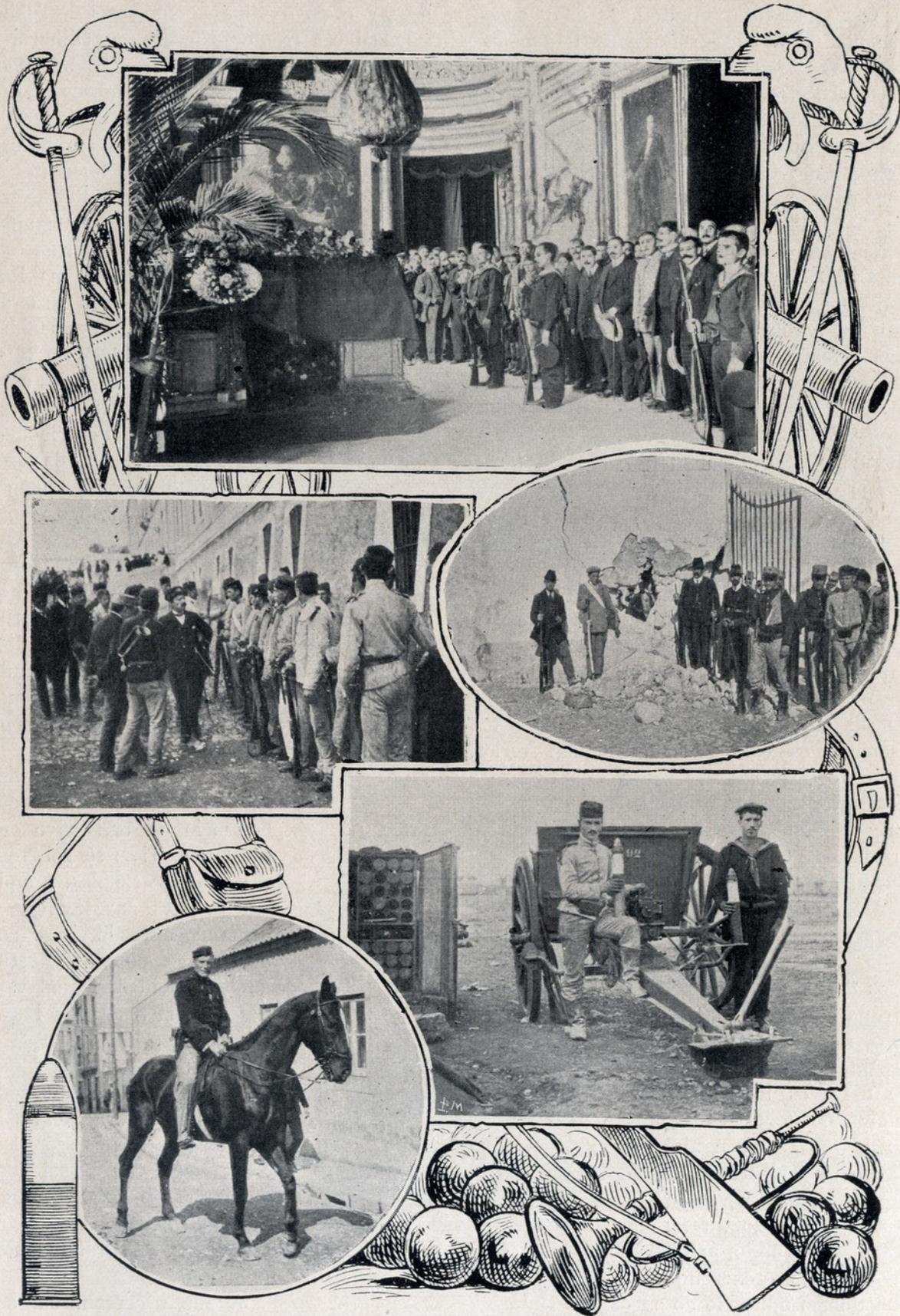


JOÃO CHAGAS



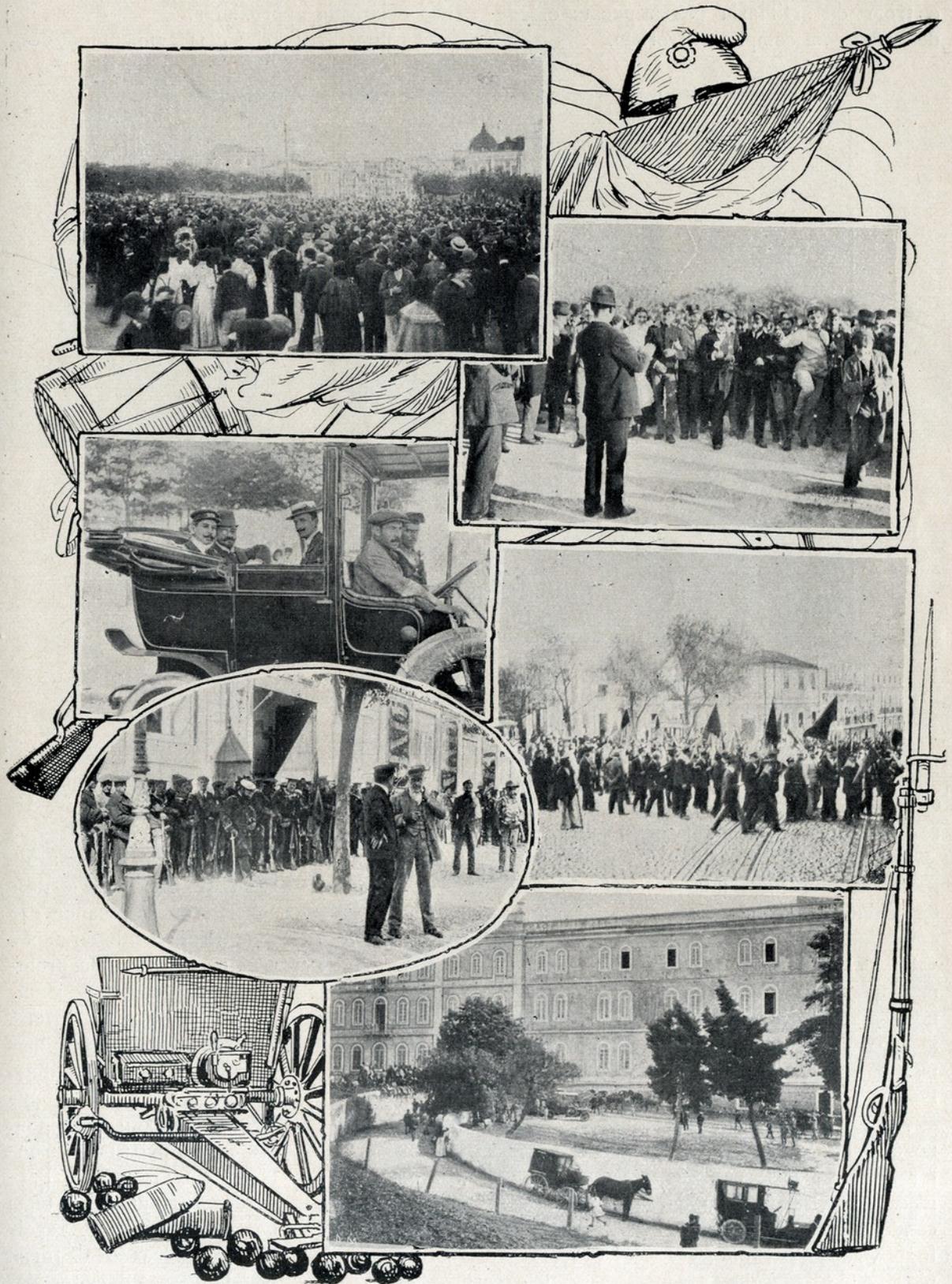
DR. JOÃO DE MENEZES

Aspectos da revolução



1. CAMARA ARDENTE ONDE ESTIVERAM EXPOSTOS O DR. MIGUEL BOMBARDA E VICE-ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS, NA CAMARA MUNICIPAL — 2. MACHADO DOS SANTOS, EM CAMPOLIDE, DANDO INSTRUÇÕES A'S PRAÇAS D'ARTILHARIA — 3. QUARTEL D'ARTILHARIA 1; EFEITOS DE UMA GRANADA — 4. HEROICO SOLDADO D'ARTILHARIA 1, QUE FOI PROMOVIDO A 1.º SARGENTO — 5. SARGENTO PIMENTA, AJUDANTE DE MACHADO DOS SANTOS, DURANTE O COMBATE.

Aspectos da revolução



1. ASPECTO GERAL DO ACAMPAMENTO POR OCASIÃO DE SER VISITADO PELO GOVERNO — 2. MACHADO DOS SANTOS PASSANDO REVISTA AO ACAMPAMENTO — 3. TENENTE MARINHA DE CAMPOS E VISCONDE DA RIBEIRA BRAVA — 4. MANIFESTAÇÕES NAS RUAS — 5. QUARTEL GENERAL GUARDADO POR UMA FORÇA DE MARINEIROS — 6. COLLEGIO DE CAMPOLIDE.

e durante todo o dia e noite de terça-feira o troar da artilharia poz a pacata cidade de Lisboa em completo alvoroço.

enorme tenacidade, pelos revoltosos que as não deixavam approximar.

As duas artilharias começam então a des-



CAMARA MUNICIPAL, D'ONDE DE UMA DAS JANEILLAS PRINCIPAES, FOI PELAS 11 HORAS DA MANHÃ DE 5 DE OUTUBRO, PROCLAMADA A REPUBLICA A' MULTIDÃO QUE ENCHIA A PRAÇA DO MUNICIPIO

Constando mais tarde que a bateria de Queluz vinha a toda a brida ao encontro dos revoltosos, estes aprestam-se para a receber.

Aquellas forças, que chegaram aos antigos muros da cidade, bastante desanimadas, tendo-se encravado pelo caminho algumas peças, foi postar-se nos baixos de Campolide, mas avançou depois a tomar posição por detraz da Penitenciaria.

As forças concentradas no alto da Avenida assentaram os seus canhões n'aquella direcção, applicando outras bôccas de fogo viradas para a Avenida da Liberdade, afim de reprimirem os ataques dos regimentos concentrados no Rocio, que, durante o dia, fizeram repetidas sortidas, sempre repellidas com grandes perdas e

pejar a sua metralha, vomitando, de momento a momento, tiros continuados; artilharia 1 destroe uns muros e casas que

defendem as baterias de Queluz, pondo-as a descoberto e ao alcance dos seus tiros; as baterias de Queluz alvejam, de preferencia, o quartel de Campolide, onde duas peças, habilmente manejadas, lhes respondem com um fogo mortifero e certo. Populares e soldados de linha, protegidos pelas peças montadas em direcção á Praça dos Restauradores teem de, constantemente, repellar, com denodo e furia, os ataques audaciosos das forças monarchicas que, de

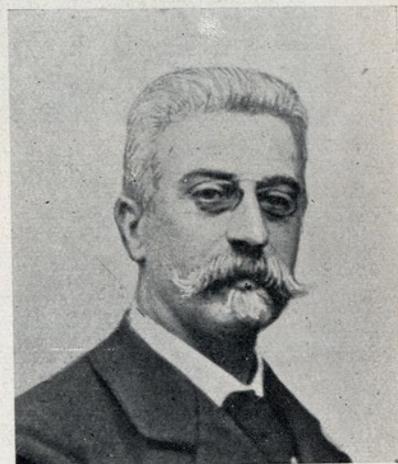
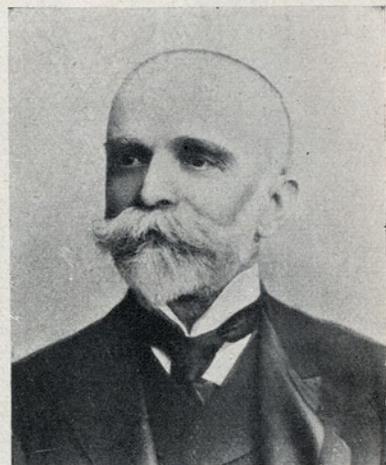


DR. EUSEBIO LEÃO

momento a momento, destacam grandes fracções para o assalto, fazendo outro tanto a cavallaria do exercito e da municipal, cau-

O 1.º governo

da Republica



- 1 — DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA.
- 2 — DR. THEOPHILO BRAGA.
- 3 — DR. BERNARDINO MACHADO.
- 4 — JOSE RELVAS.
- 5 — DR. AFFONSO COSTA.
- 6 — CORONEL BARETO.
- 7 — DR. ANTONIO LUIZ GOMES.
- 8 — CAPITÃO DE MAR E GUERRA
AZEVEDO GOMES.

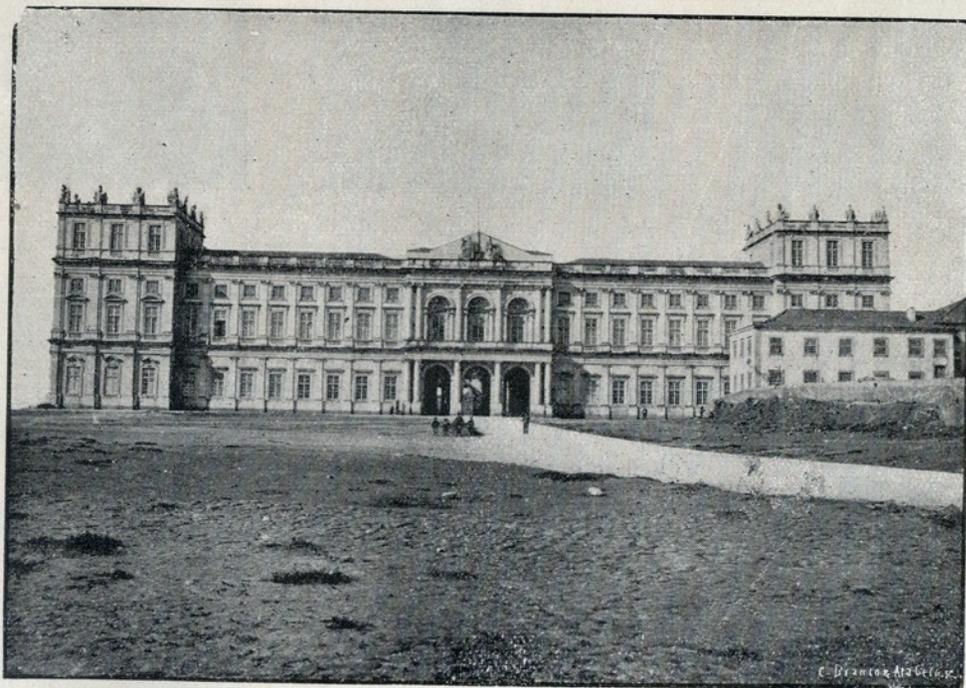


sando-lhes muitas baixas e obrigando-as, aos primeiros metros, a recuar, deixando espalhados, no campo da batalha, os seus mortos, cavallos moribundos e liquidados de vez, outros ainda vivos, que são apanhados pelos revoltosos e recolhidos no seu entrincheiramento.

Ao cair da tarde, depois de tiros repetidos, certos, as baterias da artilharia de Queluz, que eram defendidas por infantaria 2, foram des-



PAÇO DAS NECESSIDADES, RESIDENCIA DE EL-REI D. MANUEL E DA RAINHA D. AMELIA



PAÇO DA AJUDA, RESIDENCIA DA RAINHA D. MARIA PIA E DO PRINCIPE D. AFFONSO

alojadas, rechaçadas, postas em debandada, fugindo umas e entregando-se outras, a fazerem causa commum com os revoluciona-

Alto da Avenida, sendo recebidas com o mais vivo entusiasmo. Pelo meio do campo, na Avenida, em pelotões, constituindo vedêtas,



PALACIO DE CINTRA, ULTIMA RESIDENCIA DA RAINHA D. MARIA PIA

rios. Duas das suas peças são tomadas e fracções varias que foram dar ao Campo Grande vieram adherir ao acampamento do

viam-se muitos populares armados, alguns d'elles cavalgando animaes apprehendidos á guarda municipal. Entre os populares en-



CASTELLO DA PENA, ONDE SE ENCONTRAVA A RAINHA D. AMELIA QUANDO RECEBEU A NOTICIA DA REVOLTA EM LISBOA

contravam-se numerosos estudantes militares, da Polytechnica e dos Lyceus, caixeiros, membros de agrupamentos e sociedades republicanas, que tomaram parte no movimento.

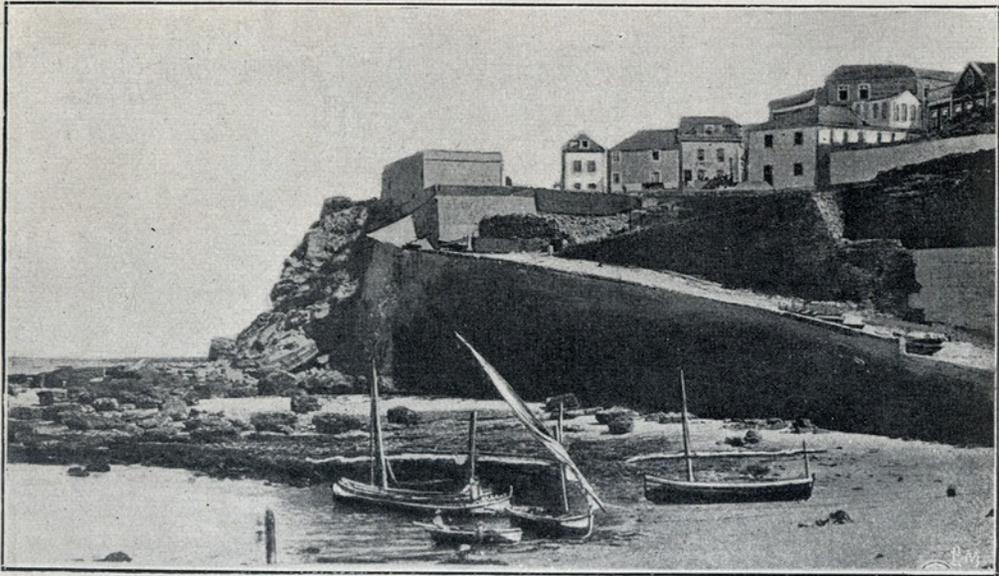
seguido-se-lhe immediatamente no mesmo sentido o *Adamastor*. Acto continuo, iniciam ambos um constante bombardeamento ao palacio das Necessidades. As formidandas



CONVENTO DE MAFRA, ONDE SE REUNIRAM AO REI D. MANUEL AS RAINHAS D. AMELIA E D. MARIA PIA, PARA SAHIREM DE PORTUGAL

Lá em cima, no alto, divisa-se, tremulando ao vento, a bandeira verde e encarnada e em todo o acampamento reina o maior entusiasmo pela victoria obtida.

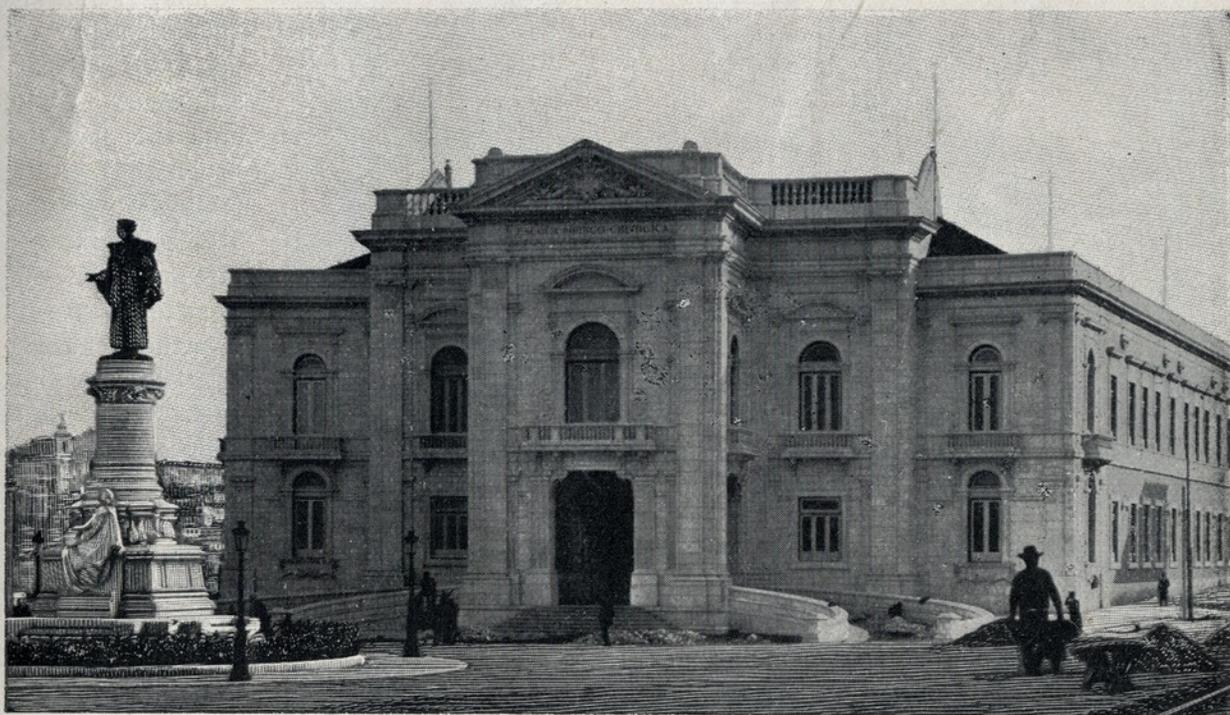
explosões reboam como altas derrocadas de cataclysmos imaginarios. As granadas descem nas immediações do régio alcaçar como sinistros pontos finaes da resistencia, ou per-



ERICEIRA — CAES E RIBA ONDE SE EFFECTUOU O EMBARQUE DA FAMILIA REAL PARA O EXILIO, NO DIA 5 DE OUTUBRO, NO HIATE «AMELIA» COM RUMO PARA GIBRALTAR

Emquanto isto se passava na Avenida, tambem no mar se não descançava; e pelas duas horas da tarde o *S. Rafael* evoluciona a tomar posição fronteira ás Necessidades,

furam os vidros, as portas, as janellas, as cantarias e os tectos, deixando escancardos olhos ou rosaceas talhadas em bruto por onde passam, e indo lá dentro, no deliquio



ESCOLA MEDICA DE LISBOA, ONDE ESTEVE EXPOSTO POR ALGUNS DIAS O CADAVER DO DR. BOMBARDA, ASSASSINADO EM 3 DE OUTUBRO PELO TENENTE DO ESTADO MAIOR, APPARICIO REBELLO SANTOS

fatal, revolucionar tudo, escangalhando mo-
veis raros e de subido valor.

Muitos dos tiros acertam no palacio e
abalam as casas do sitio que deslocam e fa-

buraco produzido por uma granada, a cada
derrocada pela deficiencia de equilibrio dos
materiaes resultante dos muitos estragos sof-
ridos pelo edificio. São palmas e vivas que



DR. MIGUEL BOMBARDA



CARLOS CANDIDO DOS REIS

zem voar as pedras das ruas, e levantar
enormes nuvens de poeira.

Então os revoltosos do quartel dos mari-
nheiros vibram de entusiasmo a cada novo

estrugem e novas comunicações, por meio
de bandeiras, entre marinheiros em terra e
marinheiros no mar, que se permutam. Nas
ruas proximas e nos pontos altos immedia-



PALACIO EM WOOD NORTON (INGLATERRA)

(Propriedade do Duque de Orleans, onde foi residir D. Manuel e sua mãe, a ex-rainha D. Amelia)

tos descobrem-se numerosos grupos presenciando o esphacelamento do santuario do joven monarcha.

Por fim, quando por estar tudo ali feito nada mais resta fazer, os clarins dos marinheiros fazem resoar a *Marselheza* e os navios agitam bandeiras vermelhas. A obra commum, reciprocamente, é victoriada...

As granadas varriam tambem a força envolvente: parte de infantaria 1, municipal e algumas praças de cavallaria 4.

Depois, deixando o contingente bastante á guarda do quartel, os marinheiros e seus adherentes prepararam-se para o embarque nos dois navios *S. Rafael* e *Adamastor*, que os havia de levar ao terminus do campo de batalha — o Terreiro do Paço.

Não cabe no pequeno espaço de que dispõho

com rumo a Gibraltar, não esperando a intimação do governo provisório, para sahir de Lisboa, e a nação ficava entregue, livremente, ao governo democratico.

O povo rejubilava com esta noticia, e pelas praças e ruas da cidade, reinava o maior entusiasmo pela victoria da Republica, dando vivas á Patria e á Liberdade, que muitas vezes eram abafados pelos sons melodiosos da *Portugueza*, que as bandas to-

contar mais minuciosamente tudo o que se passou, mas o que é facto é que depois de trinta e seis horas de uma luta titanica, a Republica era proclamada da varanda dos Paços do Concelho, e a multidão que enchia completamente a praça do Municipio, victoriava, cheia de contentamento, o novo regimen.

Horas depois a familia real embarcava a bordo do hiate *Amelia*



VILLA DE POGGIO, EM CAIANO, ONDE A SENHORA D. MARIA PIA VAE RESIDIR

cavam percorrendo as ruas, seguidas de enorme multidão que as victoriava.

Emfim, Portugal, que durante setecentos e setenta annos, estivera sob o dominio monarchico, resurgia agora cheio de pujança, para uma vida toda paz, toda amor,

toda liberdade; liberdade que elle conquistára com o seu sangue. como em tempos idos conquistára tambem para o seu reino as riquezas de além-mar, mostrando assim mais uma vez, o direito que tem a que lhe chamem um povo de heroes.

Luz B. LINO.



Ultima carta...

«Sou teu até á Morte...» — e assim terminas
Essa carta banal que me escreveste,
P'ra recordar os beijos que me déste,
— Dolorosas e tragicas ruinas...

É não suppões sequer, — não imaginas
As mentiras crueis que me disseste,
Como no meu juizo te perdeste,
É a esquecer-te, afinal, hoje me ensinas...

«... Sou teu até á Morte...» É em vão, agora
Quando o meu seio creador se enflora
É ha Sol e Claridade pelo Céu...

— Que outro Amor bem mais alto em mim floresce,
— No germinal d'uma divina mésse,
— Creando um filho que sómente é meu!

Acerbum cor

Animo os filhos, sim — é esse o meu dever —
Mas, meu Deus! como é triste e amargo e desolante
Vêl-os aqui viver!... (Viver, se isto é viver.)

Trez annos — já lá vão — n'este areal distante,
Aonde nem sequer uma graminea cresce,
Aonde se não vê um passaro que cante!

Só areia e só mar. — E o mar como entristece!...
Ouvil-o é ouvir gemer a humanidade présa,
Ou grite revoltada ou chore n'uma prece...

Volver a gente o olhar por toda a redondeza
E não vêr senão mar — não vêr senão areia —
Um anno, e outro, e outro!... — Oh! filhos! que tristeza!

Que saudades tereis da vida que recreia!
— Do bulicio, do som, da côr, da sociedade,
De tudo quanto em vós aspira, sonha e aneia,

De tudo quanto exige a vossa mocidade!...
Sois bons — não vos queixaes — bem sei... — Nem é preciso,
Porque tive tambem — já tive! — a vossa idade.

Já sonhei, como vós, o mesmo paraizo;
Já tive ancias de amor, de gloria e de conquista;
Já fui o Lohengrin d'alguem que mal diviso

(Tão fatigados tenho o coração e a vista);
E calculo, imagino, a dôr e o abatimento,
A nostalgia toda, amarga e pessimista,

Que viria, talvez, matar-me o Sentimento.
Que viria, por certo, amargurar-me a vida.
Se aos vinte annos me visse em tal desolamento.

Mas eu que hei-de fazer?... — Depois da insana lida
Que me trouxe até aqui; depois d'esse Calvario
Que subi rastejando — a fê quasi perdida:

Depois d'esse infernal e misero sudario
Das minhas aflições; n'este areal deserto,
Deparou-me o bom Deus a paz do meu fadario.

*Areia, mar e céu? . . . — Tendes razão de certo —
Mas isso que vos fêre, e opprime, e vos desôla,
E' um oasis para mim — um paraíso aberto.*

*A dôr que para vós d'este areal se evôla
(Filhos! quanto eu soffri nos annos decorridos! . . .)
E' a paz, é o bem, é a luz que me consola.*

*De facto se vos vejo ao pé de mim reunidos,
Levando a vida honesta e simples da Equidade;
Trabalhando commigo, honrados e queridos,*

*E aprendendo no lar o amor e a caridade;
Se vos vejo crescer na religião bemdita
Do Trabalho, do Bem, da Honra e da Verdade;*

*Medrar, sem privações, ao longe da desdita,
Das corrupções do mal, de todo esse cortejo
De vícios e paixões que as capitaes agita;*

*E se, vendo isso tudo, a mim proprio me vejo
Cumprindo o meu dever na paz d'este recanto,
— Bemdito seja Deus! — nada melhor desejo!*

*— Nem eu sonhei jámais que merecia tanto! . . .
Eu sou, porém, um velho e vós umas crianças—
Vós tendes a illusão e eu tenho o desencanto—*

*Eu penso e vós sonhaes.— As vossas esperanças
Acenam-vos de lá, de longe, do bulicio,
Com victorias de amôr, fortunas e folganças. . .*

*Pois que o Céu vol-as dê, por justo beneficio.
Ide vós! Ide vós! — A aspiração é honesta,
E vossa vida aqui por certo um sacrificio.*

*Não vos quero deter — correi á vossa festa —
Correi como eu corri atraz d'essa chimera,
E Deus vol-a depáre — oh! sim! — menos funesta. . .*

.....
(Olha o mar como geme! . . .) Eu fico á vossa espera.

Bahia dos Tigres.

Alberto Corrêa.

O serviço telegrapho-postal portuguez através os tempos

2.^a PARTE — PHAROES E TELEGRAPHOS



ANTES de fazermos a historia da telegraphia em Portugal, desde o seu inicio até hoje, occupar-nos-hemos dos pharoes, cuja construcção fôra piedosamente pedida pelos maritimos,

que por falta de alumiamiento na nossa asperrima costa, contra ella arremessavam as suas frageis embarcações fustigadas e impelidas do alto mar em noites de tempestade.

Foi D. Fernando Coutinho, bispo do Algarve, que, por um acto humanitario, mandou construir em 1515, uma torre de pharol no convento de S. Vicente ao cabo do mesmo nome, torre, em que mais tarde, os frades se defenderam dos herejes lutheranos.

A construcção dos pharoes teve, pois, a sua origem, entre nós, por iniciativa meramente particular, e foi o mesmo bispo do Algarve que em 1520, fez doação a el-rei D. Manuel de tres conventos, entre os quaes, entrára aquelle a que nos referimos e cujo pharol, após as luctas com Luthero, foi reedificado mais avantajadamente por D. João III e restaurado mais tarde por Filippe II. Em seguida a este, e tambem por iniciativa particular, foram construidos os pharoes da Senhora da Guia a O. N. O. da villa de Cascaes, o da cidade do Porto e o do Cabo Espichel.

Não tardaram, porém, a mergulhar na mais completa escuridão as costas portuguezas; assim o affirma o alvará de 1758, expedido de Salvaterra de Magos, pelo Marquez de Pombal, pelo qual se determinára

a construcção de seis pharoes nos locaes: Nossa Senhora da Guia (onde já existira um como dissemos), nas ilhas Berlengas, na fortaleza de S. Lourenço (Bugio), em S. Julião da Barra, e os dois restantes, no Porto e em Vianna do Castello. O character official que então tomára este importante assumpto, foi recebido com demonstrações festivas pela classe maritima, que assim via satisfeitas as contínuas reclamações que, de há muito, vinham fazendo junto dos governos. Dizia mais esse alvará que a construcção dos pharoes devia realizar-se com rapidez, e sabendo-se como eram acatadas as ordens do primeiro ministro de D. José, facil era prever o cumprimento rapido d'esse alvará; assim não succedeu, pois só vinte annos depois, segundo documentos officiaes, se procedeu á construcção dos pharoes, situados no Cabo da Roca, na Serra da Arrabida, hoje collocado na torre do Outão, em S. Lourenço, em S. Julião e nos Cabos Espichel e Carvoeiro.

Seguiu-se-lhe o longo interrégno marcado pelos tumultos das guerras que absorviam, em absoluto, as atenções dos poderes publicos; sómente depois de organizado o governo constitucional, de novo, se attendeu a esse assumpto, ao qual deu grande desenvolvimento o distincto engenheiro Gaudencio Fontana que, com a sua robusta intelligencia e erudição, n'elle lançou varios melhoramentos que, ainda assim, não corresponderam, aos progressos da sciencia, pois que o pharol denominado do Duque de Bragança, assente na ilha Berlenga Grande, distante cinco milhas de Peniche, é formado

por um apparelho catoptrico de luz branca, rotação completa, com eclipses de tres em tres minutos e lampejos de dez segundos, mas essa luz é produzida por dezeseis candieiros de Argand com reflectores parabolicos, e não pelo novo systema lenticular inventado por Fresnel, que a commissão de pharoes de França approvando o relatório do almirante Rossel resolvia, n'essa época, adoptar para o alumiamiento das costas do seu paiz. Foram igualmente melhorados n'esse anno, os pharoes de Nossa Senhora da Luz, Cabo Carvoeiro, Cabo da Roca, Bugio e S. Julião, onde foram estabelecidos novos apparelhos. Fontana, que em França estudára o assumpto, e tambem pelas suas raras faculdades de trabalhador infatigavel, bastante se notabilisou na direcção technica dos pharoes, devendo-se a elle a officina que fôra estabelecida na rua do Jardim do Tabaco, em edificio da alfandega, para construcção de apparelhos e reflectores de luz fixa ou rotativa. Em 1845 uma terrivel enfermidade, a loucura, apagára essa esclarecida intelligencia, comprovada por muitos dos seus trabalhos que serviram de base e estudo em subseqüentes construcções.

Substituiu Fontana o engenheiro Ignacio Vielle, igualmente muito habil, mas que não possuia como aquelle, a somma de conhecimentos que o notabilisára. Comtudo, Ignacio Vielle alguma coisa fez de valor; foi sob as suas ordens que se procedeu ás necessarias reparações, no pharol do Cabo Espichel, que limita as duas grandes enseadas de Lisboa e de Setubal e está situado entre $38^{\circ} 24' 5''$ de latitude N. e $0^{\circ} 4' 59''$ de longitude O. O apparelho é catoptrico, de luz branca e fixa, produzida por dezeseite candieiros de Argand com reflectores parabolicos e alcance de 12 milhas. Em 1847 foi construido o pharolim da torre de Belem, que se acha estabelecido em um dos baluartes do forte do Bom Successo, a $38^{\circ} 41' 46''$ de latitude N. e $0^{\circ} 4' 5''$ de longitude O. do meridiano do Castello de S. Jorge; o apparelho é lenticular, de luz vermelha fixa e alcance de 6 milhas.

Tres annos depois, foi construido na restinga de areia n'um cabedello proximo da barra que dá ingresso para os portos de Faro e Olhão, o pharol de Santa Maria, de apparelho dioptrico ou lenticular, de segunda ordem, de Fresnel, com luz branca

e fixa e alcance de 15 milhas. Formam a torre de pharol quatro corpos circulares terminados por uma cimalha, em varandas de ferro, no centro da qual se eleva uma sapata de cantaria que serve de socco á lanterna; foi tambem Ignacio Vielle que transferiu, como dissemos, o pharol da Serra da Arrabida para a torre do Outão, na barra de Setubal, onde estabeleceu um apparelho lenticular de terceira ordem. Motivaram a mudança os frequentes e espessos nevoeiros da montanha sobranceira áquella torre.

Em 1852, o serviço dos pharoes que estava a cargo do ministerio da fazenda passou para o das obras publicas que determinou, que o pharol da Luz passasse do systema de rotação e côres para o de luz branca e fixa, e encarregou o capitão-tenente da armada Francisco Maria Pereira da Silva, da escolha do local onde devia ser construido o pharol Mondego. Pereira da Silva desempenhou-se do seu encargo escolhendo a extremidade S. W. da serra de Buarcos, 3 milhas a N. N. W. da barra da Figueira da Foz, no cabo Mondego onde, sob a sua direcção, foi edificado o dito pharol de apparelho lenticular, de segunda ordem, systema Fresnel, candieiro de Carcel, luz branca e fixa e alcance de 18 milhas. Ao mesmo tempo ordenava-se ao director das obras publicas do districto de Aveiro que escolhesse o ponto da barra d'aquella cidade onde deveria ser estabelecido um pharol; de nada serviu, a construcção não se realisou.

Quasi dez annos se seguiram sem que apparecesse o mais insignificante documento a revelar que não havia sido abandonado esse ramo de serviço; sómente em 1862, começou, de novo, a tratar-se do assumpto, sendo construido um pharol na margem direita do Guadiana, no sitio do Medo Alto, proximo de Villa Real de Santo Antonio, apparelho este constituido por uma lanterna de olho de boi, luz branca, alcance de 3 milhas. Se alguma coisa se havia feito já para alumiamiento da costa portugueza, como temos vindo a relatar, muito pouco representava ainda do que era preciso fazer, afim de evitar os muitos naufragios que quasi diariamente se registavam.

Foi o ministro francez na nossa côrte, n'essa epoca, que chamou a attenção do governo de Portugal para o estado em que se en-

contrava tão importante serviço. Este facto motivou a proposta de lei apresentada ás camaras pelo ministro da marinha e distincto homem de letras, José da Silva Mendes Leal, cujo relatorio que precedeu essa proposta de lei, era concebido, em resumo, nos seguintes termos: «O navio que sae da costa de Hespanha encontra a 41 milhas o primeiro pharol portuguez, denominado de Nossa Senhora da Luz; depois de 58 milhas o do Cabo Mondego; a 53 milhas o das Berlengas e Cabo Carvoeiro. Transpostos os de Cabo da Roca e Espichel, que distam entre si 25 milhas, surge o de S. Vicente a 80 milhas, e a 54 milhas d'este, o de Santa Maria; isto é, 320 milhas de costa com 7 pharoes!

O pharol da costa do Porto alcança 12 milhas apenas e nas ilhas adjacentes não ha um só pharol. A barra de Gôa tem um pequeno pharol e é de urgencia collocar pharoes em Moçambique e Cabo Verde. Referia-se tambem aos melhoramentos que necessitavam os pharoes existentes e qual o pessoal que devia ter este ramo de serviço.»

Eis, nas suas linhas geraes, o relatorio que precedeu a proposta que originou a lei de junho de 1864, assignada por Mendes Leal, Joaquim Thomaz Lobo d'Avila e João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, lei que teve o destino de tantas outras — não ser cumprida. Além d'isto, Mendes Leal mandou tambem estabelecer uma pequena officina, de construcção e reparo de pharoes, no Arsenal de Marinha, e a villa da Ericeira foi dotada com duas lanternas de olho de boi, collocadas em columnas de ferro, para determinar o enfiamento da barra do seu porto. Foi egualmente, n'este anno, melhorado o pharol de S. Julião da Barra, sendo n'elle collocado, em lugar dos candieiros de Argand e reflectores, um aparelho lenticular de Fresnel, de quarta ordem, de luz fixa branca, illuminando um sector de 240° e alcance de 13 milhas. Encontra-se este pharol dentro da torre de S. Julião, ao norte da foz do rio Tejo, latitude $38^{\circ} 40' 22''$ N.; longitude $0^{\circ} 11' 32''$ W.; acima do nivel do mar 46,42 metros.

Tudo isto, porém, não era feito com a rapidez que seria para desejar; apesar de todos conhecerem a necessidade de se proceder aos devidos trabalhos tendentes a melhorar o alumramento das nossas costas,

certo é, que quanto se projectava e se decretava, logo cahia no mais lamentavel esquecimento. De quantos procuraram montar o serviço dos pharoes em boas condições e em harmonia com o que se achava regulamentado no estrangeiro, se contou pela sua muita dedicação, o capitão de fragata e inspector dos pharoes, Francisco Maria Pereira da Silva, do qual se registam muitos trabalhos de valor, entre os quaes os dois importantes documentos: «Projecto do alumramento maritimo para a costa de Portugal» e «Descripção dos pharoes existentes no continente de Portugal», a que nos vamos referir. Junto a S. João da Foz, proximo do Porto, assenta o pharol de Nossa Senhora da Luz, de luz branca, dezoito candieiros de Argand, reflectores parabolicos, com seis grupos de tres candieiros collocados em sentido vertical em arvore circular de ferro, eixo de madeira, girando em pontas de aço, sector illuminado de 200° , alcance 9 milhas. — Junto a Peniche, no Cabo Carvoeiro, em uma torre de tres corpos, quatro faces, assenta o pharol, de luz branca, fixa, dezeseis candieiros de Argand, reflectores parabolicos, dispostos alternadamente na arvore que tem cinco faces e só quatro illuminadas, alcance de 9 milhas. — Na extremidade S. da serra de Cintra, que chamam Cabo da Roca, assenta o pharol, de luz branca, rotação, eclipses de 2 em 2 minutos e clarões de 8 segundos, aparelho optico, dezeseis candieiros de Argand, reflectores parabolicos, dispostos em um plano de frente com quatro ordens horizontaes de quatro candieiros, alcance 16 milhas. — A uma milha de Cascaes, acha-se o pharol de Nossa Senhora da Guia, de luz branca e fixa, dezeseis candieiros de Argand, reflectores parabolicos com tres ordens horizontaes, sector 240° , primeira ordem de cinco candieiros, a segunda seis e a terceira cinco, alcance 13 milhas. — No centro da torre circular de S. Lourenço da barra, ao S. da foz do Tejo, está collocado o pharol do Bugio, de luz branca, rotação completa, eclipses de 3 em 3 minutos, de lampejos de 10 segundos, dezeseis candieiros de Argand, reflectores parabolicos, com plano vertical, a frente para o mesmo lado e quatro ordens de quatro candieiros, alcance 16 milhas. — A tres milhas de Setubal encontra-se o pharol da torre do Outão, luz fixa,

branca, aparelho Fresnel, de terceira ordem, candieiro mechanico de bomba e corda para quatro horas, alcance 15 milhas e entre a costa occidental do Oceano Atlantico e a do sul, que se dirige ao Mediterraneo, na parte extrema da Europa, que se chama o Cabo de S. Vicente, está o pharol D. Fernando a 5 milhas de Sagres, aparelho de luz branca, rotação completa, eclipses de 2 minutos e clarões de 8, dezeseis candieiros de Argand, reflectores parabolicos, alcance 16 milhas. Com relação aos pharoes do Cabo Mondego, Berlengas e o de S. Julião, já descrevemos anteriormente.

Passou depois, novamente, o serviço dos pharoes, do ministerio da marinha para o das obras publicas; em Espozende foi collocado um pharolim lenticular de luz vermelha e fixa, alcance de 5 milhas; no forte de Santa Martha, situado a S. W. da fortaleza de Cascaes, estabeleceu-se uma luz de enfiamento com o pharol da Guia para indicar a navegação do canal do norte da barra de Lisboa, candieiro de Argand, reflector parabolico, alcance 20 milhas; por essa occasião começou a funcionar o pharol de Medo Alto, de que já falamos, inaugurou-se o da ilha da Medeira, no sitio denominado o Ilhéu de Fóra, aparelho lenticular de segunda ordem, luz branca, rotação, clarões de 30 em 30 segundos, com luz fixa em baixo, e alcance de 25 milhas; foi collocado um pharol na ponte do Arnel a N. E. da ilha de S. Miguel e no mirante de Caxias; um pharolim em Vianna do Castello, com o alcance de 5 milhas, e um aparelho dioptrico, segunda ordem, luz branca e fixa, alcance de 25 milhas, no Cabo de Sines.

Alcança o que acabamos de relatar ao anno de 1880 em que foi approvada a carta de lei que determinou reunir a administração do serviço dos pharoes á dos correios e telegraphos. Era então director geral, Guilherme Augusto de Barros, que após uma visita minuciosa que fez a toda a costa de Portugal, a fim de se informar do estado dos edificios onde se achavam collocados os pharoes, estado de conservação dos respectivos aparelhos, e modo como o pessoal encarregado do serviço, o desempenhava, redigiu, sobre o assumpto, um importante documento que apresentou ao ministro das obras publicas d'essa época, Ernesto Rodol-

pho Hintze Ribeiro, que o approvou, sendo em virtude d'esse documento, nomeada uma comissão composta: do contra-almirante, Francisco Maria Pereira da Silva; do general de brigada, Carlos Ernesto de Arbués Moreira; do capitão de mar e guerra, Antonio Maria dos Reis; do professor da escola naval, Bento Freire de Andrade; do engenheiro, Castanheira das Neves, e do chefe de repartição, Benjamin Cabral, comissão que tinha por fim habilitar o governo a apresentar ás Camaras uma proposta de lei para o alumramento das costas de Portugal e ilhas. A comissão cumpriu bem o seu mandato, sendo louvada em portaria de junho de 1882.

Eis quanto nos cabe dizer ácerca dos pharoes, sendo justo recordar tambem o nome do notavel estadista Augusto Saraiva de Carvalho, que bastante concorreu para melhora d'este importante ramo de serviço publico.

Occupêmo-nos agora da telegraphia, começando pela visual que, entre nós, foi estabelecida no anno de 1809, durante a guerra peninsular.

Foram collocados os primeiros postos telegraphicos nos pontos occupados pelo exercito: — linhas de Torres Vedras, Alhandra, Mont'Agraço, Nossa Senhora do Socorro, Torres Vedras, reducto n.º 30 e rectaguarda da Ponte do Sol, proximo de Runa, e servido por um destacamento de marinheiros sob o commando do tenente Leith; o vocabulario, decretado em 1804, para a marinha de guerra, augmentado de algumas necessarias expressões, constituiu a forma de comunicação, mais tarde substituida pelas tábuas telegraphicas, designando-se por numeros as palavras, desde o alphabeto até aos nomes proprios. Ao mesmo tempo foi organizado o pessoal e publicado um regulamento disciplinar.

Em 1833 foi creada uma companhia telegraphica no Porto; em 1838 passaram os telegraphos existentes na ilha da Madeira para a direcção do commando da 9.^a divisão militar. Quando o exercito libertador entrou nos Açores, estabeleceu tambem ali a telegraphia visual. E assim com alternativas, ora publicando um regulamento, ora substituindo-o, em algumas disposições, ora

revogando-o por completo, se constituiu a historia da telegraphia visual que terminou em 1855, deixando alguns postos nos Açores, um telegrapho de ponteiro em S. Julião e Bugio, e outro de palhetas entre o Cabo Carvoeiro e Berlengas.

Passando á telegraphia semaphorica tudo leva a suppôr que a sua existencia em Portugal data de tempos antigos. Faltam, porém, documentos officiaes que comprovem a sua existencia em épocas remotas, apenas algumas publicações de 1803, dão noticia de estações semaphoricas no Pragal, Guia, Cabo da Roca, Arsenal, Castello de S. Jorge, Nossa Senhora da Luz e em outros pontos, e mesmo assim com tão escassas indicações que, quasi, se pode affirmar ser insignificante o seu desenvolvimento.

Cincoenta e dois annos depois, é que apparecem documentos precisos sobre o assumpto; uma ordem do ministerio da guerra, determina que se estabeleça um telegrapho semaphorico na foz do rio Douro e foi creada, no arsenal de marinha, uma escola pratica, onde havia um posto em correspondencia com o Pragal, para instrução do pessoal nomeado para este serviço.

O codigo de signaes de Maryatti, recommendado aos commandantes de navios, em 1856, foi substituido pelo de Reynold, dois annos depois, e mais tarde, em 1868, pelo de Larkins, systema este que com 18 bandeiras produz 78:642 combinações.

Foram estabelecidos successivamente os seguintes postos semaphoricos: em S. Julião, abril de 1865; Cascaes, setembro de 1860; Oitavos, março de 1860; Cabo Carvoeiro, julho de 1865; Sagres, setembro de 1865; Vianna do Castello, junho de 1867; Cabo de Espichel, setembro de 1870; Ponta do Pargo (Madeira), maio de 1874; Ponta de S. Lourenço (Madeira), setembro de 1874; fortaleza do Ilhéu, janeiro de 1878; Sines, dezembro de 1880; Ponta do Ilhéu (Açóres), 1883.

No presente encontra-se n'uma situação regular o serviço semaphorico, pois que todos os pontos principaes da costa estão dotados do material necessario para o seu bom funcionamento, achando-se, hoje, todos os

postos ligados á rede da telegraphia electrica, de que nos vamos occupar.

Foi em abril de 1855 que se estabeleceu o contracto para a construcção das linhas telegraphicas aereas do Terreiro do Paço, Córtes, palacio das Necessidades, Cintra, Mafra, Carregado, Caldas da Rainha, Alcobça, Leiria, Coimbra, Aveiro, Porto, Aldegallega, Barreiro, Setubal, Montemor-o-Novo, Evora, Estremoz e Elvas. Assignaram esse contracto, o ministro Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello e Alfredo Breguet, representante da casa Breguet, de Paris. O contracto marcava o praso de um anno para a conclusão d'esse trabalho, que seria executado sob a inspecção d'um engenheiro portuguez; estabelecia tambem todas as condições, no que respeitava a pessoal, deveres e obrigações das partes contractantes, tudo enfim quanto era preciso para o bom acabamento das obras e seu esculpulo cumprimento. Em julho d'esse anno foi confirmado o contracto e no mez seguinte uma portaria ordenava ao intendente das obras publicas do districto de Lisboa, que estabelecesse no Terreiro do Paço a estação principal. No dia 16 de setembro de 1856, dia da aclamação de D. Pedró V, inauguraram-se as estações Principal, Córtes, Necessidades e Cintra, com os aparelhos de quadrante de Breguet. N'esse mesmo anno foram construidas as linhas: — De Lisboa ao Porto; de Lisboa a Elvas, atravessando o Tejo em frente de Villa Franca, o rio de Samora e o vau de Alcochete, e a de Lisboa a Santarem; a primeira por Debain e as seguintes por Breguet. Crearam-se tambem, n'essa época, as estações de: Aveiro, Porto, Coimbra, Leiria, Caldas da Rainha, Villa Franca de Xira, Vendas Novas, Estremoz, Elvas e Santarem. A telegraphia tende a desenvolver-se cada vez mais. Foi estabelecido um fio directo entre Lisboa e Porto; a companhia do norte e leste foi auctorisada a servir-se do primeiro fio telegraphico do Estado entre Santa Apollonia e Carregado. O serviço telegraphico, porém, era sómmente destinado aos usos officiaes; o povo só excepcionalmente d'elle se utilisava, não havendo por isso taxas telegraphicas e ficando á gene-

rosidade do remetente d'um telegramma particular, a gratificação aos negociadores da transmissão, lucro que nunca visava o

particular se guardasse para ser mensalmente dividido pelos encarregados do serviço.

A telegraphia electrica que, como disse-



PAULO DE BENJAMIN CABRAL

peçoal que trabalhava aos aparelhos. D'isto resultou o director geral determinar que o producto da munificencia par-

mos, tendia a desenvolver-se em 1856, no anno seguinte o confirmou d'um modo apreciavel. Assim: effectuou-se em Badajoz a

ligação das nossas linhas com as hespanholas, empregando-se osapparelhos de Bain. Conferiu-se aos particulares o direito de enviar telegrammas, servindo-se das estações officiaes, com as seguintes taxas: 200 réis por vinte palavras (taxa fixa), de mais, por cada distancia de 5 kilometros ou fracção, 10 réis, por cada cinco palavras além de vinte, 2 réis, e excedendo cem palavras era a taxa correspondente a novo despacho. Além d'isto as palavras que excediam sete syllabas contavam-se como duas palavras, cinco algarismos e fracção, consideravam-se como uma palavra; á nota de urgente correspondia taxa dupla; a repetição do despacho da estação da chegada para o da partida custava o deposito provisorio de metade da taxa do despacho; era taxado em 100 réis o aviso ao destinatario da hora da chegada; accrescia a taxa de mais metade, quando o serviço era executado de noite.

A um tempo que o serviço telegraphico era regularizado no interior do paiz, procurava-se igualmente estabelecer-o em ligação com o estrangeiro, como se achava organizado já entre varias nações por convenções internacionaes, celebrando-se a primeira convenção com a Hespanha, que foi approvada. Corria o anno de 1857 e antes e seguidamente, se estabeleceram novas estações telegraphicas e se construíram novas linhas, fechando o anno com o estabelecimento das communicações, por este systema, entre Gôa, Bombaim, Surrate e Damão. Datam de 1859 as linhas de Setubal ao Pinhal Novo, Coimbra á Figueira da Foz e Castello Branco á Covilhã, sendo tambem estabelecida a ligação com a Hespanha por Tuy para as relações internacionaes quando se interrompesse a communicação pela fronteira do Caia, empregando-se na travessia do rio Minho, um cabo submarino de tres fios e extensão de 195 metros. Foram alteradas as taxas telegraphicas, decretada uma reforma que augmentou, não só o numero de empregados, como os seus honorarios, estabelecidas as condições de admissão e regulado o que respeita a reformas e penalidades do pessoal; igualmente se decretou o regimento do serviço das linhas telegraphicas de quaesquer systemas e o de signaes maritimos e como até aqui, continuou a construcção de linhas e abertura de novas estações, de forma, a estabelecer-

se uma rede telegraphica para todos os pontos do paiz, procurando-se tambem dar a este serviço um character universal para evitar as demoras e interrupções na transmissão dos telegrammas. Para a construcção de linhas particulares foram regulamentadas as condições e quaes os preceitos a seguir, e por convenção assignada em Paris, entre Portugal, Brazil, França, republica do Haiti e Italia, se procurou unir pela telegraphia o continente americano ao europeu.

E assim estabelecendo-se linhas e abrindo estações, decretando-se reformas para melhoria do pessoal e serviço, celebrando-se convenções e congressos, tudo enfim quanto as condições de momento iam aconselhando de util, se foi desenvolvendo progressivamente a telegraphia electrica até nossos dias, a que juntamos os seguintes dados que elucidam sobre o seu estado actual: Estações telegraphicas no continente e ilhas dos Açores e Madeira, presentemente abertas ao serviço publico, 533, incluindo 5 estações radio-telegraphicas nas ilhas dos Açores; rede telegraphica, desenvolvimento dos fios conductores, em kilometros, 21.226; redes telephonicas do Estado, linha entre Lisboa e Porto, desenvolvimento dos conductores, em kilometros, 666; outras redes do Estado (Braga, Coimbra e Villa Franca), desenvolvimento dos conductores, em kilometros, 327,5. Movimento annual, em média, de telegrammas nacionaes e internacionaes (de transmissão, recepção e transito), 6.500:000. Rendimentos pertencentes a Portugal provenientes d'esses telegrammas, por anno, 578:492#395 réis.

As communicações internacionaes estão asseguradas, não só por diferentes linhas terrestres, que nos põem em relações com a Hespanha e mesmo com Paris directamente, mas tambem por um grande numero de cabos submarinos que ligam o continente á Inglaterra, Hespanha, Allemanha, Gibraltar, Açores, America do Sul pela Madeira e S. Vicente, etc., etc. E para complemento façamos uma rapida exposição do que se passou, de 1855 a 1882, ácerca da telegraphia electrica submarina.

Foram, em numero de 39, as propostas apresentadas, durante esse periodo, para cabos submarinos, todas de iniciativa estrangeira e nenhuma para serviço exclusivo do paiz. A 1.^a proposta foi apresentada pelo

general Wilde que consistia na immerção de um cabo entre Portugal e os Estados Unidos. A linha seguia de Inglaterra, Cabo Finisterra e Portugal para os Açores e Cabo Verde; fez-se contracto que foi annullado dez annos depois; 2.^a proposta, da companhia telegraphica de l'Ocean, entre Brest, ilha Terceira e os Estados Unidos; 3.^a, de Balestrini, para ligar a Europa com a Africa e America, amarrando o cabo submarino em Portugal: deu esta proposta logar a quatro conferencias em Paris, nas quaes tomaram parte, Portugal, Brazil, França e Haiti, nada sendo resolvido; 4.^a, de Marcoartu, para ligar a Europa á America, a Africa e o Atlantico ao Pacifico: não foi acceita; 5.^a, Marcoartu insistiu dando novas vantagens, mas, da mesma forma, não teve resultado; 6.^a, de Medicott, para ligar Falmouth Halifax na America, tocando no Porto e na ilha das Flores, o que não teve seguimento; 7.^a e 8.^a, de Medicott, propostas estas que pouca alteração tinham da que já apresentára e como ella não teve resultado favoravel; 9.^a, de Worl, propondo a construcção de um cabo da costa de Virginia, Bermuda e Açores; 10.^a e 11.^a, do mesmo e egual; 12.^a, de Darley Rose, entre Portugal e Inglaterra, contracto primario e um adicional prolongando o cabo até Gibraltar, foram annullados; 13.^a, de Medicott, havendo tambem contracto que foi annullado; 14.^a, de G. Saner, para lançamento d'um cabo de Brest para New-York tocando nos Açores, que não teve seguimento; 15.^a, de Harvey, para ligar a França com os Estados Unidos, tocando nos Açores, que não teve seguimento; 16.^a, do conde de Penha Firme, entre a Inglaterra e Portugal, Açores e America, tocando em Gibraltar, o que ficou sem effeito; 17.^a, de Benard Rein, que perdeu 3:000 libras de deposito; 18.^a, de Despecher, para ligar Falmouth ás Indias; compra a concessão de Rein, pede modificação, abre-se concurso, contracto provisorio com Despecher para o

cabo de Portugal á Inglaterra e de Portugal a Gibraltar que lhe é adjudicado; 19.^a, do dr. Makler, para a construcção d'um cabo de Lisboa a Pernambuco, que não teve seguimento; 20.^a, de Gongh, para lançamento de dois cabos, um de Lisboa a Gibraltar, Madeira, Cabo da Boa Esperança, outro de Lisboa á Bahia pela Madeira, que ficou sem effeito; 21.^a, de Rawell, para construir um cabo de Inglaterra a New-York, tocando na ilha Terceira: não consta que esta proposta tivesse seguimento; 22.^a, de Munró, entre Lisboa e New-York, tocando nos Açores, e seguindo Hespanha, Inglaterra, Irlanda e França, que caducou; e assim seguidamente foram apparecendo as restantes propostas, tendo apenas vingado duas d'ellas, durante a época a que nos referimos: as que ligaram Portugal com o norte da Europa e a America do Sul.

Como é facil calcular, muito mais poderiamos dizer sobre o assumpto, pois que a historia telegrapho-postal vem, de ha seculos, em progressivo desenvolvimento, revelar a sua grande utilidade, já como fonte de receita, já como meio rapido de communicação entre todos os pontos do paiz, algumas das nossas ilhas, e estrangeiro pelos cabos submarinos, n'uma extensão de alguns milhares de kilometros, e que, para maior valor ainda, se lhe vem juntar a telegraphia sem fios.

Tanto quanto nos foi possivel historearmos já o serviço postal e hoje, o que respeita a pharoes e telegraphos, e se não fômos d'uma escrupulosa minudencia, como seria para desejar em ramos de serviço de tanta importancia e magnitude, crêmos, contudo, que conseguimos dar uma idéa das diversas phases porque tem passado, desde a sua origem, sendo justo, como fizemos com relação aos correios, elogiar os empregados telegraphicos pela fórma correcta com que se desempenham das obrigações dos seus cargos, sob as ordens do sr. Paulo de Benjamin Cabral, inspector geral dos telegraphos e industrias electricas.

HENRIQUE DE OLIVEIRA.

CONVALESCENTES e todos os que necessitem **fortificar o organismo e especialmente o systema nervoso**, curam-se tomando

Somatose

em pó e liquida (de gosto doce e secco).

Vende-se nas **pharmacias e drogarias.**



Poesia e pedagogia

João de Barros, o actual director geral de instrucção primaria, é um dos litteratos e dos poetas da geração moderna mais pujantes e mais sentidos. Mas se a sua obra litteraria é



JOAO DE BARROS

bella e honra as letras patrias honrando-o a elle, a sua competencia como pedagogista não é menos valiosa, nem menos proficua. As conferencias que realizou em Bruxellas sobre os escriptores portuguezes é um trabalho de funda investigação e de critica documentada; o seu ultimo livro é um diploma magnifico do seu infatigavel estudo.

Como professor deixou no lyceu do Porto as maiores saudades aos seus alumnos e aos seus collegas. Muito tem a esperar a instrucção primaria do paiz com a sua nomeação para o alto cargo que presentemente desempenha.

O marechal Hermes da Fonseca em Lisboa

Foi nosso hospede durante alguns dias, depois de larga permanencia em diversos paizes da Europa, o presidente eleito do Brazil, marechal Hermes da Fonseca. A população e os



O DESEMBARQUE NO ARSENAL

poderes publicos do paiz receberam-no como é tradicional na nossa raça. S. Ex.^a, que deve tomar posse do seu elevado cargo no dia 15 de novembro, veio e retirou-se a bordo do poderoso couraçado brasileiro *S. Paulo*.

Foram-lhe aqui offerecidos varios jantares, tendo o da sala do Risco, no Arsenal, uma altissima significação de confraternidade politica. Fizeram-se ali diversos brindes, todos elles extremamente calorosos e em que falaram alguns dos nossos mais eloquentes oradores.

Chronica da moda

O mez de novembro — A tristeza dos dias de outono — O tempo fóra dos eixos... — A inconstancia da moda — A incompatibilidade da moda actual com os principios de economia — O exaggero do tamanho dos chapéus — O espirito da imperatriz Eugenia — A febre da toilette — Os vestidos baratos saem caros — As novidades em tecidos de inverno — As saias modernas — O estylo Luiz XIII — Os chapéus de velludo com plumas pleureuses — As entracees banidas no inverno — O que decretará a moda na proxima estação, etc. etc.

Estamos em novembro!

E como é triste ver cair as folhas, dirão as nossas gentis leitôras, sem comtudo talvez pensarem que com ellas se vae, para jamais voltar, uma primavera da nossa vida...

As folhas mortas, no constante rodopiar do vento por esses caminhos fóra, dão-nos a impressão dolorosamente triste dos bandos perdidos das nossas illusões...

Na mocidade da vida, como na primavera da natureza, a alma accorda em nós qual avesita gárrula, enamorada do azul, entoando hymnos de amor e de alegria; o coração touca-se de esperanças e transforma-se em um ninho de chymeras...

Não ha horisontes que não sejam coloridos das tintas azues do céu e do brando carmim das rosas... Porém, mal chega o outono tudo se transmuda, tudo empallidece, tudo se envolve na tristeza infinita, a um tempo doce e doloroso duma quadra que se despede de nós...

E, como todas as despedidas que nos tocam o coração, assim o outono é para nós deliciosamente triste...

Não sabemos se as nossas leitoras serão como nós, umas sonhadoras sentimentaes, vibrando sob o imperio das mais extranhas impressões; porém, o que seremos todas nós, as mulheres portuguezas, nascidas neste lindo paiz de encanto, sob este céu de saphiras, acariciadas pelo bello sol de Portugal e embaçadas pelo marulhar das vagas do nosso poetico mar de esmeraldas?!...

O verão passou sem nos deixar a recordação duma boa estação que terminou. Foi um verão quasi sem calor, sem brilho e enfraquecido ainda pelas ventanias constantes e insupportaveis, que ha tanto tempo nos perseguem.

Como tudo tem mudado!... até o tempo! que parece ter sahido fora dos eixos... e accusar manifestações evidentes de grandes desequilibrios.

No entanto não digamos mal deste outono adoravel, pelas suas graças *rouillées* e melancolicas, o seu sol *voilé* e as suas arvores despidas...

Elle começa já a fazer-nos pensar na chegada do inverno, que tambem tem os seus ponderados encantos, com as suas longas noi-

tes de serões deliciosos em familia, de theatros, de festas, e que, por associação de ideias, nos faz evocar tambem a Moda com os seus decretos invernaes.

Ah! a Moda!... Como ella segue na evolução do tempo e na vertigem da velocidade! O que ainda hoje admiramos como moda em rigor, excepcionalmente novo e elegante, no fim dalguns dias — pois maior não será a sua duração — já nos parece *démodé* e antigo...

E' que a variedade, gentilissimas Senhoras, digam Vossas Excellencias o que disserem, deleita-nos e encanta-nos! Todavia affirmam as pessoas economicas, que ha sempre *arranjo* possivel, para os vestidos da estação passada.

Os *dictadores* da moda, teem revolucionado tudo isto e crêmos até que ha um firme proposito na combinação das modas, destes ultimos tempos, para que, seja impossivel usar-se uma *toilette* da estação passada, sem soffrer uma completa modificação.

Que poderemos fazer, apesar de toda a nossa boa vontade e economia, da *celebre entravée*? Positivamente nada... ou quasi nada.

Como tivemos a grande coragem de as usar, teremos a resignação de as abandonar, sem saudades. As mulheres economicas e rasoaveis, não se preocupam em possuir um grande numero de *toilettes* e usarem qualquer das da estação passada, mesmo quando tenham a certeza de ser, *já conhecida*...

E' uma *superioridade* a que poucas resistem.

E é sem duvida alguma a grande regra da economia feminina.

Se os vestidos, passado algum tempo, nos apparecem estravagantes, feios e *démodés* que diremos nós dos chapéus?!...

Como elles teem perdido toda a sua frescura e nos parecem odiosamente feios! E' tudo assim... Os chapéus augmentam de tamanho em cada estação, crescem desmedidamente tanto que não sabemos onde nos levará este exaggero!

E o luxo, meu Deus!

Será possivel que assim continuemos?...

Dizia a imperatriz Eugenia, a quem accusavam de dispender grandes sommas com as suas *toilettes*, num dos dias de verdadeiro espirito: «criticam-me, mas é bom que se note que as burguezas d'hoje gastam bem mais do que eu!»

Não ha duvida que as nossas *burguezinhas* se vestem pelo menos tanto, como as grandes damas d'outros tempos. O luxo torna-se democratica, como a época que atravessamos; mas deixemol-o para as altas classes opulentas, que podem proteger as industrias e as artes...

Nunca a febre da *toilette* foi tão intensa como agora e qualquer que seja a situação da mulher, devido á vulgarisação dos grandes armazens, não ha quasi nenhuma que, rodeando-se de um falso luxo barato não tente parecer muito bem, «o que se não poderá censurar,» esmerando-se quanto possivel, embora comprando vestidos baratos, que no fim de contas saem cáros, porque geralmente se confirma que os tecidos baratos não nos offerecem economia alguma.

As phantasias que a moda a todo o momento inventa e nos seduzem pelo seu preço, pouco duram e deviam ser usadas por aquellas que frequentemente pudessem mudal-as, o que quer dizer que essas extravagancias competem somente ás que teem a *graca* de serem ricas.

O que nós admiramos, principalmente, são certas mulheres, que, com pequenos rendimentos, possuem a grande sciencia de se saberem vestir bem.

Temos por ellas a mais profunda admiração, pelo seu talento e pela sua arte na economia.

Fogem sempre aos tons *muito á moda* e aos tecidos vistosos e ordinarios, guiando-se pelo velho ríflão: *o que é barato sae caro*.

Aqui teem pois, minhas Senhoras, os conselhos que lhes dá uma chronista com experiencia bastante para poder falar assim...

Estamos pois em principio duma estação de modas que nos promete maravilhas, mas sobre as quaes, por enquanto, quasi nada se poderá afirmar.

Muitas das elegantes estão ainda em debandada das praias donde veem de se deliciar, e das suas quintas luxuosas e lindas para a nossa querida e adoravel Lisboa, sequiosas das suas elegantes *coquetteries*, animando-a com a sua belleza resplandecente de mocidade e frescura. Já se vê movimento, já se nota certa animação na nossa vida mundana, que tanto nos alegra e nos fascina. Ainda bem...

Daqui a pouco voltam os bellos dias de inverno, em que nos é permittido admirar as nossas mais lindas mulheres, com a sua actividade crescente, procurando adquirir o que ha de mais sensacional para as suas *toilettes*, que as tornam mais elegantes, mais *chics*, se isso é possível.

Agora dir-lhes-hei o que ha de novidades e o pouco que tem apparecido em tecidos de inverno:

Para o *tailleur* emprega-se de preferencia «*côte de cheval*». A sua solidez torna-o muito commodo para os passeios de carruagem ou,

para quem gosta de sahir de manhan nos seus passeios hygienicos. Como côres favoritas, são o *beije* até ao castôr.

Tambem se vê muito o azul *de ray*, mas é uma côr pouco pratica e muito sujeita á insuportavel poeira.

As saias já se fazem mediocrementemente amplas, *sans entravés*, naturalmente.

Fazem-se de um só bocado de tecido, vindo fechar sobre o lado esquerdo por uma grossa costura apparente.

Vêem-se tambem muitas saias com estreitas *tabliers* — guarnecidas — até mais de meia altura, com pequenos botões de phantasia. Salvo para os vestidos de caça e os *trotteurs*, puramente de manhan as saias não serão completamente curtas: devem ser a pousar no chão; isto faz uma mudança completa sobre a moda dos ultimos *tailleurs*. A fórmula *bluze russa* está posta de parte,

adaptando-se agora um vago estylo Luiz XIII com abas e algumas

tambem com um pequeno *habit*.

O estylo Luiz XIII é sobre tudo lembrado por uma graciosa golla de renda de Irlanda, repousando sobre os *revers* de velludo, ou de *moirée*: é uma bonita guarnição, que tem tudo a seu favor e promette prolongar-se pela estação de inverno.

Continúa o delirio, o verdadeiro entusiasmo pelo velludo preto. Vê-se por toda a parte como guarnição e tambem muito em vestidos *trotteurs*, para visitas de cerimonia e para a noite.

Confessamos ser na realidade uma das actuaes modas que consideramos completas em elegancia e linha.

O *chic* duma *toilette* reside hoje sobre tudo nos detalhes: não basta ter um lindo vestido, é preciso que seja bem feito, que o acompanhe um chapéu *chic* e um calçado... Oh! o calçado! como elle é o complemento da *toilette* da mulher es-

bella e, consideradamente elegante!...

O mais simples *tailleur*, pôde ter uma nota



UM VESTIDO LONDRINO DE VELLUDO VERDE COM CHAPEU EGUAL AO VESTIDO

Para augmentar o poder da alimentação dos caldos, leite e carnes para convalescentes, juntar **SOMATOSE**.

característica de elegancia, mais ou menos discreta, segundo a guarnição e o formato dum artistico chapéu e do tom da flôr que lhe guarnece o peito. E é procurando sempre a simplicidade que o destaque é completo e que a mulher consegue salientar-se, em todos os grandes centros em que predomina algumas vezes o maior e mais desmedido luxo.

Os chapéus de velludo, que fizeram as delicias na estação de verão, não ha razão para que se diminua o enthusiasmo por elles, desde o momento que o inverno se approxima.

Estes chapéus immensos, simplesmente guarnecidos de magnificas e deliciosas plumas *pleureuses* são duma belleza incomparavel. Todas estas excentricidades são bastante complicadas, fazendo-nos crêr que a moda de inverno não será muito simples; em todo o caso creio que não veremos mais *entravées*, e que os vestidos Luiz XIII e estylo Imperio terão tido muitos ensaios, com optimos resultados, o que faz prever a sua proxima appareição.

Na nossa chronica seguinte poderemos definitivamente dizer com toda a segurança as novidades e as tendencias geraes da estação de inverno.

Durante este tempo, indagarei, percorrendo *com amor á arte*, as nossas melhores casas e falar-vos-hei dos mais recentes tecidos, das suas elegantes guarnições, dos feitiços de sensação e dos chapéus.

Industria

José Maria da Cunha Vasco, escriptor primoroso e grande industrial do Rio de Janeiro, acaba de dar á publicidade um trábhalho onde bem revela a sua muita facilidade de expôr,



JOSÉ MARIA DA CUNHA VASCO

clara intelligencia e especial attenção que lhe tem merecido a mais importante industria manufactureira do Brazil. Esse trabalho intitula-se *A industria do algodão no Brazil*, e a sua leitura é muito proveitosa e de grande interesse para os industriaes.

Theatros

Nacional. — Com a comedia *O Burguez Fidalgo*, adaptação de Eduardo Garrido, inaugurou a presente época o theatro Nacional, havendo de novidade as substituições de alguns dos interpretes, os quaes provocaram justos applausos, em especial, Augusta Cordeiro que no papel creado por Lucinda Simões, foi de extrema correcção.

Não vão, porém, os nossos louvores para a peça a qual, sem querermos depreciar o valor de Eduardo Garrido, que é incontestavelmente um dos nossos melhores comediographos, nem nos parece de Molière, tal é a falta accentuada d'aquelle espirito fino e subtil ironia, que se encontra em diversos trabalhos do distincto dramaturgo. Mas as coisas são o que são, e a verdade é que a peça agradou a época passada, a critica aceitou-a sem protestos e, se não estamos em erro, foi a que maior numero de representações deu.

No proximo numero occupar-nos-hemos das peças, *Perdidos nas trevas* e *Como se escolhe um genro*, que foram recebidas com bastantes ovações.

Trindade. — Entre as diversas peças levadas á scena n'esta casa de espectaculo pela companhia do actor Alves da Silva, uma das que obteve maior agrado, foi a de Octave Feuillet, traducção de Moutinho de Sousa com o titulo, *A vida d'um rapaz pobre*, e que, ha uns cincoenta annos, fez ruidoso successo. Teve então como interpretes, nos papeis principaes, os distinctos actores Santos e Tasso, o que principalmente, justificou o exito, pois que, a peça pertence ao numero das que exigem um bom desempenho para chegar a porto de salvamento. Da empresa se sahio bem o grupo de artistas que agora a interpretou, destacando-se Alves da Silva, Adelina Nobre, Monteiro e Araujo Pereira, e em papeis secundarios Cecilia Neves e Maria Frazão.

A peça tem o *signe* do theatro velho: é empolgante, commovente mesmo, estylo caracteristico do drama antigo, figuras arrastando-se em estradas de dôr, tudo sob uma architectura pesada, mas que agradou e agrada sempre. Peças assim não morrem, os annos não conseguem sequer envelhecê-las; teem sempre os seus adeptos e triumpham em todas as occasiões. Para prova basta a concorrência e os applausos. A primeira traducção foi de Joaquim Annaya.

Gymnasio. — Como dissemos no nosso anterior magazine, o theatro do Gymnasio acaba de passar por uma completa transformação no que respeita á sua vida de scena; assim devia ser, tudo se impunha, para que um theatro como o Gymnasio, de gloriosas tradições, quer pelo elenco da companhia, quer pela escolha de repertorio, sahisse d'essa deploravel decadência, de que ha annos, vinha enfermado. O genero de peças ultimamente alli explorado não obedecia, em boa verdade, ás antigas tradições do

Gymnasio e d'ahi, talvez, o principal motivo da decadencia. Tanto o reconheceu o actor Valle que, a seu pedido, foi encarregado da direcção o distincto actor Christiano de Sousa, que começou pela escolha de artistas que deveriam compor a companhia, crendo, que com egual criterio formará o repertorio e levantará o theatro á sua outr'ora categoria.

A peça de abertura foi o *Filho de Coralia*, de Albert Delpit, habilmente traduzida, que o publico recebeu sem restricções e que pelo desempenho que obteve constituiu uma noite de bôa arte. E' uma comedia delicada, de espirito leve, por vezes sentimental, formando com os seus claros escuros, um conjuncto de scenas que se ouvem com muito agrado. Tambem pertence á velha escola, mas nem por isso perde em valôr, e em especial, quando tiver, como succedeu agora, uma tão correcta interpretação. De Lucinda Simões e Christiano de Sousa basta que se diga: não se representa melhor. Não ha a menor hesitação; o mais simples detalhe os dois distinctos artistas o observam com exacto conhecimento de arte, sendo os seus bellos trabalhos muito bem secundados pelas actrizes Judith de Mello, e Maria del Carmen, e pelos actores, Telmo, Cesar de Lima e Machado. Muito bôa a *mise-en-scene*.

Esperamos que as que se seguirem correspondam á entusiastica ovação com que a peça de abertura e os artistas foram recebidos.

Este theatro fez tambem *reprise*, do drama, *A ciumenta*, traducção do hespanhol de Leopoldo de Carvalho.

Apollo. — O *vaudeville Major Magnesia*, de Manezy-Eon, recommenda-se pela graça do entretcho e pela fertilidade de episodios que provocam, de momento a momento, a hilariedade da platêa. Recheado de situações comicas e de

ditos de espirito consegue, sem esforço, fazer esquecer as agruras da vida. São 3 actos que dispõem bem e deixam o publico completamente satisfeito; para mais, Philippe Duarte escreveu uma musica alegre, viva e de agradável audição. Muito cuidada a traducção de Marçal Vaz.

No desempenho occupam o primeiro plano Lucinda do Carmo que dá ao seu pequeno papel, notavel brilho, comprovando o seu muito valor, e Amelia Pereira que transmite a sua habitual alegria e vivacidade; em segundo plano ha a destacar, Pedro Machado, Narciso Vaz e Julio Guimarães. E' peça para ficar e que dará á empreza, em diversas épocas, alguns vintens. Seguiu-se-lhe a immortal revista *Sol e Sombra*, com novos quadros.

Rua dos Condes. — Continuou chamando bastante concorrência, a revista, em 3 actos, *Cacharolete*, original de Celestino da Silva e musica de Luz Junior; d'ella nos occupámos já na sua primeira representação, havendo agora diversos papeis substituidos, como o do *compère*, desempenhado presentemente pelo actor Euzebio de Mello que teve bastantes chamadas ao palco.

Colyseu dos Recreios. — Foi com grande entusiasmo, como nos annos anteriores, que o publico recebeu a abertura do Colyseu dos Recreios, mostrando assim a sua predilecção por aquelle genero de divertimento, applaudindo a magnifica companhia que, incontestavelmente, executa alguns dos trabalhos com bastante precisão e que se recommendam pela novidade. A enchente foi o que se chama collossal, sendo diversos numeros repetidos e todos premiados com ovações. Já lá vae o tempo em que era só divertimento para creanças, as companhias equestres; hoje, até os velhos... não faltam.

H. O.

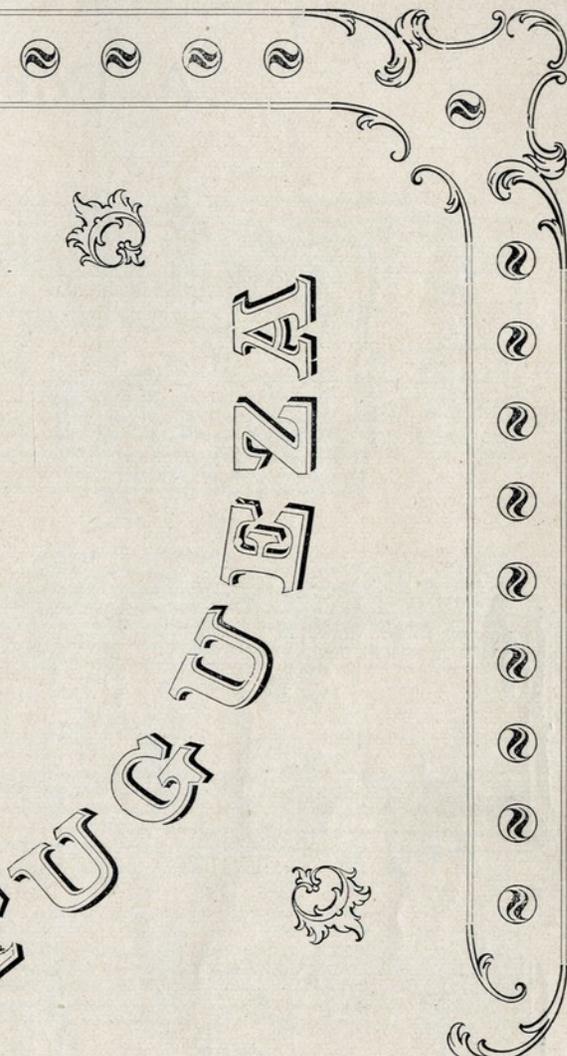
FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

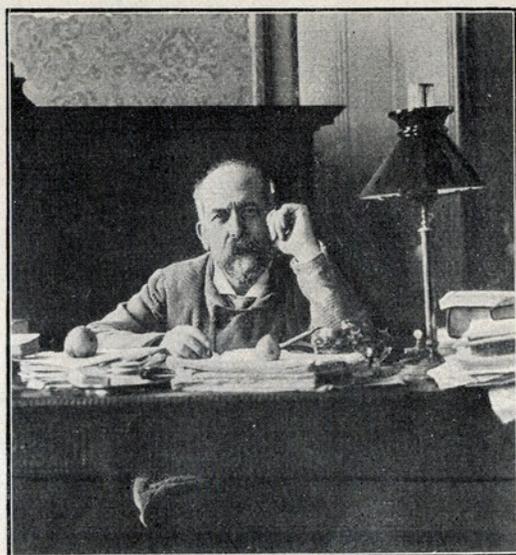
Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.



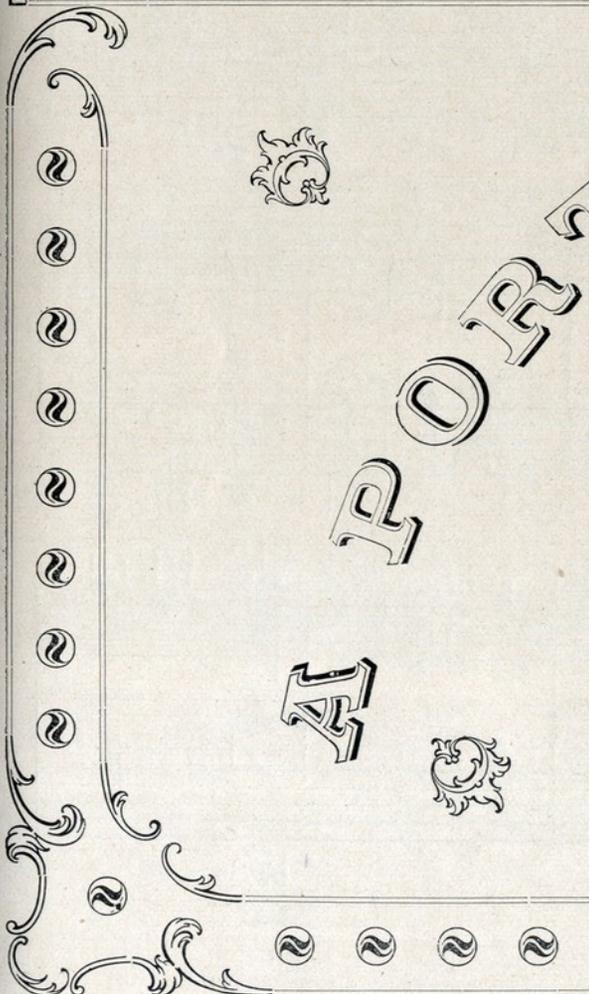
Alfredo Keil
AUCTOR DE «A PORTUGUEZA»



A PORTUGUEZA



Henrique Lopes de Mendonça
AUCTOR DA LETRA DE «A PORTUGUEZA»



A Portuguesa

First system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is common time (C). The music begins with a forte (*f*) dynamic. Pedal markings are present below the bass staff: "Ped * Ped * Ped * Ped * Ped".

Second system of musical notation. The music continues with a piano (*p*) dynamic marking. Pedal markings "Ped *" are located below the bass staff.

Third system of musical notation. A large "V" symbol is placed above the treble staff. The music continues with a piano (*p*) dynamic. Pedal markings "Ped *" are located below the bass staff.

Fourth system of musical notation. The music features a forte (*f*) dynamic marking and a piano (*p*) dynamic marking. A triplet of eighth notes is marked with a "3" above it. Pedal markings "Ped *" are located below the bass staff.

pp *cres.* *poco* *e* *poco*

ff *p*

ff *ff*

Ped * *Con 8^a* Ped * Ped * *Con 8^a* Ped * Ped *

Ped * *Con 8^a* Ped * Ped * *Con 8^a* Ped * Ped * Ped * Ped *

D.C.

Ped * Ped * Ped *

A Portugueza

I

Heroes do mar, nobre povo,
Nação valente, immortal.
Levantae hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memoria,
Oh patria, sente-se a voz
Dos teus egregios avós
Que ha-de guiar-te á victoria!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria luctar!
Contra os canhões marchar!

II

Desfralda a invicta bandeira
A' luz viva do teu céo!
Brade a Europa á terra inteira:
Portugal não pereceu!
Beija o solo teu jueundo
O Oceano, a rugir d'amor;
E o teu braço venedor
Deu mundos novos ao mundo!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar, etc.

III

Saudae o sol que desponta
Sobre um ridente porvir;
Seja o echo d'uma affronta
O signal do resurgir.
Raios d'essa aurora forte
São como beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustem,
Contra as injurias da sorte.

A's armas! sobre a terra, sobre o mar, etc.